UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física

TALITA GONÇALVES DUARTE

Teatro do Oprimido: Possibilidades metodológicas para as aulas de Educação Física

SÃO PAULO

2022

TALITA GONÇALVES DUARTE

Teatro do Oprimido: possibilidades metodológicas para as aulas de Educação Física

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Porto Filgueiras

SÃO PAULO

2022

Ficha catalográfica elabora pela Biblioteca da Universidade São Judas Tadeu

Bibliotecária: Tathiane Marques de Assis – CRB 8/8967

D875t

Duarte, Talita Gonçalves.
Teatro do Oprimido: possibilidade metodológicas para as aulas de Educação Física. / Talita Gonçalves Duarte. - São Paulo, 2022.
f. 138: il.; 30 cm.

Orientadora: Isabel Porto Filgueiras.
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. 2022.

1. Educação física escolar. 2. Teatro do oprimido. 3. Pedagogia do oprimido. 4. Possibilidade metodológica. I. Filgueiras, Isabel Porto. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física. III. Título.

CDD 22 – 796

Teatro do Oprimido: possibilidades metodológicas para as aulas de Educação Física

BANCA EXAMINADORA TITULAR:

_____

Profª. Drª. Isabel Porto Filgueiras

Universidade São Judas Tadeu

_____

Profª. Drª. Bruna Gabriela Marques

Universidade São Judas Tadeu

_____

Profª. Drº. Mesaque Silva Correia

Universidade Federal do Piauí

BANCA EXAMINADORA SUPLENTE:

_____

Profª.

Universidade

_____

Profº.

Universidade

São Paulo – Brasil

2022

Dedico este trabalho àqueles a quem dedico minha vida: meus filhos Lavínia e Lorenzo, Márcia, minha mamãe a quem tanto amo, a meu papai Duarte *(in memorian)* e a vovó Rosa *(in memorian)*, que serão sempre minha grande inspiração.

AGRADECIMENTOS

Só motivos para agradecer! Esse mestrado foi mais que um sonho, mais que um presente, algo sonhado na lira de minha juventude, mas que só pode ser realizado muito tempo depois, mas que sem dúvida, a bagagem que trouxe com o tempo fez tudo ser ainda mais fascinante.

Agradeço a Deus, claro, sem Ele nem o sopro da vida eu teria, quiçá o entendimento necessário neste percurso, e a oportunidade, à Maria Santíssima, pois foi a ela que roguei tantas vezes entre lágrimas pelos percalços.

Passei por muitos momentos difíceis nos últimos anos, mas eles estavam lá, apoio, força, bálsamo, eles são tudo que eu preciso, a quem agradeço, e a eles dedico todo meu trabalho! **Lorenzo Gonçalves Duarte Auriemo, Lavínia Gonçalves Duarte Auriemo,** meus filhos que são a razão de meu existir, e **Marcia Gonçalves Duarte,** a mãe que sem dúvida eu não mereço, mas agradeço imensamente por ter, e a meu pai **Antonio Daniel Duarte,** que mesmo estando ao lado de Deus agora, foi meu maior inspirador, aquele que me ouvia toda noite após a faculdade, contando sobre minhas descobertas, e que no período do mestrado me fez muita falta, a **Nadia Carvalho Marques,** obrigada pelo apoio, e a **Wilma Carla do Amaral** gratidão pela inspiração.

Aos meus alunos e ex alunos um agradecimento cheio de carinho. São 12 anos na mesma escola, me sinto em família com eles, e talvez por isso eu tenha me sentido em paz e encorajada para realizar a pesquisa pensando em tal público.

A **Prof. Dra. Isabel Porto Filgueiras,** minha orientadora de TCC na época da graduação e minha ilustre orientadora agora no mestrado, especialmente por cada conselho e puxão de orelha, por cada sábia palavra, além de sem dúvida alguma ser um anjo em toda minha vida acadêmica e à **Prof. Dra. Bruna Gabriela Marques,** que foi de vital importância para meu projeto, me trazendo a si, e me mostrado que meu projeto estava encaminhado, porém faltava minha identidade, da minha loucura artística tão necessária, e por sua participação riquíssima em minha banca de qualificação, assim como ao **Prof. Dr. Mesaque Silva Correira,** que com sua forma única de fala, trouxe diversas contribuições para meu trabalho, que após a banca de qualificação se tornou muito mais entendível em si.

Aos queridos professores que atuaram como amigos críticos, pela disponibilidade, atenção e carinho com o qual olharam meu trabalho e pela demasiada ajuda que me trouxeram, elucidando minha pesquisa e meus desejos enquanto docente e pesquisadora.

A coordenação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade São Judas Tadeu, na pessoa da Dra. Maria Luiza de Jesus Miranda e a todo corpo docente, muitos dos quais já havia tido o prazer de ser aluna durante a graduação, e que me fizeram relembrar a paixão pelo estudo e pela pesquisa.

A meus colegas de turma e grupo de orientandos da prof. Isabel, amigos de ciência, que possibilitaram trocas incríveis de materiais e experiências.

A Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pela possibilidade de realização de disciplinas extracurriculares, que foram de enorme proveito em meu projeto, e as professoras regentes das turmas Ana Luiza Jesus da Costa e Marcia Aparecida Gobbi.

Aos meus mestres durante todo meu percurso acadêmico, desde a pré-escola, até o mestrado, a todos que me encorajaram e suscitaram o melhor de mim.

Aos meus mestres na arte do teatro, especialmente ao prof. Léo Tavares, que foi meu primeiro diretor teatral, que me fez embebedar do suco intenso da arte, e a todos os grupos teatrais pelos quais passei, a todas as produções já realizadas, a todos que me ensinaram com prazer e me fizeram enamorar loucamente pelo teatro.

A todos aqueles e aquelas que, porventura, não tive a capacidade de evidenciar, mas certamente, sendo coerente com minhas reflexões iniciais, estiveram presentes nesse percurso.

“Ensinar exige rigorosidade metódica; ensinar exige pesquisa; ensinar exige respeito aos saberes do educando; ensinar exige criticidade; ensinar exige estética e ética; ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo; ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; ensinar exige reflexão crítica sobre a prática; ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando; ensinar exige bom senso; ensinar exige reconhecimento e a assunção da identidade cultural; ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Após leituras referenciais, sobre a perspectiva discente nas aulas de Educação Física escolar, produzidas nas três últimas décadas, ficou clara a superficialidade de tratamento do tema, pois muito se fala sobre, mas pouco se aprofunda, ou pior, pouco ainda se intervém para de fato considerar as crianças e os jovens na pesquisa, bem como na prática pedagógica. O Teatro do Oprimido, em seu viés educacional, é uma das possibilidades metodológicas no campo da arte, que prima pela escuta e pelo diálogo, conceitos freireanos que têm influenciado propostas pedagógicas da educação física escolar. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa, em auto-estudo, mediado por amigos críticos pretendeu-se: compreender as reflexões e transformação do planejamento de um projeto didático as aulas de Educação Física, com base nas pedagogias críticas, e então descrever e interpretar as relações teórico-metodológicas estabelecidas pela professora/pesquisadora durante a elaboração de uma proposta didática para as aulas de Educação Física, fundamentada nas teorias críticas da área, na pedagogia do oprimido de Paulo Freire e na proposta de jogos teatrais de Augusto Boal, construindo de forma colaborativa, junto aos amigos críticos, uma proposta para o ensino da Educação Física, que seja mobilizadora do diálogo, da escuta e da análise crítica da relação opressor/oprimido nas práticas corporais,, visando o envolvimento dos estudantes no processo de análise crítica das relações de opressão presentes na sociedade. Como instrumentos de produção de informações foi elaborado um projeto didático, enviado a três amigos críticos, estudiosos dos temas geradores desta pesquisa, nas áreas de Educação Física Crítica, Teatro do Oprimido e Pedagogia do Oprimido, e após análise dos mesmos, foram estabelecidos, por meio de videoconferência diálogos, entre a primeira autora e os amigos críticos separadamente. Os diálogos foram gravados e transcritos, depois tratados por análise temática. A análise temática evidenciou que o diálogo com os amigos críticos proporcionou à professora/pesquisadora, reposicionar a proposta, e ampliar suas reflexões a partir de **cinco temas.** O trabalho evidencia a contribuições da metodologia de auto-estudo mediada por amigos críticos, para a formação continuada de docentes, pouquíssimo considerada nos programas de pós-graduação em Educação e Educação Física do Brasil, além de possibilitar uma melhoria nas práticas da professora/pesquisadora a qual, por meio da pesquisa, avançou em sua busca por criar uma estratégia de escuta dos estudantes, essa que traria reflexões através de momentos de diálogo sobre situações das aulas, em seu grande teatro que é fazer esportes na escola, com suas adaptações e especificidades, entendendo este contexto como um grande palco de intervenção, utilizando-se de estratégias do Teatro do Oprimido. A análise das informações também demonstrou que a variedade de pontos de vista oriundos da formação e da experiência dos amigos-críticos, proporcionou que a professora/pesquisadora uma melhor observação de sua proposta de prática, sob diferentes ângulos, tendo uma visão muito mais ampla e rica dos processos que envolvem a elaboração de nossos planejamentos. Conclui-se que a pesquisa em auto-estudo, favorecida pela visão de outrem, no caso, os amigos críticos, se beneficia da diversidade de pontos de vista oferecidos a professora/pesquisadora, e apoiando o processo reflexivo sobre todo planejamento didático pedagógico, e sobre a forma como a educação física escolar pode enriquecer momentos de reflexão crítica nos discentes, ouvindo suas percepções e anseios, tão cruelmente esquecidos junto às carteiras enfileiradas e reclusas de diversas salas de aula.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Pedagogia do Oprimido. Teatro do Oprimido. Possibilidade metodológica. Amigo Crítico.

ABSTRACT

After referential readings, about the student perspective in Physical Education classes at school, produced in the last three decades, the superficiality of treatment of the theme became clear, since much is said about it, but little is deepened, or worse, little is intervened to de considering children and young people in research, as well as in pedagogical practice. The Theater of the Oppressed, in its educational bias, is one of the methodological possibilities in the field of art, which excels in listening and dialogue, Freirean concepts that have influenced pedagogical proposals for school physical education. Characterized as a qualitative research, in self-study, mediated by critical friends, it was intended to: understand the reflections and transformation of the planning of a didactic project for Physical Education classes, based on critical pedagogies, and then describe and interpret the theoretical relations -methodologies established by the teacher/researcher during the elaboration of a didactic proposal for Physical Education classes, based on critical theories of the area, on Paulo Freire's pedagogy of the oppressed and on Augusto Boal's proposal of theatrical games, building collaboratively, together with critical friends, a proposal for the teaching of Physical Education, which mobilizes dialogue, listening and critical analysis of the oppressor/oppressed relationship in bodily practices, aiming at involving students in the process of critical analysis of oppressive relationships present in society. As instruments for the production of information, a didactic project was elaborated, sent to three critical friends, scholars of the themes generating this research, in the areas of Critical Physical Education, Theater of the Oppressed and Pedagogy of the Oppressed, and after analyzing them, were established, by through videoconferencing dialogues, between the first author and her critic friends separately. The dialogues were recorded and transcribed, then treated by thematic analysis. The thematic analysis showed that the dialogue with critical friends allowed the teacher/researcher to reposition the proposal and broaden her reflections based on five themes. The work highlights the contributions of the self-study methodology mediated by critical friends, for the continuing education of teachers, very little considered in postgraduate programs in Education and Physical Education in Brazil, in addition to enabling an improvement in the practices of the teacher/researcher which, through research, advanced in its quest to create a strategy for listening to students, one that would bring reflections through moments of dialogue about classroom situations, in its great theater that is playing sports at school, with its adaptations and specificities, understanding this context as a great stage for intervention, using Theater of the Oppressed strategies. The analysis of the information also demonstrated that the variety of points of view arising from the formation and experience of the critical friends, provided the teacher/researcher with a better observation of her proposed practice, from different angles, having a much broader and more comprehensive view. of the processes that involve the elaboration of our plans. It is concluded that self-study research, favored by the view of others, in this case, critical friends, benefits from the diversity of points of view offered to the teacher/researcher, and supporting the reflective process on all pedagogical didactic planning, and on how school physical education can enrich students' moments of critical reflection, listening to their perceptions and anxieties, so cruelly forgotten along with the lined up and secluded desks in different classrooms.

Keywords: School Physical Education. Pedagogy of the Oppressed. Theater of the Oppressed. methodological possibility. Critical Friend.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Augusto Boal e Paulo Freire em ocasião de evento de recebimento do título de Doutor Honoris Causa pela University of Nebraska, Estados Unidos, em 1996.
FIGURA 2: Augusto Boal e Paulo Freire em Conferência Internacional de Teatro do Oprimido, nos Estados Unidos.
FIGURA 3: Limpeza urbana
FIGURA 4: Educação remota
FIGURA 5: Racismo no futebol
FIGURA 6: Descontente com a árbitra
FIGURA 7: Obesidade infantil
FIGURA 8: Futebol é coisa de menino
FIGURA 9: Chute-me
FIGURA 10: Menino não dança e menina não joga bola
FIGURA 11: Marionete
FIGURA 12: Ser marionete depende de você
FIGURA 13: Você não será ninguém

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Estudos analisados (1992 a 2021)
TABELA 2: Projeto: Aula 1
TABELA 3: Projeto: Aula 2
TABELA 4: Projeto: Aula 3
TABELA 5: Projeto: Aula 4
TABELA 6: Projeto: Aula 5
TABELA 7: Projeto: Aula 6
TABELA 8: Projeto: Aula 7
TABELA 9: Projeto: Aula 8
TABELA 10: Alterações Aula 1
TABELA 11: Alterações Aula 2
TABELA 12: Alterações Aula 3
TABELA 13: Alterações Aula 4
TABELA 14: Alterações Aula 5
TABELA 15: Alterações Aula 6
TABELA 16: Alterações Aula 7
TABELA 17: Alterações Aula 8 e 9

SUMÁRIO

1. EU ARTÍSTICO E MEU EU DOCENTE 13
2. INTRODUÇÃO 19
2.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA 19
2.2 PROBLEMA 20
2.3 OBJETIVOS 21
3. O QUE DIZEM OS AUTORES 22
3.1 PERSPECTIVA DISCENTE 22
3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTE 25
3.2.1 Ressignificação da prática docente: Teatro e Educação juntos? 25
3.2.2 Educação Física Crítica e o Papel Docente 28
3.3 NOSSOS REFERENCIAIS 35
3.3.1 Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido 35
3.3.2 Augusto Boal e o Teatro do Oprimido 41
3.3.3 Proposta de Freire e Boal: Escuta e Diálogo 47
4. METODOLOGIA 50
4.1 PROJETO DIDÁTICO IDEALIZADO: OPRESSOR E OPRIMIDO PELO OLHAR DOS JOGOS TEATRAIS 56
4.2 METODOLOGIA DO AMIGO CRÍTICO 69
5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 73
5.1. PROJETO PÓS ESCUTA DOS AMIGOS CRÍTICOS 88
5.1.1 (Campeonato e/ou Festival) 88
5.1.2 Reformulação do projeto inicialmente idealizado 90
6. CONSIDERAÇÕES 96
REFERÊNCIAS 104
ANEXO I 111
ANEXO II 113
ANEXO III 114
ANEXO IV 115

1. EU ARTÍSTICO E MEU EU DOCENTE

> A arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres, que poderiam mudar o mundo.
> (HERBERT MARCUSE, 2018, p. 36)

Quando desejei realizar esse trabalho não imaginava o caminho que iria percorrer. O mestrado foi algo novo para mim, um desejo antigo, mas totalmente reformulado diante de minha trajetória. Iniciei a disciplina de Seminários de Pesquisa na Universidade São Judas Tadeu, uma oportunidade incrível de repensar o projeto, de organizar as ideias, enfim, contei com a grande colocação da Prof. Dra. Bruna Garcia Marques, ao me perguntar: "*Onde está a Talita neste trabalho? Senti falta da artista, da atriz... Faltou a Talita e seu eu artístico! "* Pois bem, inicio este trabalho então apresentando quem sou, depois de lembrar-me disso, tomei caminhos inesperados e que me deixaram cheia de orgulho e coragem para esta produção.

Para quem acredita em astrologia, nasci dia 28 de julho de 1989, signo de Leão, que é conhecido por seu toque artístico, por seu gosto por brilhar, por estar em evidência, e acho que realmente nasci para tal. Desde pequena me dediquei aos esportes, uma grande paixão que aprofundei na E.E. Prof. Hadla Feres, escola localizada em Carapicuíba, Grande São Paulo, na qual tive o prazer de conhecer também aquela que seria uma de minhas maiores paixões, as Artes, fato que demonstra a importância da escola na formação social do sujeito.

Na 5ª série, iniciei vivência no Coral da escola, inicialmente cantando, depois tocando violão (e o impulso para a instrumentalização veio desde coral), e no ano seguinte na CIA EDUCAAART (Educação Ambiental Através da Arte), uma companhia de teatro da própria escola que mudou minha vida. Pude viver vários papéis, tive acesso aos mais diversos cenários, e pude viver experiências incríveis, na Câmara Municipal de São Paulo e em Brasília, no Senado, por exemplo, apresentando um trabalho teatral voltado para o meio ambiente. Nesta ocasião, fui apresentada a diversas autoridades, ativistas, a um mundo que na minha juventude parecia sem dúvida muito além das expectativas de uma jovem aluna da periferia da grande São Paulo. Estudei diversos autores e dramaturgos, bem como variadas vertentes do teatro nacional e mundial, se iniciava então, na escola, minha jornada pelo caminho da Arte.

O tempo foi passando, tive uma relação com o religioso desde pequena, comecei a tocar e cantar na Igreja Católica, e fui convidada para o Ministério das Artes da Renovação Carismática Católica, onde pude atuar e dançar, produzir e tive a honra de dirigir minha primeira peça teatral, um musical que apresentado no Teatro Municipal de Barueri, contou com banda ao vivo, cantor de outro estado vindo especialmente para a produção e muita emoção. Concomitante a isso, me dedicava a coordenar o grupo de jovens da igreja, e com eles apresentamos incontáveis peças e coreografias, algumas convidadas para apresentações em outras localidades e ganhamos o reconhecimento de toda cidade e de suas autoridades religiosas e políticas.

Este processo todo, escola, igreja, o ativismo ambiental e social, me faziam viajar pelos meios das artes, mas também, me sentir útil fazendo o que amava, levando diversos sentimentos para cada pessoa com a qual tinha o prazer de cruzar, ou ao qual meu trabalho tocava, assim, na lira de meus 16 anos, por esse engajamento com as atividades sociais da igreja, e também sobre o meio ambiente, que iniciei na escola, fui convidada a participar de um projeto que foi um marco em minha vida. O evento “DNA do Brasil Real”, onde 50 brasileiros comuns pensavam o futuro do país, debatendo os mais diversos temas e compartilhando experiências em um final de semana muito rico. Esse evento aconteceu após o “DNA do Brasil”, onde 50 celebridades das mais diversas áreas pensavam o país e seu futuro, mas segundo a organização do evento, pareceu algo muito superficial, eles de fato não representavam o Brasil verdadeiro, por isso se deu início este projeto do qual participei e tive a honra de ser a mais jovem entre os demais participante. Após esse momento único, pude perceber que essa era minha vocação, minha missão, tentar mudar o mundo do meu jeito, onde vivo, pensando o futuro, agindo no presente, e daí tive certeza da minha profissão, queria ser professora, mas uma professora necessária a meus alunos. Como produto final, lançamos uma “Carta dos Brasileiros aos Brasileiros”, um livro sobre o evento e outros dois sobre as temáticas trabalhadas. Pensar os problemas sociais, a relação oprimido e opressor, me encantou totalmente e ainda mais após esse evento.

Aos 19 anos fui convidada para participar do Grupo de Teatro Somniare, onde interpretei Amanda Parente, minha primeira vilã, neste grupo aprendi muito sobre improviso e jogos teatrais, trazendo grande base a ser utilizada neste trabalho.

Sou graduada em Educação Física pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e tive a alegria de ter como minha orientadora no TGI (Trabalho de

Graduação Interdisciplinar) a mesma que com maestria me orienta hoje, a Prof. Dra. Isabel Porto Filgueiras, e tentei juntar meus amores, Educação Física Escolar e Artes Cênicas, buscando afirmar a hipótese de existir uma melhora no desenvolvimento social e afetivo de alunos através do uso dos jogos teatrais, o que conseguimos notar com os resultados do estudo.

Concomitante a isso, iniciava minha participação no maior espetáculo da cidade de Carapicuíba, “O Drama da Paixão de Cristo”, realizado no teatro arena, na própria cidade, um evento que mudaria minha vida pessoal e profissional, participei deste espetáculo por 10 anos, foi lá onde conheci meu ex marido, e com ele constituí uma família com dois lindos filhos, que claro, mesmo depois da separação seguiram meus passos no teatro, e hoje durante 3 meses por ano nos dedicamos a esse espetáculo, eu, meus filhos e minha mãe, a quem também puxei para esse meio mágico. Fiz os mais diversos papéis neste espetáculo e conheci diretores incríveis, fui convidada para outros espetáculos e curti momentos únicos.

Em 2018, iniciamos a produção do espetáculo “O que é o amor?”, que viria a ficar em cartaz no Teatro FUCA em Carapicuíba, porém dois meses antes da estreia sofri um acidente, e quebrei o tornozelo, precisando de uma cirurgia que me rendeu 6 pinos e uma placa, meu mundo caiu, especialmente quando perguntei ao cirurgião se voltaria a dançar e atuar e ele não me deu muitas esperanças, mas a arte está em mim, então encontrei forças, um mês de cama, um mês de fisioterapia intensa e voltei aos palcos, na personagem Afrodite, que infelizmente teve que sofrer adaptações em cena para que eu pudesse atuar, ela se manteve bastante tempo sentada no Olimpo, mas a dança final era minha, e assim a fiz, superação, a arte me fazia renascer, mesmo quando não se acreditava.

A música, a dança, a arte, nunca saíram da minha vida, mas agora estavam ainda mais intensas, fui convidada para o musical Devaneios, para fazer parte da banda do espetáculo que ficou em temporada na Sala Irene Ravache no Teatro Raposo Tavares. Após, a mesma companhia responsável, SOMA, iniciou a montagem do espetáculo “Serena Gota D’Água”, onde tive o prazer imenso de fazer a direção musical, ao lado de meu grande amigo Marco Sansi, e minha primeira protagonista, a personagem Serena, de uma força enorme, um novo desafio, seja pelo fato de cantar em cena, seja pela grandiosidade do projeto, que foi fomentado pelo fundo municipal de cultura de Jandira.

No segundo semestre de 2022, estive em cartaz com o espetáculo “Otelo, o Mouro de Veneza”, um musical baseado na obra de Shakespeare, embalado ao som

de Wilson Simonal, que trouxe uma adaptação incrivelmente reflexiva sobre a posição de opressão do negro, neste além da atuação, fui responsável pela direção de coreografia, onde durante a elaboração das mesmas tive o desejo de sempre representar com o corpo de nossos bailarinos a dor da opressão e a reflexão da necessidade de luta.

Neste ano, janelas se abrem ainda mais para mim, TV e Cinema agora fazem parte de meu trabalho artístico, diversas figurações, dois filmes. Parece realmente que tudo em mim gira em torno das artes e do ser professora. Trouxe um pouco da minha trajetória enquanto artista, e acredito que assim fique mais fácil a leitura e o entendimento de meu trabalho, assim como fui confrontada no início do mestrado, não ouso fazer este estudo sem colocar meu eu artista em cada pequena célula do mesmo. Portanto, não poderia unir melhor minhas paixões Educação Física Escolar, Artes Cênicas e o Teatro do Oprimido, que se tornou junto à teoria de Paulo Freire sobre a Pedagogia do Oprimido um instrumento, uma estratégia e é quase uma "filosofia profissional e pessoal".

Posto quem sou eu em minha trajetória artística, faz-se necessária minha narrativa sobre meu eu docente! Quando criança pensava em ser de tudo um pouco, mas sempre tinha nas tardes de outrora, meus ursos de pelúcia e bonecos enfileirados, sentados e prestando atenção na lousa que sem dúvida sempre foi um dos meus brinquedos favoritos, aprendi a ler facilmente e meu hobby, diferente das demais crianças da família era muito dedica a meus amigos livros, que me levavam longe, me faziam conhecer o mundo, e mais uma vez, na posição de ensinar eu lia e relia trechos a meus alunos fantasiosos, além de concorrer tempo com as tarefas do lar de mamãe e a rotina de trabalho do papai, mas sempre na busca por contar, por informar, por ensinar algo que na minha visão infantil, apenas eu sabia e somente eu poderia passar a todos eles.

A infância foi se esvaindo, mas o gosto pela docência, pelo ensinar, não, este permaneceu. Fiz todos projetos possíveis na escola, olimpíadas e projetos de tutoria para ajudar aquele com mais dificuldade, existia em mim uma verdadeira atração pela instituição escola e por tudo que ela me proporcionava, não estranhamente, na juventude pensei em ser professora, não sabia bem de qual área ainda, mas já tinha como certo o fato de que seria professora. Meu vestibular foi um tanto confuso, prestei Matemática, Ciências Biológicas, História, Musicoterapia, Artes Cênicas e Educação Física, seria mais fácil escolar se não tivesse tido êxito geral, foi então onde na

pressão pela escolha decidi ver o melhor de mim em cada área, e vi na Educação Física a possibilidade de trabalhar com o que eu mais amava, o corpo, com o movimento, com a dança, com a expressão, com as artes, juntando elementos de todas essas áreas que um dia pretendi, como era fascinante os movimentos biomecânicos e o uso da matemática em cada pequeno movimento, como era incrível entender a biologia, a anatomia humana, a nutrição, a fisiologia que a biologia traz, a história além do hoje, descobrir o momento e os motivos em que cada esporte foi criado, entender melhor a história através dos jogos olímpicos da época, por exemplo, na música e na dança, a terapia que se fazem presente em cada aula do tema, em especial nas danças expressivas que proporcionam ao indivíduo ser quem ele é e se libertar de quem não se deseja ser, e sobre as artes cênicas, ao meu ver, tudo se encaixando, o ser se expressando, usando seu corpo para derrubar máscaras, ou para colocar outras máscaras, mas falando junto a seu movimento, como o que mais me encanta na Cultura Corporal de Movimento.

Dessa forma, me vi em um ambiente de aprendizado incrível, com professores dispostos a nos enlouquecer de tanto pensar, claro, fato que amei. Amei cada disciplina prática, sobre cada esporte, conhecer mais, metodologias para ensino, amei cada pedacinho, mas não poderia mentir, as disciplinas pedagógicas roubaram meu coração, professores totalmente apaixonados pelo que faziam, deixaram em mim uma certeza não utópica, mas realista do quão difícil era o chão da quadra, mas de quanto poderíamos fazer a diferença neste contexto. Didática, Ética, Sociologia, algumas disciplinas com nomes enormes, mas que no fundo tratavam o olhar atrás dos esportes, o olhar do aluno em seu contexto, daquele que eu iria conhecer ao chegar na escola, e de quanto a realidade deste aluno afetaria sim meu ensinar. Fiz estágio na escola que eu estudei, vi o outro lado da coisa, mas infelizmente notei que aquela escola que me fez despertar para tantas coisas se perdeu, mudou totalmente e tantos outros não tiveram a mesma oportunidade de experiências que eu tive. Pouco notei sobre a prática, me formei como quase todo professor se forma, querendo mudar o mundo, acreditando que ninguém vai te segurar e que apesar das dificuldades, você vai ser o melhor. É aí que temos nosso primeiro contato com a capoeira, pois a vida nos dá uma bela rasteira! Lembrando de cada ensinamento, aí sim pude ver as diferenças, era eu e eles, uma sala cheia de alunos sedentos, alguns de conteúdo, outros de limites, outros de atenção, mas todos com sede de algo, e eu com sede de ensinar, mas não basta!

Durante os 12 anos que fiquei na escola onde iniciei e estou atualmente, tentei me reinventar, tentei sair do básico, busquei projetos e parcerias, teatro, coral, projeto de esportes de aventura, projeto lutas, festivais de dança, projetos envolvendo olimpíadas estudantis, inter e extraclasses, levando nossos alunos a voarem, a sonharem com um futuro melhor, em conhecer outro país, em conhecer pessoas e locais que talvez eles não tivessem a oportunidade. Fiz diversas parcerias de sucesso, outras nem tanto, mas todas deixaram um legado para a escola, para os alunos e também para mim. Porém, não parei para analisar como foi esse legado deixado, o que esse tipo de prática alternativa trouxe de positivo ou negativo para os alunos, nunca parei para pensar de fato, o que os meus alunos teriam a dizer sobre tais mudanças. Tentando mudar, pois mudar é necessário, se aprimorar é necessário eu busco mais uma vez encontrar uma prática de ensino necessária, mas dessa vez não posso deixar ela apenas acontecer, quero ouvir o meu aluno sobre tudo aquilo que ele tem a dizer!

Este ano passamos por um processo de construção de um trabalho de finalização ode curso para os alunos do 9º ano, onde mostrando sua autonomia, os alunos escolhem o tema a ser trabalhado e a forma como este será feito. Para minha alegria, o grupo onde fui responsável pela orientação escolheu um tema relacionado à uma minoria, falando sobre o Racismo na Educação Física e no Esporte, e nos possibilitando refletir sobre esta relação de opressão de forma prática. Após entrevista com os alunos dos 7ºs, 8ºs e 9ºs anos, pudemos entender e apresentar através de gráficos estatísticos a quantidade de alunos que sofreram ou presenciaram situações de racismo na escola, fora dela e especificamente na Educação Física e no Esporte, o que nos trouxe números alarmantes, e buscando uma pequena intervenção foi elaborado um mural com frases dos próprios alunos sobre o racismo. Um momento incrível, onde pude trazer essa reflexão da relação opressor oprimido dentro do contexto de minha área de ação.

No início de 2022 tive o prazer de concluí minha segunda graduação, uma Licenciatura Plena em Pedagogia, o que me fez ver com olhos ainda mais atentos os fatores pedagógicos da Educação Física e do ensinar em si, e que sem dúvida contribuíram, e muito, a formulação deste trabalho, me trazendo uma paixão ainda maior pela Educação Física Escolar, e a certeza de que é aí onde quero atuar e fazer toda diferença.

Boa leitura...

2. INTRODUÇÃO

> “Lobos? São muitos. Mas tu podes ainda A palavra na língua. Aquietá-los. Mortos? O mundo. Mas podes acordá-lo. Sortilégio de vida. Na palavra escrita. Lúcidos? São poucos. Mas se farão milhares. Se à lucidez dos poucos. Te juntares. ”
>
> (HILDA HIST, 1974)

2.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Trago dessa minha experiência, como uma professora que recém-formada adentrou o mundo do lecionar, cheia de anseios e sonhos de realização pessoal e profissional, que com o passar do tempo, ano após ano, turmas após turmas, vejo a necessidade de se reinventar! Uma história de mais de 11 anos atuando na mesma escola, dando aula para membros da mesma família, para gerações, enfim, um fazer parte da comunidade escolar e social daquele contexto. Aí, se inicia, então, a escolha do meu tema de pesquisa, onde sinto a necessidade de saber como está minha prática profissional, e como, se ela mudou, na melhora, ou na piora, mas precisando entender em qual patamar me encontro hoje, e visando então, entender se o tipo de prática que desenvolvendo durante esses dez anos ainda surte um bom efeito.

Mendes e Baccon (2015) afirmam que ser professor é um grande desafio que busca preparar o aluno para uma vivência ativa em uma sociedade de mudanças e incertezas, formar um cidadão crítico e ativo de forma política e social. Ser docente segundo a epistemologia da palavra é ensinar, mas precisamos entender que não é apenas professar um saber, reproduzir, mas de fato fazer com que os outros aprendam o que você deseja ensinar e para isso o professor precisa estar em constante formação e atualização para continuar aprendendo a ensinar em diálogo constante com os estudantes, pois como afirmava Paulo Freire, não existe docência sem discência.

Não é nada fácil ser um profissional do ensino, mas além do saber ensinar, precisamos nos entregar, estar imersos em todas as relações que essa prática exige e que o saber e o afeto precisam estar intimamente ligados, apesar de ser algo muito desgastante, todo profissional da educação precisa dominar conteúdos, mas isso não basta para fazer esse profissional um bom professor. A profissão docente traz a dualidade entre afeto e saber, visto que o professor está sempre envolvido com pessoas, está sempre imerso em relações complexas, e então na junção dessas

relações com o domínio dos conteúdos, temos a prática docente. Vale destacar que o ensinar é uma atividade que demanda tempo, materiais, esforços de todos os envolvidos, é um trabalho de gasto energético afetivo, para que o professor possa de fato marcar a vida de seus alunos, seja na sua individualidade, seja no coletivo.

Para que a docência aconteça em sua plenitude o professor deve dialogar com os estudantes, no entanto, tradicionalmente na área da Educação e da Educação Física, pouca ou nenhuma atenção é dada ao que o aluno tem a dizer, pouco se ouve dos alunos, pouco eles opinam durante as aulas e os seus conteúdos.

Percebo em minhas aulas, que quando o assunto vem de encontro ao interesse deles, de forma significativa e significante, a demanda se torna muito mais produtiva, eles se empenham muito mais e o ambiente se torna extremamente prazeroso. A necessidade deste, de pensar-se enquanto professor precisa ser pautada em algo real, naquilo que aqueles que mais são influenciados por suas práticas podem dizer sobre seu trabalho, o aluno apresenta voz, mas pouco se tem ouvidos para ouvi-lo, o que vai em contrapartida ao ideal de uma Educação reflexiva e crítica, e aqui preciso investigar como ampliar as ações de diálogo desenvolvidas por mim, sob o ponto de vista dos educandos.

2.2 PROBLEMA

Diante destas indagações me veio à mente qual seria a melhor forma de avaliar esta situação? Ouvir os alunos! Certo? Afinal de contas, somente eles podem dar o *feedback* que eu realmente desejo, sendo eles o objeto e a razão do meu trabalho. Isto posto, passei a indagar qual a melhor forma de ouvir esse meu aluno, e fui procurar referenciais para tal. Após longa pesquisa, que culminou até mesmo em trabalho específico e premiado em congresso (Duarte; Filgueiras, 2021) sobre as lacunas que nossa área ainda apresenta quando se trata de considerar a perspectiva discente, levantei a questão central de minha prática que gostaria de elucidar por meio do auto estudo mediado por amigos críticos: a utilização de jogos teatrais na perspectiva do teatro do oprimido possibilita ampliar a escuta e o diálogo com os estudantes e o tratamento crítico e reflexivo das práticas corporais e suas relações com a opressão? Para elucidar essa questão mobilizei a mediação de amigos críticos na etapa de planejamento de um projeto didático, buscando compreender como esses

atores poderiam contribuir com meu processo de busca por uma educação física crítica e libertadora.? Ou como poderiam me apoiar a construir uma prática educativa dialógica em minhas aulas de Educação Física utilizando e integrando os referenciais teórico-metodológicos das pedagogias críticas de Educação Física, do Teatro de Oprimido e da Pedagogia de Paulo Freire.

2.3 OBJETIVOS

Do processo de questionamento supracitado, nasceram os objetivos desta pesquisa:

Objetivo geral: compreender as reflexões e transformações do planejamento de um projeto didático para as aulas de Educação Física com base nas pedagogias críticas e no Teatro do Oprimido.

Já de forma específica, são objetivos da investigação:

- Descrever e interpretar as relações teórico-metodológicas estabelecidas pela professora/pesquisadora durante a elaboração de uma proposta didática para as aulas de Educação Física, fundamentada nas teorias críticas da área, na pedagogia do oprimido de Paulo Freire e na proposta de jogos teatrais de Augusto Boal;

- Construir de forma colaborativa com amigos críticos uma proposta para o ensino da Educação Física, que seja mobilizadora do diálogo, da escuta e da análise crítica da relação opressor/oprimido nas práticas corporais.

3. O QUE DIZEM OS AUTORES

> Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.
>
> (FREIRE 1991, p. 126)

3.1 PERSPECTIVA DISCENTE

No intuito de entender como funciona a escuta discente, busquei produções bibliográficas em Educação Física Escolar que contemplassem a percepção dos alunos, para tanto, acabei por quantificar e explorar os estudos publicados nos últimos anos sobre a temática, e acabei então, me deparando com uma realidade que justifica meu problema de pesquisa, e que é um grande alerta na necessidade de mais estudos sobre o tema.

Nos últimos anos, a área de Educação Física escolar avançou muito em relação às suas proposições pedagógicas. As abordagens surgiram e suas propostas práticas foram desenvolvidas e pesquisadas. Documentos curriculares foram sistematizados e implementados, a saber: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN (BRASIL, 1996); Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017); Parâmetros Curricular Nacional – PCN`s (BRASIL, 1997). Nesse processo muito se falou sobre considerar o ponto de vista dos estudantes, sua cultura, interesses e participação ativa no processo ensino-aprendizagem, mas pouco se pesquisou sobre o tema e as estratégias metodológicas de aula para contemplar a escuta e o diálogo com a perspectiva discente. Nota-se número reduzido de estudos que se debruçam sobre o entendimento real da perspectiva discente sobre as aulas de Educação Física Escolar. Ao analisar cronologicamente os estudos produzidos no período de 1992 - 2021 por meio de levantamento realizado através de uma revisão sistemática, a pesquisa contemplou textos produzidos nos últimos 29 anos, na base de dados GOOGLE ACADÊMICO, sob os descritores “Educação Física Escolar” *and* “Perspectiva Discente”, utilizando-se apenas de textos em português.

Como um estudo pioneiro com essa visão, a professora Irene Betti, em 1992, para seu mestrado, aborda a temática da prática da Educação Física na visão

discente, em trabalho intitulado *O prazer em aulas de Educação Física Escolar: A perspectiva discente.* A pesquisa investigou como os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio percebiam o prazer no contexto das aulas, por meio de entrevistas. Segundo a autora, nota-se nos professores o desejo pelo concreto, pelo resultado, importam-se pouco com o efeito que as aulas podem ter nos discentes, focam mais nos aspectos quantitativos, possivelmente porque Educação Física sofre mais influência da área da Saúde e do que da Pedagogia e Psicologia.

Diante destes relatos, reforço a valia do presente estudo, que em 2022 se faz ainda muito pertinente, onde diante da lacuna entre teoria e prática, e também da discrepância entre a percepção da prática do docente *versus* a assimilação do aluno, se faz totalmente necessária para uma boa atuação profissional a investigação dos anseios dos alunos, o ouvir de suas dúvidas e sugestões, sendo eles os autores primordiais do processo de ensino-aprendizagem, suscitando crianças e jovens críticos, autônomos, *doutores de si*, e o papel do professor de Educação Física para essa gestão cidadã é de ser bom influenciador, mediador, e acima de tudo, um ótimo ouvinte.

Trago a seguir a tabela gerada após a pesquisa, e os estudos utilizados para entender melhor como vem ocorrendo a escuta discente nos últimos anos e como os estudos têm se direcionado à tratarem tal temática, de tamanha grandeza e importância.

Tabela 1: Estudos analisados (1992 a 2021)

AUTORES	**ANO**	**TÍTULO**	**METODOLOGIA**	**PERSPECTIVA DISCENTE**
BETTI, Irene	1992	O prazer em aulas de Educação Física Escolar: A Perspectiva Discente.	Entrevistas	Discentes não veem a Educação Física como uma disciplina Importante.
NASÁRIO, Terezinha	1999	Concepção da prática pedagógica do professor de Educação Física: Importância e influência no aluno.	Questionário	Fonte de socialização, conhecimento, saúde e desenvolvimento físico, mas sem atribuir grande importância.
BETTI, Mauro; LIZ, Marlene	2003	Educação Física Escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental.	Questionário (Aberto e Fechado)	As alunas veem a Educação Física como obrigação e como diversão ao mesmo tempo.

FILGUEIRAS, *et al*	2007	Concepções e preferências sobre as aulas de educação física escolar: Uma análise da perspectiva discente.	Questionário	A EF continua sendo atrelada apenas ao esporte e ao lazer.
PEREIRA, *et al*	2009	As atitudes dos alunos face a disciplina de Educação Física: Um estudo plurimetodológico.	Questionário e Entrevista Estruturada	Os alunos tem atitudes favoráveis diante da EF, especialmente pelo cunho mais livre desta, diante das mais teóricas.
ALMEIRA, *et al*	2011	Percepção discente sobre a Educação Física Escolar e motivos que levam à sua prática.	Descritivo-Exploratório com Escalas	Os alunos do ensino médio trazem simples o gosto pela prática, e em seguida o condicionamento físico.
SANTOS, *et al*	2014	Educação Física e o processo de escolarização: Uma análise sobre a perspectiva do aluno.	Narrativa dos discentes	O que se aprende nas aulas de Educação Física.
BETTI, *et al*	2015	Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do ensino fundamental: O que aprendem e o que gostariam de aprender.	Questionário Aberto	Sobre aquilo que é ensinado, os esportes se sobressaem, porém os alunos gostariam de aprender além.
SOUZA, Jaqueline; PAIXÃO, Jairo	2015	A prática do bom professor de Educação Física na perspectiva dos alunos do ensino médio.	Questionário e Análise de Grupo Focal	Os professores com maior tempo de magistério são vistos pelos alunos como melhores professores.
LIMA, Elisiane; TENÓRIO, Thiago	2016	Percepção dos alunos do ensino médio sobre as aulas de Educação Física.	Revisão Bibliográfica Narrativa	Diversos são os fatores que influenciam para que uma aula seja prazerosa.
FREITAS *et al*	2016	A identidade da Educação Física Escolar sob o olhar dos alunos do 5º ano no ensino fundamental.	Questionário	A grande maioria dos alunos gostam das aulas de Educação Física, mas entre os mais habilidosos, esse número cresce.
BOEIRA , *et al*	2017	A visão das aulas de Educação Física: Relação professor e aluno.	Questionário	A Educação Física é vista como divertimento e tem pouca intervenção do professor, o que parece diminuir sua importância.
ANISZEWSKI, Ellen	2018	O desinteresse discente nas aulas de Educação Física no ensino fundamental: análise sob a perspectiva das necessidades psicológicas básicas.	Questionário e Entrevista	Há pouca motivação psicológica nas aulas, e o fator que causa maior interesse e gosto nos alunos são as relações sociais possibilitadas duras as aulas.

FERREIRA, Maicon; TEIXEIRA, Juliana	2020	Educação Física Escolar e Saúde: entendimentos e abordagens a partir da perspectiva discente	Questionário Semiestruturado	Pouco foi tratado sobre saúde nas aulas de Educação Física Escolar.
SO, *et al*	2021	Gosto, importância e participação de meninas e meninos na educação física no ensino médio	Questionário Estruturado	A questão de gênero influencia o gostar, o participar e a importância dada à Educação Física Escolar.
PEREIRA, Luiz; FERREIRA, Lília; RAMOS, Glauco	2021	Percepções e reflexões de estudantes sobre indisciplina nas aulas de educação física	Pesquisa-Ação (Diários de aula e rodas de conversa)	A indisciplina e o desinteresse dos alunos pode ter diversos fatores sociais, psicológicos e familiares, porém grande contribuição vêm do sistema educacional.

Após a leitura dos referidos textos, e da análise da forma de escuta discente apresentada neles, fica evidenciado como a pesquisa qualitativa realizada na escola ainda tem um olhar direcionado, em uma forma de pensar a pesquisa com crianças e jovens, onde eles não são protagonistas, mas apenas como agente de fala, que além de pouco ser utilizada na literatura, essa escuta da perspectiva discente acontece muitas vezes apenas no fazer por fazer, onde o docente/pesquisador acaba por não utilizar essas concreta a utilização dessas falas e demonstrações, sem o fazer metodológico da colaboração do sujeito criança/jovem/aluno/pesquisado.

3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTE

> "Quando os alunos-atores vêem as pessoas e a maneira como se comportam quando juntos, veja a cor do céu, ouça o Soa no ar, sentem o chão debaixo deles e o vento em seus rostos, eles têm uma visão mais ampla de seu mundo pessoal e desenvolvimento no teatro é acelerado. O mundo fornece o material para o cinema e o crescimento artístico desenvolve-se de mãos dadas com o próprio reconhecimento e a si mesmo dentro dele."
>
> VIOLA SPOLIN (2011)

3.2.1 Ressignificação da prática docente: Teatro e Educação juntos?

Nos dias atuais muito se fala sobre a ressignificação da prática docente, do novo, do ideal e daquilo que seja ético, crítico e reflexivo, porém nos encontramos muito longe dessa realidade. Vamos aqui entender um pouco sobre alguns dos principais nomes que utilizaremos em nosso trabalho. No ideal de Paulo Freire (1980), por exemplo, a defesa ou a crítica de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre

determinado tema pode parecer fugir um pouco da ciência formal, mas se aproxima demasiadamente do diálogo com diversos teóricos, valorizando ainda mais as experiências e elevando a credibilidade deste tipo de método, sendo assim uma forma real de inovação.

Não podemos mais contar com uma educação elitizada, de “cabresto”, o método convencional de ensino pode até funcionar, mas se a inovação andar junto, só temos crescimento, a burocracia precisa dar lugar ao ato. Marcele Nascimento (2012), ao propor a integração entre teatro e educação física afirma que o trabalho pedagógico precisa se desconectar da burocracia e das formalidades e incluir referências mais humanas.

> Consiste, portanto, na defesa ou crítica a um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, educacional, etc.), sem que se paute em formalidades como documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter científico. Embora busca-se um diálogo com teóricos para maior credibilidade das impressões relatadas a experiência busca o aporte teórico capaz de confirmá-la ou refutá-la. (NASCIMENTO, 2012)

Os estudos de Marcele Nascimento (2012) buscam relatar diversas vivências exercidas com base na arte teatral, na dança, na linguagem corporal, sendo usados como recursos para uma alfabetização estética, muito além do restrito à “bola / quadra”. Para ela, a sensibilidade é fundamental em toda fase do ser humano, especialmente na fase criativa experimentada e possibilitada na escola. A autora defende que todo pedagogo deveria ser um pouco artista e o contato com essa realidade cênica pode ser um novo pilar na educação básica.

No contexto atual, os índices que medem a educação nacional, seja ela básica ou superior mostram situações preocupantes e esses dados estão diretamente relacionados à formação dos professores que como profissionais da educação, em especial os pedagogos, precisam unir prática e teoria para uma condição perfeita. Se tem algo que pode unir prática e teoria é o Teatro e a Educação Física, trabalhando com o imaginário do aluno, com a socialização, a oralidade e a leitura, além de despertar a visualização das ideias e do cotidiano, proporcionando um senso crítico.

> Nesta perspectiva, a proposta de aproximar Pedagogia, Teatro e Educação Física, cumpre com os pressupostos de alfabetizar os futuros professores acerca da linguagem cênica para que estes possam cumprir com o que prevê a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional-LDB 9394/96 no que tange para o Teatro como uma área de conhecimento específico no ensino das artes e como um componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica (BRASIL, 2001). Com interfaces na atuação em Educação física, como preveem os PCNs para a educação básica. (NASCIMENTO, 2012)

O trabalho relata a experiência de alfabetizar e oportunizar o diálogo entre o teatro e a educação, utilizando-se de oficinas do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscanos, em 2011, para Marcele Nascimento (2012), com o intuito de *sensibilizar para este novo olhar nesta ciência da ação.* Se utilizando dos PCNs para a educação básica, mas com muito estudo e todos esforços necessários sendo capaz de desenvolver o ser de forma biopsicossocial.

No estudo de Marcele Nascimento (2012), diversas foram as linguagens utilizadas, em diferentes eixos temáticos, desde políticos, éticos, estéticos, e da criação de identidade própria do grupo de professores, seja em formação inicial ou continuada. Entende-se que o desenvolvimento do ser se dá no ambiente escolar e quanto maior o estímulo, e mais significativo ele for, as descobertas decorrentes do brincar, do jogo, da imitação, das assimilações que são construções coletivas e desenvolvem habilidades motoras e cognitivas, sociais, a criatividade e a consciência corporal e de seus limites próprios, além, claro, de levar em conta a interdisciplinaridade. A abordagem utilizada por Marcele Nascimento (2012) foi qualitativa centrada nas técnicas teatrais e no jogo dramático e de improvisação além daquele que será nosso “carro chefe” o Teatro do Oprimido”, tendo como referência os ilustres Viola Spolin (1987) e Augusto Boal (1996), e os pressupostos e fundamentações de Freire (2000) *no que tange para uma pedagogia da libertação que caminhe para a autonomia e ruptura com o atual sistema de ensino vigente em nosso país e parte da América Latina, em especial, nos países subdesenvolvidos.* (NASCIMENTO, 2012)

O jogo dramático, o jogo infantil e a improvisação na perspectiva de Spolin (1987) contribuem

> para o esclarecimento acerca das dimensões que constituem o ser humano, por futuros educadores que buscam uma escola que atinja o papel de transformadora da vida de seus educandos, bem como [re]signifique as práticas escolares na atualidade. (...) o lúdico traz consigo para a sala de aula as vivências que foram determinantes neste processo. (NASCIMENTO, 2012)

Hoje, considera-se que as maiores contribuições para a educação básica, por meio de uma metodologia pautada no teatro, originam-se em estudos da norte-americana Viola Spolin (1987), que, esclarece as inter-relações entre duas dimensões: Teatro e escola, por meio da experimentação do jogo, da improvisação e da dramatização como formas naturais de expressão humana.

O jogo, caracteriza-se pelo ato de brincar, explorar as possibilidades com o corpo e permite-nos transmitir ideias, sentimentos na execução ou no ato de jogar e metodologias revisitadas, tendo regras pré-definidas e organizadas em um conjunto, já para o dramaturgo brasileiro Boal (1996), o maior poder do teatro é a vivência e o processo de construção inerente a ele, a sensibilidade para explorar seu mundo e o mundo do outro, tangendo uma nova perspectiva crítica para a Educação Física. Mas o fato é que, segundo Marcele Nascimento (2012), tanto para Spolin quanto para Boal o teatro tende a uma leitura reflexiva,

> (...) o teatro, apresenta-se como uma alternativa metodológica que busca a sensibilização para uma leitura de mundo crítica, reflexiva e capaz de humanizar os homens, elevando-os a agentes da ação e de sua transformação, pertinente à transformação necessária à prática da Educação física escolar. A aproximação destes teóricos, Spolin (1987) e Boal (1996) neste entendimento, com base na experiência profissional apresenta possibilidades de mudanças qualitativas, em um processo sensível que pode vir a contribuir para o exercício da docência dos pedagogos: cientistas da educação comprometidos com o desenvolvimento global dos envolvidos na pesquisa. Para Freire (1980) somente outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores. Este pensamento corrobora com a ideia apresentada pelo Teatro, pois oportuniza uma nova maneira de olhar o mundo, norteada por princípios éticos, críticos, mas sensíveis à libertação, ou seja, a arte restitui ao homem a sua dimensão social, criativa e coletiva, sem sobrepor sua autonomia e seu desenvolvimento pleno. (NASCIMENTO, 2012)

A Educação Física é uma área de conhecimento sensível, que tem diálogo direto com as artes, especialmente com a arte expressiva, e como veremos em diversos referenciais em nosso estudo, vai além da finalidade curricular da disciplina, mas extrapola, promovendo o desenvolvimento global do ser. A Pedagogia da arte e do movimento, o Teatro e a Educação Física podem e devem ser íntimos, não apenas como entretenimento, mas como forma da transformação no modo pelo qual o conhecimento sensível e a fluição estética podem ser alcançados.

3.2.2 Educação Física Crítica e o Papel Docente

> O sonho de mudar a cara da escola. O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente" (...) O sonho que "tem que ver com uma sociedade menos injusta, menos malvada, mais democrática, menos discriminatória, menos racista, menos sexista.
>
> (FREIRE, 1991, pp. 74, 118)

Para iniciarmos qualquer discussão pertinente ao tema, temos que entender primeiro qual é o lugar da Educação Física Escolar, o que ela busca e trabalha, e para isso, podemos usar o estudo de Betti e Zuliani (2002), onde os autores entendem essa prática relacionada à cultura corporal do movimento, se utilizando da junção entre a teoria e a prática, a mente e o corpo para estruturar os conceitos necessários.

Na síntese da expressão Educação Física, se agregou ao conceito de Educação o fato de que o ser humano era fragmentado, e precisava de um campo específico para cuidar do físico, se entende a necessidade de uma formação integral de jovens e adultos, mas não se enxerga que isso possa ser algo conjunto, o que torna a Educação Física como apêndice escolar, como atividade complementar e não acadêmica. Betti e Zuliani (2002) nos mostram isso com clareza e falam sobre as influências sofridas para construção do que hoje entendemos como essa Educação Física, influências estas que partem da Filosofia, Medicina e Psicologia, áreas voltadas para a saúde e o esporte, até adentrar de forma não tão aceita no contexto escolar, se utilizando da pedagogia, da sociologia e da história. E essa entrada não tão agradável na escola tem por consequência dos próprios alunos a fuga das aulas, os mais diversos pedidos de dispensa e a valorização das práticas corporais extraescolares.

Atualmente a Educação Física tem como missão formar um cidadão participante, ativo, crítico e na educação básica, precisa integrar o indivíduo na prática da cultura corporal de movimento, na prática esportiva, não buscando apenas a reprodução das práticas, mas a interpretação, a transformação, e a promoção das lutas, danças, jogos, ginásticas, esportes e aptidão física, e para isso se faz necessária uma atuação social e integral, o aluno precisa saber se portar no contexto, precisa aprender de forma significativa, lúdica, didática, e isso acontece em um processo.

Quanto às metodologias, utilizamos as mais diversas, jogos competitivos e cooperativos, brincadeiras, expressão corporal, jogos rítmicos, pré-desportivos, mas sempre entrelaçados com a parte mais cognitiva, em rodas de conversa e debates, discussões sobre temas da atualidade, esportiva ou não, trabalhos escritos ou midiáticos, murais, entre outros. Essa gama tão grande de metodologias nos permite uma abrangência do ser de forma social, afetiva e motora. E alguns princípios permeiam a Educação Física Escolar, entre eles estão: a inclusão de todos os alunos, a escolha de conteúdos diversificados para maior diversidade, a adequação aos níveis de cada aluno respeitando seus limites, e a complexidade, onde existe uma crescente

dificuldade, para que haja o avanço motor e cognitivo. E as avaliações seguem o intuito das demais disciplinas, mas se atenta ao processo, à mediação e não apenas na atribuição de conceito, não buscando a perfeição da prática da atividade física, mas também o contexto social, psicológico, estrutural cognitivo, vindo de uma observação contínua do aluno, de seus domínios nas habilidades e práticas corporais, levando em conta o programa de estudos e seus conteúdos, enfim, seguindo objetivos formais e informais, mas sempre variando de estratégias, para não privilegiar nenhum grupo específico.

O mais importante nesse breve relato sobre a Educação Física Escolar e seus componentes metodológicos, avaliativos e de conteúdo, é entender que a mutação rápida da sociedade atual traz a necessidade dos professores em se atualizar, em buscar conhecimento sobre suas práticas para encontrar, então, seu lugar na comunidade escolar e social, assim como conclui Betti e Zuliani (2002), entendimento esse, que vem de uma visão de multiculturalismo.

Desde o surgimento da escola, dúvidas e teorias giram em torno daquilo que deve ser ensinado, algumas respostas foram dadas, caminhos traçados, porém as atribuições do indivíduo com a sociedade atual mudaram, e assim, a educação também precisa mudar para alcançar seus objetivos. Segundo Junior e Neira (2018), a última instância dessas mudanças abarca o pós-modernismo, movimento intelectual surgido na metade final do século XX, unindo teorias, política, além dos movimentos culturais e estéticos. Diferente do pensamento nas teorias modernas, que se propunha a explicar toda e qualquer coisa, levando em conta a racionalização do ser, e a valorização primordial do conhecimento científico, o pensamento pós-moderno está voltado para uma abrangência fluida, com a valorização de saberes populares, de senso comum, onde este pensamento é social, político e cultural.

A característica de identificação mutável da pós-modernidade obrigou a educação a alterar sua função social, hoje o acesso à escola é obrigatório o que gera diversos agrupamentos, todos bastante distintos, e que devem e merecem ser levados em conta em todo processo de construção de currículo escolar, formando um diálogo que valorize essas multiculturas. Vera Maria Candau (2008) entende que não há educação sem imersão na cultura, e que se o educador ignorar esse fato corre grande risco de se afastar das crianças e jovens e de seu universo, o que sem dúvida é algo que não temos desejo. Ainda temos uma maioria de projetos políticos baseados na cultura dominante, mesmo que vários estudos indiquem a necessidade de mudanças, porém é necessário que haja uma ruptura com esses padrões, o multiculturalismo

precisa ser levado em consideração. (Junior; Neira, 2018). O currículo não pode ser visto como um engessado de normas, técnicas e conteúdo formal a ser ensinado pura e grosseiramente pelo professor em sala de aula, precisa haver uma troca, onde atuamos sobre coisas e essas coisas sobre nós, onde a individualidade cultural de docente e discentes sejam vistas e valorizadas.

A Educação Física brasileira teve grande influência da escola europeia, tendo sua base inicial na sociedade burguesa, que se utilizou de métodos ginásticos, pensando na esportivização, além de seu caráter humanista, e de forma mais recente tem sido utilizada para adquirir e manter a saúde física e mental. Este modelo está baseado no desenvolvimentismo, de esporte para o alto rendimento e para o rendimento populacional em massa. A partir de 1980, diversas teorias multiculturais foram se espalhando, com uma forte crítica a este modelo tecnicista, teorias essas, que começaram e ser fomentadas na década de 60, e questionavam o modelo reprodutivista escolar adotado na época, chamado por Freire como *educação bancária.* O termo Cultura Corporal passa a ser utilizado neste período exatamente para se contrapor a ideia biológica empregada até então, e os primeiros estudos de 1980 apontam para o fato de que o universo populacional pode e deve ser problematizado nas aulas de Educação Física. (Júnior; Neira, 2018). Na década seguinte a visão de Cultura Corporal como objeto de conhecimento da Educação Física se fortalece, e diversos são os conteúdos que segundo os autores críticos-superadores cabem na área, isto para se contrapor a ideia de biológica e natural do movimento, e acrescentando a ideia de uma composição cultural e social do movimento humano.

Essa nova concepção de Educação Física, considerada uma Teoria Pós Crítica, considera a educação multicultural um uma necessidade, especialmente pautada pela diversidade encontrada no contexto social, onde gênero, classe social, etnia, cultura, religião, orientação sexual formam o ser que é objetivo da educação, e, portanto, toda essa individualidade cultural precisa ser representada (Neira, 2011). A educação multicultural é uma realidade. Se pretendermos a construção de uma sociedade mais justa e democrática, onde as diferentes culturas possam ser representadas dignamente, ela é uma opção que dialoga com essa pretensão. (Junior; Neira, p. 20). Mas não se pode parar por aí, a questão multicultural precisa ser analisada através da prática pedagógica, pelo chão da escola, e não apenas valorizar a diversidade, mas também, e especialmente assegurar que a escola seja um local onde seja seguro ser diferente, onde o aluno se reconheça e construa sua identidade.

> A educação em uma perspectiva multicultural crítica não só valoriza e reconhece as diferenças, como também assegura a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, apontando focos de resistência e de construção da identidade cultural. (NEIRA, 2011, p. 196)

No entendimento pós-crítico, se o currículo escolar não se vincula às mudanças culturais, ocorre o movimento retrógrado de dominação e conflito entre as diversas culturas, e um ambiente que deveria unir e agregar passa a ser hostil e inexpressivo, o que vai totalmente contra o ideal dos direitos humanos de livre expressão. Para Neira (2011), quando o indivíduo se expressa, ele interage, cria vínculos, laços que a linguagem corporal permite e a expressão faz do conteúdo algo significativo na prática cotidiana do ser. *Ao brincar, dançar, lutar, fazer ginástica e praticar esportes, os seres humanos também se apropriam de um repertório gestual que caracteriza a cultura corporal na qual estão inseridos.* (Neira, 2011, p. 197). Em momento algum as teorias desenvolvimentistas, psicomotoras, esportivistas, ou de educação para saúde são desprezadas no currículo pós-crítico, mas as análises mostram que mesmo essas teorias tradicionais sofreram e sofrem influências ante as demandas sociais, e assim sendo, não se pode negar que mudanças são necessárias, que a escola não pode mais ser um local de currículo fechado, concretado, e que a educação não pode ser mais um instrumento de dominação, e sim, de libertação.

> Um currículo de Educação Física comprometido com essa visão, denominada cultural, multicultural crítica ou pós-crítica, procura impedir a reprodução consciente ou inconsciente da ideologia dominante, presente, por exemplo, nas propostas que deixam de questionar as relações de poder que perpassam a produção e reprodução das manifestações corporais. (NEIRA, 2011, p. 200)

Com base nos estudos de Giroux (2008), Neira (2011) entende o currículo como algo cultural, político e social, que valoriza a voz daqueles que *são quase sempre silenciados,* onde professores analisam criticamente as relações culturais dos sujeitos baseadas no poder, rompendo com preconceitos próprios e de seus alunos, valorizando conhecimentos de cunho científico e também de senso comum, buscando trazer a reflexão e a prática da transformação democrática em cada aluno. Este currículo busca localizar no tempo e espaço as mais diversas culturas, problematizando as relações pertinentes à sociedade e mudando a forma de segregação existente.

> Sob influência dos Estudos Culturais e do multiculturalismo crítico, o currículo cultural da Educação Física é concebido como espaço-tempo de encontro

> das culturas corporais, construção de identidades e diferenças, questões de discriminação e preconceitos étnicos, de gênero, orientação sexual, habilidade ou padrão corporal, entre outros; possibilita uma leitura dos grupos de pequena representação, hierarquizados pelos sistemas hegemônicos – econômico, político, social e cultural – diferenciados pelas suas atitudes e interesses; intenta identificar a opressão e a subalternização de culturas e sujeitos, erros históricos no processo de formação identitária dos negros, da mulher, dos homossexuais, dos pobres, dos deficientes e daqueles vistos como incapazes, molengas, fracos, lerdos, etc. (NEIRA, 2011, p. 202)

Essa parece ser uma fórmula ideal de pensar o currículo, mas Irene Rangel *et al* (2008) propõe um pensar crítico deste fazer, salientando que ações como punição para alunos que tenham atos preconceituosos, ou ainda, que comemorar datas culturais com apresentações de danças, por exemplo, não são recursos suficientes para garantir um currículo multicultural. Os autores apontam que um caminho inicial é se lembrar que a Educação Física está inserida em um contexto escolar, e, portanto, as parcerias com as demais disciplinas devem ser propostas, e que a força destas juntas, possibilitam até mudanças e inclusões curriculares, se necessário for, especialmente pelo fato de que a escola pública abre privilégio para o trato dos menos favorecidos. É preciso respeitar as diversas práticas culturais, e se dedicar ao entendimento das temáticas, não tratando com superficialidade conteúdo algum.

Outro fator essencial para se trabalhar em uma visão multicultural é ser aberto a novas ideias, buscar o novo e estar disposto a mudanças. Não é fácil, mas o professor precisa se atentar a tais fatores, assim como a necessidade de contextualização de cada tema. Para que um conteúdo se torne significativo, ele precisa ser entendido em seu todo pelo aluno, e para isso, trazer à realidade do aluno esse conteúdo se faz necessário. Não adianta trabalhar determinado esporte, suas regras, tática e técnica se os comportamentos não fizerem parte do contexto, ou ainda uma luta, se ela estiver totalmente longe da realidade do aluno, se ele não puder ressignificar esse conteúdo em sua vida, conhecendo sua história, os fatores de origem, e o movimento social presente em uma dança, por exemplo. (Rangel *et al*, 2008). Refletir a prática, para bem realizar a prática, isto torna um currículo diverso em cultura.

Quando valorizamos as demandas e conhecimentos que os alunos trazem para a escola, tornamos legítimos esses saberes, e legitimamos com isso a capacidade desse aluno, ele é ouvido, e mais facilmente se apropria dos conhecimentos que a escola oferece diante daquilo que lhe cabe, proporcionando uma identificação cultural, mas também uma ampliação cultural. (Neira, 2011). Assim, as diferenças são reconhecidas, e valorizadas, o oprimido se torna ativo e o diálogo cultural que ocorre

traz a noção de respeito ao próximo e a si mesmo, um dos princípios básicos para uma relação social democrática, foco da escola atual.

Agora que entendemos o conceito pós crítico de multiculturalismo, precisamos falar da função do profissional que proporciona a adesão desse currículo, assim, vamos tratar de um termo bastante significativo, “Docente”, o que é ser docente, qual sua função e o que precisamos saber sobre esse verdadeiro dom, mas essa tarefa, de ser um profissional do Ensino nos dias de hoje é uma tarefa muito difícil, onde várias são as influências neste meio.

Mendes e Baccon (2015) afirmam que ser professor é um grande desafio que busca preparar o aluno para uma vivência ativa em uma sociedade de mudanças e incertezas, formar um cidadão crítico e ativo de forma política e social. Ser docente segundo a epistemologia da palavra é ensinar, mas precisamos entender que não é apenas professar um saber, reproduzir, mas de fato fazer com que os outros aprendam o que você deseja ensinar e para isso o professor precisa estar em constante formação e atualização para continuar aprendendo a ensinar.

Pensando conforme o parágrafo supracitado, percebemos que não é nada fácil ser um profissional do ensino, mas além do saber ensinar, precisamos nos entregar, estar imersos em todas as relações que essa prática exige e que o saber e o afeto precisam estar intimamente ligados, apesar de ser algo muito desgastante, todo profissional do saber precisa dominar conteúdos, mas isso não basta para fazer esse profissional um bom professor. A profissão docente traz a dualidade entre afeto e saber, visto que o professor está sempre envolvido com pessoas, está sempre imerso em relações complexas, e então na junção dessas relações com o domínio dos conteúdos, temos a prática docente. Vale destacar que o ensinar é uma atividade que demanda tempo, materiais, esforços de todos os envolvidos, é um trabalho de gasto energético afetivo, para que o professor possa de fato marcar a vida de seus alunos, seja na sua individualidade, seja no coletivo.

3.3 NOSSOS REFERENCIAIS

> Olhai de que esperanças me mantenho!
> Vede que perigosas seguranças!
> Que não temo contrastes nem mudanças,
> andando em bravo mar, perdido o lenho.
> (CAMÕES, 2013)

3.3.1 Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido

Nascido em 1921, na cidade do Recife, em Pernambuco, Paulo Reglus Neves Freire, o famoso Paulo Freire, é conhecido como um dos maiores pensadores da educação no século XX, influenciando e inspirando educadores do mundo inteiro com seu objetivo de dar um caráter político à educação. Suas concepções dialógicas partem dos cuidados sociais dos membros mais negligenciados pela sociedade. (Javier, 2008). De família humilde, na juventude, Freire passa a desenvolver seus conceitos, seu método dialógico e a estruturar intelectualmente suas experiências prévias, e é neste momento que se dá a valorização do conhecimento popular, e uma proposta sobre educação social e política é lançada.

Oriundo de um dos estados mais pobres do Brasil, Paulo Freire nunca se conformou com as injustiças sociais, e foi para os menos favorecidos que organizou todo seu método, onde tenta conciliar a teoria e a prática, sem deixar jamais de ver a influência política por trás de todo ato educacional, para ele, o pensamento crítico, que pode e deve ser influenciado no contexto educacional, é advento da mudança social. *“Seu trabalho sempre esteve relacionado a uma pedagogia fortemente política, e seus escritos, por consequência, sofreram essas influências mais radicais. ”* (QUERETTE, 2007, pp. 20, 21)

No ano de 1941, iniciou sua carreira como professor ensinando português e espanhol, iniciando sua graduação em Direito, e 17 anos depois foi graduado Doutor em Filosofia e História da Educação, com uma tese que mais tarde se tornaria um de seus livros, a Prática de Liberdade. Em 67 voltou sua ministração ao público superior, como professor da Universidade de Pernambuco, lecionando História, Educação e Filosofia. (Javier, 2008). Anos antes teve experiências com alfabetização de 300 trabalhadores rurais no Rio Grande do Norte, utilizando-se de um método de 45 dias, este, trouxe ao mesmo, grande visibilidade mundial.

Durante toda sua vida, Paulo Freire propôs, questionou, pensou e repensou, seus próprios estudos e um conceito que apresenta mudanças durante a obra do autor

é o conceito de *Diálogo*, que é uma base para todo pensamento freireano. Suzana Querette (2007) divide os textos de Freire em dois grandes grupos para poder entender melhor o conceito de diálogo proposto pelo mesmo, o primeiro, falando de sua abordagem inicial do conceito, e o segundo que traz o conceito com base em sua percepção após anos de exílio e, reformulando e aprofundando-o.

Na primeira fase, a comunicação é vista como ação específica e necessária ao homem, mas tomando cuidado para que essa comunicação não se torne vazia, os indivíduos devem se apropriar das verdades, possibilitando uma postura crítica de mundo, um mundo oriundo de *uma realidade objetiva, independente dos homens, possível de ser conhecida.* (Freire, 2015, p.47). Outra colocação deste diálogo é a não exclusão do outro, onde através deste diálogo se entende o outro e se relacionam segundo suas visões sociais e políticas.

Ainda segundo Suzana Querette, 2007, uma educação como prática de liberdade tem sua base no diálogo, esta educação é o caminho para a tão sonhada por Freire liberdade dos oprimidos, que se tornam oprimidos diante da ação colonizadora dos opressores que acontecem até os dias atuais, nas mais diversas formas de se apresentar, onde diante da desigualdade, da falta de reflexão e da crítica política se enraízam no seio da sociedade brasileira. Na obra *Educação Como Prática da Sociedade,* temos um modelo educacional idealizado, buscando uma livre expressão, onde o trabalho pedagógico deve estar ancorado em predispor um indivíduo crítico e ativo socialmente, a alfabetização aí, não é vista apenas como gramatical, mas como forma de letramento intelectual, de um ser vivo, atuante, e reivindicador de seus direitos. (p.24).

Diante de uma forma de educação diferente, necessária, Freire enfrentou diversos problemas, o inimigo do comodismo não aceitou o revolucionário que se queixara da *educação bancária*, e por perseguição política o mesmo teve que sair de nosso país, sendo considerado um subversivo. Durante o exílio, Paulo Freire escreveu a obra que seria considerada uma de suas grandes obras e a principal responsável pela disseminação da cultura freireana no mundo, *“A Pedagogia do Oprimido”*, publicada no México em 68, e posteriormente publicada no Brasil em 1970. Traduzido com versões em inglês, espanhol, dinamarquês, alemão, italiano, sueco, norueguês, japonês, francês, finlandês, grego, holandês, chinês, árabe e mais 20 idiomas, teve grande influência filosófica, e se tornou grande influência para educação de esquerda, fato que o levou a receber várias acusações, entre elas de incitação à prática violenta,

por orientar o povo a não ser paciente diante das desigualdades e opressões sofridas pelos excluídos. (JAVIER, 2008).

Entende-se sobre a obra de Freire que essa ação reflexiva só pode se dar através do diálogo crítico e autêntico, o diálogo entre o eu e o outro. Neste conceito, a possibilidade de duas pessoas dialogarem mediadas pelo mundo, mas tendo como objetivo a repercussão no mundo, a mudança, a humanização e esse diálogo é impossível entre pessoas em oposição, oprimido e opressor jamais conseguem se unir para buscar uma mudança social. (Querette, 2007, p. 27) Aqui, Freire entende a necessidade do diálogo, e da reflexão necessária para tal diálogo, e faz sua base na ideia de que através desse processo é possível estabelecer as relações entre oprimido e opressor, e assim lutar contra essas relações.

Em outra de suas obras *"Extensão ou Comunicação",* refletindo sua experiência no Chile, Freire baseia seu entendimento na teoria de ação dialógica e antidialógica, onde aquele que age na extensão está no lado antidialógico do ser, enquanto o homem que se comunica consegue exercer o diálogo necessário para a transformação social. Essa é uma reestruturação do conceito de opressor e oprimido, sendo também formas antagônicas de pensar e não podendo ser conciliadas. E o papel do educador dialógico se faz presente, saindo de uma educação *bancária,* onde o oprimido é passivo ante as informações oferecidas, apenas de transmissão de conhecimento para uma educação de relação entre educador e educando e entende que a boa educação é uma via de mão dupla e necessita deste diálogo.

Em *Educação e Mudança,* lançado em 1979 no Brasil, Paulo Freire apresenta o indivíduo como único ser capaz de realizar uma mudança, e que essa mudança só acontece por conta da educação, o homem não é visto como um ser único, mas como um ser de comunicação e que assim realiza teias de conhecimento. Outro ponto importante nesta obra, é que além de ver a importância do diálogo, se trata da importância do que é tratado neste diálogo, a palavra apenas pela palavra não leva a nenhuma reflexão, que é o objetivo de toda obra do autor.

Na segunda fase intitulada por Suzana Querette (2007) de *Desenvolvimento e Diferenciação da Teoria Dialógica,* e iniciamos essa fase pela obra *Educação na Cidade,* onde retrata a época em que Freire administrou a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989 a 1991), e é interessante observar que ele continua a dar grande importância ao diálogo, onde busca ouvir e transitar pela opinião de todos os membros da comunidade educacional, desejando a democratização da voz popular na prática da educação. Não tratando apenas do diálogo em si, Freire fala sobre o

respeito às diferenças, as ideias opostas, pois ao contrário, não se faz possível essa relação dialógica. A partir da década de 90, as discussões se voltam para o fazer pedagógico, para as relações entre educador e educando, entre conteúdo e prática, para a formação de professores e do currículo.

Uma forte característica de Freire é a valorização do saber prévio e popular, a constatação de que esse saber é a maior arma do homem na luta política, e alguns grupos são incluídos em seus estudos, os índios, homossexuais, imigrantes, todos filhos da opressão tão pautada por ele. Toda maneira com a qual Paulo encara a educação está baseada em sua visão política e o mesmo acredita que a educação deve ser orientada também nos aspectos políticos, e ressalta que o diálogo deve romper com toda a forma de autoritarismo na relação educando-educador.

A obra *Pedagogia da Esperança,* fala direto ao povo e para o povo, para as minorias tão representadas por Freire, se utilizando da classe popular para evidenciar seus estudos, neste momento, existe uma mudança da fase anterior, onde é proposto o diálogo com o dominante, entendendo que os lados são opostos, porém isso não inviabiliza acordos, se tratados com respeito, o antagonismo não delimita o diálogo, ele passa a conceber a barganha de interesses entre o oprimido e o opressor, exercendo então, uma nova prática democrática. Essa flexibilização dos conceitos se evidencia ainda mais a partir de 2000, e um outro ponto é ressaltado, o comprometimento das partes envolvidas, onde o ato de ouvir e o ato de falar tem igual valor na essência do diálogo.

Outra abordagem feita a partir deste momento é a diferenciação da Polêmica e da Ação Dialógica, onde na primeira, existe a imposição dos pensamentos de forma bruta e desrespeitosa, e na segunda, a concordância existe mesmo quando os pensamentos forem opostos, os ideais são colocados de forma a colaborar com a transformação e não a forçar essa mudança. Para Freire, é preciso viver o que se fala, só assim existe significado na prática, e ao longo da *Pedagogia da Autonomia,* ele enfatiza dos valores necessários para essa boa prática, busca nivelar a comunicação, colocando todos em uma só concordância.

Na década de 70, segundo Javier (2008), após ser exilado pelo governo oficial do Brasil, Freire lança *Pedagogia do Oprimido,* este, que segundo o próprio autor é obra resultante dos cinco anos de exílio. Neste, as primeiras considerações levam a entender que sua proposta é vista como anárquica, que a proposição de uma consciência crítica é vista como algo perigoso, onde através desta tomada de consciência, temos aberto o caminho de liberdade que nos leva a expressar nossas

insatisfações sociais, colocando a prova a falsa generosidade daqueles que oprimem. O povo latino americano estaria vivendo sob forte opressão de forças sociais superiores, e somente o processo de reflexão crítica seria capaz de desencadear um movimento de mudança, dando um passo para não ficar passivo diante do dominador.

Freire pede e insiste em uma mudança total, partindo desde a educação dominadora, de elite, que trata e informa apenas aquilo que seja pertinente à classe dominante, e que rejeita qualquer forma de educação que dê condições aos menos favorecidos de pensar a sociedade na qual vivem. Em sua forma de pensar, as massas precisam estar cientes de sua realidade, e se tornarem indivíduos comprometidos com a mudança, e para tal, palavras e frases feitas não servem para instigar essa mudança, é preciso ensinar muito mais que conteúdo, é preciso despertar o desejo de pensar, e essa apropriação de uma tomada de consciência e de um desejo de mudança, tornam esta pedagogia uma educação política de engajamento para os menos favorecidos na luta contra seus dominadores.

> La alfabetizaciÛn del oprimido debe servir para enseÒarle, no solamente las letras, las palabras y las frases, sino lo m·s importante, ´la transmisiÛn de su realidad y la creaciÛn de una conciencia de liberaciÛn para su transformaciÛn en un hombre nuevo. La nueva pedagogÌa de los oprimidos tiene un poder polÌtico para que con conciencia social pueda enfrentar a la dominaci Ûn opresora y buscar la transformaciÛn social y polÌtica de esa realidad. (JAVIER, 2008, p. 64)

Para Freire (2020), cada qual tem sua verdade absoluta, o dominador se fecha em seu círculo, fazendo o que lhe cabe diante desta única verdade, e por sua vez, o dominado se anula em si e na falta de sua verdade, estando apto aos padrões estabelecidos por outrem, e este local de segurança é uma barreira para discussões sobre o tema, ambos se sentem abalados se começam a repensar suas posições. E acreditam que é melhor deixar como está, pois, mudanças são complicadas. *Daí que lhes seja necessário considerar como mentira tudo o que não seja a sua verdade. "Sofrem ambos da falta de dúvida".* (FREIRE, 2020, pp. 36. 37)

Freire alegava o direito a classe dominante de *afogar-se em sua própria riqueza,* mas também entendia o pobre como sendo *preguiçoso e incapaz,* se escondendo em seus medos, se deixando oprimir por ser menos custoso a luta, e que entendendo que só há situação de opressão se houver um oprimido se deixando oprimir e um opressor notando resignação em alguém a ser oprimido. Dessa forma o único jeito de mudar esse quadro era agindo, saindo desse comodismo, se rebelando, mas ele não fala de uma luta armada, de uma luta grotesca e sim de um lutar com os mecanismos da mente, da informação e da educação. A ação deve e precisa

acontecer, porém ela não pode acontecer pelo simples fato de acontecer, ela precisa ser acompanhada de uma crítica, se há de fato uma tomada de consciência sobre seu estado de subjugado, a libertação acontece por ativismo de volta e assim temos um dos grandes conceitos do livro Pedagogia do Oprimido: a dialogicidade. (JAVIER, 2008)

Este conceito de *dialogicidade,* vem ao desmonte desta passividade que ele tão fortemente repreende, o diálogo entre reflexão e ação, o entendimento de que um sem o outro é vazio, que nenhuma denúncia sem intenção de transformação é verdadeira, pois somente diante dessa reflexão/ação temos um ativismo conciso, não apenas a reflexão crítica por si, que se torna uma falácia, nem tão pouco somente a ação pela ação, para que não haja um reforço da base de incertezas que a constitui. *Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.* (Freire, 2020, p. 108). Desta forma, o diálogo é necessário entre os homens, porém este não é possível aqueles que acreditam que nem todos têm direito à palavra, é um encontro dos homens para pensar e agir, tendo de forma imparcial as verdades, entendendo-me tão incapaz quanto o outro, e também vendo no outro as virtudes e qualidades que lhes cabem. Assim, não há no diálogo o total ignorante, nem tão pouco o sábio absoluto, existe aquele que deseja mudança.

Se existe uma reflexão crítica, o indivíduo consegue situar-se em seu local na sociedade, e sendo assim deve então esperar por transformações, não falamos aqui sobre o verbo esperar, e sim sobre esperançar, onde traço ações, lutas, com grande esperança de êxito, não se pode cruzar os braços, mas se faz necessária uma revolução, onde o ser busca liberdade a si e a seu povo. É neste conceito que tal pedagogia se apoia, onde busca-se que *os oprimidos tomem consciência de que, pelo fato mesmo de que estão sendo "hospedeiros" dos opressores, como seres duais, não estão podendo ser.* (Freire, 2020, p. 119). É preciso uma mudança em massa, uma revolução contra o opressor, nos libertarmos desta condição que foi imposta, e que muitas vezes assumimos por nossa.

> Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um "corpo consciente", vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade. (...) E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. (FREIRE, 2020, pp. 125, 128)

A educação bancária, já supracitada, de reprodução e alienação também é alvo de duras críticas por Freire, os alunos da educação tradicional são passivos, replicadores, o que os torna alienados, apenas o educador detém o conhecimento e toda e qualquer outra forma de conhecimento, seja ele social, midiático ou cultural do aluno é desprezado. Essa educação forma seres passivos, que aceitam calados as *situações impostas pela vida*, sem ao menos questioná-las, tornando-se então, marionetes perfeitas de um sistema governamental opressor. (Javier, 2008). Isso é para Paulo Freire algo inaceitável, ele que pensa uma educação para e pela liberdade, onde oprimidos se fortalecem de forma individual e coletiva, para estremecer o poder do opressor, e então, contestar essa relação, produzindo um enfrentamento potencial, onde professores são mensageiros *da boa nova*, e entendem seu trabalho como uma mediação, uma missão, tornando a educação um agente problematizador, e mostrando que o diálogo e o amor são uma forma de liberdade.

Em uma sociedade onde pensar é perigoso, a *Pedagogia do Oprimido,* faz uma crítica à desigualdade de recursos, de informações, de possibilidades, mas também traz uma dura crítica ao ser que abstém de sua função social. Todo indivíduo é um ser criador e modificador, e sendo assim, não pode se manter inativo diante de tais desequilíbrios políticos, culturais e sociais.

3.3.2 Augusto Boal e o Teatro do Oprimido

> A arte sempre foi uma forma aberta de desafio e rebeldia e o teatro tem assumido, em diferentes períodos de sua trajetória histórica, um papel de agente da contestação" (PEIXOTO, 1981, p. 56)

Augusto Boal nasceu em março de 1931, no Rio de Janeiro, teatrólogo brasileiro de grande renome, começou sua carreira no teatro aos 25 anos e estudou a arte em Nova York.

Característica em comum a Paulo Freire, também foi exilado e teve este momento como fonte fortíssima de inspiração. Durante seu exílio, esteve em países como Argentina e Peru, também em países da Europa, entre eles, o de maior reconhecimento de seu trabalho, à França, e também na África. Autor de diversos livros teatrais e de ficção, é considerado no Brasil um dos representantes do "teatro-político", trazendo em suas peças referências à realidade social e debates referentes às situações que achava pertinentes. (TEIXEIRA, 2007).

O teatro teve seu início em forma de ritual aos deuses, datando dos primórdios das civilizações egípcias e gregas, que indicam que os primeiros intérpretes eram sacerdotes, porém com o passar do tempo, o teatro foi se aproximando ao que é hoje, com palco, plateia, coro e protagonistas. (Silva, 2014). Mas o que não mudou é o fato de que o intuito do teatro era passar uma mensagem, seja ela qual fosse, e a quem fosse, o que gerou nas classes dominantes um desejo de apropriação do mesmo, visando passar uma mensagem dominadora e exterminar qualquer outra mensagem que pudesse indicar uma ação de libertação das classes oprimidas, era preciso controlar a mensagem passada ao povo: *Teatro era o povo cantando livremente ao ar livre: o povo era o criador e o destinatário do espetáculo teatral, que se podia então chamar 'canto ditirâmbico'. Era uma festa em que podiam todos livremente participar*. (BOAL, 2005, p. 11)

Segundo Silva (2014), iniciando-se com o teatro marxista de Erwin Piscator, e depois de Bertolt Brecht, vemos a arte trazendo para a literatura dramaturga as situações dos oprimidos, e de forma intencional, organizando momentos de manifestações e reflexão de cunho social e político. Com o teatro de Brecht, vemos uma revolução no teatro, o espectador passa a ser crítico, a exercer uma função reflexiva sobre as necessidades das classes oprimidas representadas no palco, porém, para o processo artístico, ainda se mantém as diferenciações de função, o protagonista, bem como todos os atores são um grupo específico, pré definido e ensaiado para tratar a temática, não acontece uma interação com o público senão a imaginária, onde o espectador se identifica com os atores e reflete sua posição na sociedade. Ocorre aqui uma intencionalidade direta, onde a plateia é estimulada a pensar em algo de uma determinada forma, a acreditar no algo, a ver aquilo como uma verdade absoluta que precisa ser repensada.

Em meados dos anos 50 e 60, surge em São Paulo o Teatro Arena, que trazia consigo uma nova forma de fazer teatro, fazendo críticas duras ao contexto social nacional, se utilizando de peças de autores brasileiros, que tinham em seu enredo personagens até então não citados, membros de baixa renda e escolaridade da sociedade, operários, os oprimidos em questão. Em 1956, Boal volta dos Estados Unidos com sua visão social consolidada e se depara com a estética esquerdista do Arena, e torna-se diretor do mesmo, onde até o início dos anos 70, realiza seu desejo em tratar teatralmente a crítica social. Neste período, outros autores são influência para o teatro brasileiro, como Brecht e Stanislaviski, e Boal se une a seu parceiro criativo Gianfrancesco Guarnieri na criação e produção de peças da chamada

“resistência democrática”, usando alguma liberdade ainda presente entre 64 e 68 para fazer teatro e falar de política, o que não acontece mais após 68, momento pós golpe militar, onde a censura é totalmente bruta, chegando aos mais impensáveis castigos pelo simples ato de discordar.

Era um tempo de ditadura, onde a liberdade de expressão era tirada dos cidadãos, e a censura era real e cruel a todos aqueles que se propunham a discordar do regime governamental atual. É neste contexto social que surge o T.O. (Teatro do Oprimido), denunciando de forma ainda que velada situações opressoras, enfrentando e denunciando a falta de liberdade presente no país. (SILVA, 2014)

Contando com grandes influências, supracitadas, Boal define seis técnicas dentro do Teatro do Oprimido, todas voltadas para elucidar uma revolta ante ao momento político vivido, uma dessas técnicas, surgindo em 1971, foi o Teatro Jornal, para lidar especificamente com situações opressiva diante da censura à imprensa. Segundo Silva (2014), este, consistia em manifestações em locais públicos, onde recriando versões de notícias publicadas em jornais, se faziam denúncias à ditadura, que eram omitidas oficialmente nos jornais.

O primeiro livro de Boal acompanhou o nome de Teatro do Oprimido, inspirado no livro Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, já que seu livro continha procedimentos de alfabetização, e para Freire, haveria a ideia de que todo mundo pode sim, ensinar todo mundo, através da democracia e do diálogo. Segundo Tânia Teixeira (2007), aqui é sistematizado o método de intervenção social e política através do teatro de Augusto Boal, que propõe uma revolução e estimula o oprimido a lutar por sua libertação.

Certa noite, voltando de um ensaio, Boal é sequestrado, fica três meses preso, sendo alvo de interrogatórios intermináveis e tortura, então consegue ser liberado para se juntar ao Teatro Arena em um festival na França, no intuito de tornar com seus curta teatros a imagem da ditadura um pouco mais branda no contexto mundial, e foi obrigado a assinar um documento se comprometendo a voltar ao país para seu julgamento. E segundo o próprio Boal, ouviu nesta data uma dica, uma promessa, um adiantamento dizendo que ninguém era preso duas vezes, na segunda, era morto, e desta forma, ele seguiu à risca, e partiu para o exílio. (E SOUZA, 2010)

Em exílio na Argentina, por conta de sua oposição ao regime ditatorial, Boal criou o Teatro do Invisível, inspirado na obra *Invisível* do irlandês Sean Wellesley-Mille, e consiste em apresentar uma cena a espectadores que não sabem que estão em uma encenação. O grupo teatral vai ao público, atua no meio deles, interage com

eles, neste, quem assiste, também é protagonista inconsciente de sua função. Esta forma de atuação era um camuflador para o teatro, os atores se misturavam na multidão e, portanto, não apareciam como contrapontos da ditadura, o que os permitia realizar a ação teatral sem chamar atenção e sem serem presos. Este se deu até a chegada do regime ditatorial na Argentina, que levou Boal a se mudar para o Chile. (SILVA, 2014)

Tendo seu livro “O Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas”, traduzido para mais de 25 línguas, Boal é em 1971 condenado à prisão, onde inicia seu exílio por Portugal, escrevendo neste período obras dignas de sua genialidade, e em 76, na França, Teatro do Oprimido é publicado e referenciado, especialmente pelo seu método de ver o opressor diante de cada situação, independentemente da localidade, podendo ser realizado por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, tendo o objetivo de transformar o espectador passivo, depositário, em protagonista da ação dramática, não apenas refletindo, mas suscitando uma ação futura, baseado nos princípios de Max e Engels, sobre política e sociedade histórica. Em sua permanência no Chile, surge outra vertente do Teatro do Oprimido, o Teatro-Imagem, que não permite palavras, apenas a expressão através do corpo, que surge especialmente por sua dificuldade no contato com povos indígenas, onde os problemas eram debatidos através das imagens corporais, fisionomias, distâncias e proximidades, e não do uso de fala. (TEIXEIRA, 2007; E SILVA 2014).

No Peru, através de sua experiência com alfabetização de jovens e adultos, surge em 1973 uma técnica chamada de Teatro Fórum, uma das técnicas mais utilizadas pelo Teatro do Oprimido, que:

> Consistia basicamente nisto: apresentávamos uma peça contendo um problema ao qual queríamos encontrar uma solução. O espetáculo se desenvolvia até o momento da crise, até o momento em que o Protagonista devia tomar uma decisão. Aí parávamos e perguntávamos aos espectadores o que deveria ele fazer. Cada um dava a sua sugestão. E os atores, no palco, improvisavam uma por uma, até que todas as sugestões se esgotassem (BOAL, 1992, p 19).

Esta forma de levar a reflexão mais direta ao público, buscando em conjunto uma solução para os problemas da sociedade trazia a possibilidade de reflexão mais direta, de criticidade, de formulação de um pensamento concreto sobre a melhora de algo, porém, ainda era tudo baseado nas memórias e história de vida dos atores, mesmo diante da fala dos espectadores, cada um agia de uma forma, e foi através do relato de uma mulher na capital do Peru, que sugeriu uma resolução para problemas

relacionados ao machismo, que Boal percebeu que uma maior interação era possível, pois cada qual tinha seu modo de ver algo e expressar, isso se deu quando a mulher não contente com a atuação feita sobre sua opinião subiu ao palco e demonstrou ela mesma o que gostaria de dizer. Temos então a quebra da *quarta parede*, o público de fato está imerso em cena e Boal entende que este é o seu ápice, o seu maior desejo sendo realizado. (SILVA, 2014)

Para Boal (2005), não se pode admitir um espectador passivo, ele é levado ao nada, é preciso e esperado, de um homem uma ação, para que em sua plenitude ele consiga se re-humanizar, para o dramaturgo do povo, todo homem precisa ser ator, ativo em suas ações e desejos e desta forma para entender e estar em igualdade com seu eu-ator, também precisa ser espectador. O poder permear entre os dois lados traz à tona momentos de descoberta e entendimento, ora opressor, ora oprimido, o indivíduo pode experimentar o melhor e o pior de si, e este transforma o momento do teatro em um ensaio para protagonizar seu próprio espetáculo de vida real. Portanto, não há no Teatro do Oprimido ator e espectador, e sim o *spect-ator,* que é um observador ativo da cena.

O Teatro Fórum é um espetáculo baseado em fatos reais, onde opressores e oprimidos entram em conflito, estes são provocados a sair de sua zona de conforto e enfrentar situações que talvez não tivessem coragem de enfrentar na vida real. O que marca o Teatro Fórum neste contexto, é que o observador tantas vezes oprimido, se identifique com o ator e faça sua substituição no papel, mostrando que o fracasso deste oprimido não pode continuar, e que há opções para ele, trazendo ressignificação à suas demandas reais, ocorre então um diálogo aberto.

Segundo Silva (2014), após deixar o Chile diante de um golpe militar, Augusto Boal muda-se para Lisboa e a posteriore Paris, onde cria a técnica Arco-Íris do Desejo, que se baseia na técnica do psicodrama para trabalhar traumas internos dos participantes. Acostumado a situações de opressão concreta, geradas por outrem, Boal percebe-se em um meio onde o opressor está dentro do ser, não era aí o governo, a sociedade, que oprimiam. As noções básicas de humanidade estavam garantidas, o opressor ali eram as condições psicológicas, o medo, o vazio, a insegurança, a desesperança na vida, a solidão era tanta que não se morria de fome, se morria do desejo de morte, se morria lenta e dolorosamente, mas era também uma morte. Assim, externalizar seus desejos, os mais belos desejos, ajuda a concretizar esses pensamentos e sentimentos, o que auxilia no entendimento e desejo de

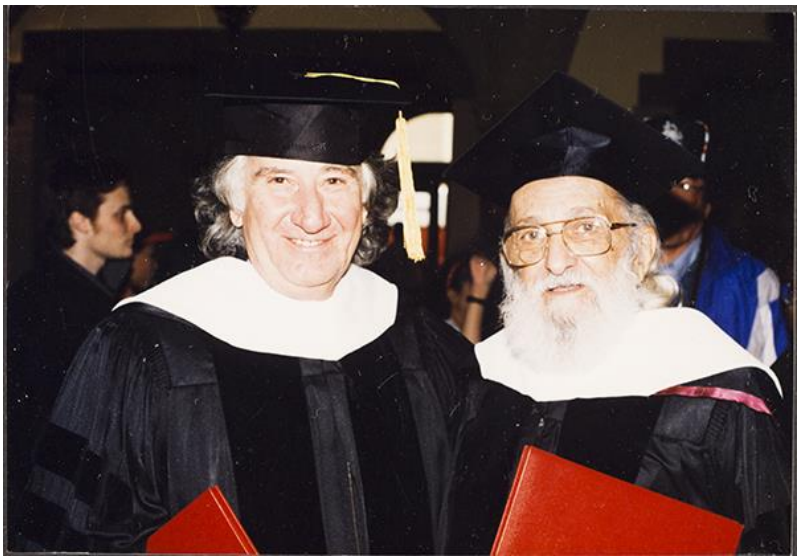
mudança de tais, é preciso desejo de mudança para que se possa pedir e estar aberto à ajuda.

Boal volta ao Brasil em dezembro de 79, após a lei de anistia, sendo recebido com grande alegria por parentes de amigos, mas sua função na Europa era tão ativa que volta para a França, onde funda o Centro de Teatro do Oprimido. Na década de 80, vem ao Rio de Janeiro para dirigir um espetáculo, onde cria o Teatro Legislativo, que segundo o mesmo é uma forma mais completa, incluindo todos os elementos do Teatro do Oprimido, e olhando para a legislação atual, neste momento, sendo vereador da capital do Rio, mostra-se que o teatro pode ser usado como mecanismo de diálogo e comunicação com a população.

No decorrer de sua vida, até sua morte em 2009, aos 78 anos, no Rio de Janeiro, Augusto Boal criou vertentes do Teatro do Oprimido, distintas, mas todas elas com o mesmo objetivo: trazer luz aos oprimidos e incentivar a luta pela mudança diante daquilo que ele sempre fez de melhor, teatralizar. Para Boal, é preciso que a arte estimule o oprimido em suas potencialidades, e que dessa forma todo molde de dominação seja contestado, libertando a todos da estética de opressão imposta pelas classes altas.

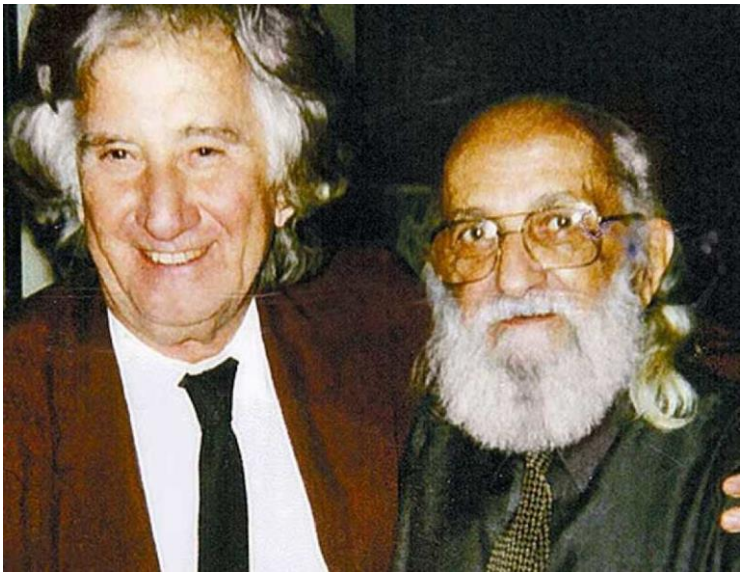
É possível então, observar inicialmente as relações estabelecidas entre os trabalhos de Augusto Boal e Paulo Freire, sendo referenciados mestres na arte do ensinar, do ensinar diferenciado, do ensinar necessário e participante daquilo que é real e concreto aos oprimidos, para que possam traçar então estratégias concretas de sobrevivência e de uma grande vivência enfrentativa ante seus opressores, serão estes, referências então, a base para este estudo.

FIGURA 1: Augusto Boal e Paulo Freire em ocasião de evento de recebimento do título de Doutor Honoris Causa pela University of Nebraska, Estados Unidos, em 1996.



(http://acervoaugustoboal.com.br/augusto-boal-e-paulo-freire)

FIGURA 2: Augusto Boal e Paulo Freire em Conferência Internacional de Teatro do Oprimido, nos Estados Unidos.



(https://www.folhape.com.br/cultura/do-mcp-ao-teatro-do-oprimido-a-relacao-de-paulo-freire-com-a-arte/198134/)

3.3.3 Proposta de Freire e Boal: Escuta e Diálogo

> Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.
>
> (FREIRE, 2020, p.108)

Ouvir e escutar são sinônimos, mas na prática não exercem a mesma função, você pode ouvir em desatenção, a informação é transmitida, chega até você, porém não é retida, mas quando se escuta, com atenção, com sensibilidade, você ainda que não tenha nenhuma representação visual, consegue tornar significativa essa informação, fica clara então, a importância do ato de escutar, e ao prestar atenção aos sons do mundo e as vozes que ecoam, temos uma atitude de respeito para com o outro, e para com aqueles para o qual iremos reproduzir tais falas.

> A escuta requer sensibilidade, interesse e atenção do ouvinte. Portanto, ao escutar precisamos estar atentos ao sentido que damos às ações e atitudes do outro. A escuta é uma habilidade que se estabelece a partir das emoções, visões de mundo e formação do ser humano. (CARVALHO, 2017, p. 50)

A escuta sensível, que respeita as diferentes visões, orienta práticas, propõe mudanças, possibilita a expressão de tudo aquilo que se deseja. Essa forma de escuta não é apenas isso, é um diálogo que aproxima pessoas e ideias, ainda que distintas. Na raiz da palavra sensibilidade, o sentir, perceber, interpretar é usado, porém, neste contexto de escuta, vamos além, temos a relação entre afetividade e potencial criador, não é uma mera interpretação de dados, mas é a capacidade de se colocar no lugar do outro e então tornar significativa cada ação derivada dessa escuta.

Escutar é o primeiro passa respeitar o outro, algo necessário para toda e qualquer relação interpessoal, especialmente na escola, onde cada relação influencia um processo. O aluno só aprende se escutar ao professor, e o professor só tem uma prática de qualidade que atinge seu público, se escuta seus alunos.

> A escuta sensível nos conduz a diferentes olhares para os diversos contextos das nossas vidas, e a sua prática deve ser constante, na relação e na troca com o outro. Ou seja, o vínculo que se estabelece com o outro, abre possibilidades para novas formas de sentir, querer e agir. Resta-nos saber como temos colocado em ação nossa missão de educar para a vida. A ação de escutar exige, por parte daquele que escuta, implicação com o contexto, e sendo assim, é essencial viver com plenitude esse momento de escuta. (CARVALHO, 2017, p. 57)

A escuta é uma prática inerente à evolução humana, e no contexto educativo deve promover novas sínteses do conhecimento, cultivar a vivência de valores e a tolerância diante do diferente, ela não é protagonista apenas da educação, ela tem a capacidade de criar facilitadores para a experiência do viver, e tornar o ser crítico que desejamos em cada aprendizagem, de cada aluno.

Para Boal, assim como para Freire, precisamos relacionar essa escuta ao diálogo, nunca formalizando um monólogo, não tornando essa escuta apenas uma informação, mas sim uma troca de saberes. Esse diálogo é visto como peça principal

do processo interativo os seres, especialmente entre aluno e professor, onde de um lado está o professor com sua ciência, sua norma culta de língua, suas crenças e valores diante da sociedade e sua perspectiva em relação ao desempenho dos alunos e do outro está o aluno, fruto de seu meio cultural e social, com seu saber baseado na vivência, com seus anseios com relação à escola, ao professor, a vida.

> O **diálogo** é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o **diálogo** impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o **diálogo** é, pois, uma necessidade existencial. (FREIRE, 1980, p. 42)

Assim também, Boal entende o diálogo, que é visto via de mão dupla, e espaço privilegiado para se educar, tendo neste processo o ato de educar o outro, apenas quando se torna possível ser educado pelo outro, em uma troca transformadora.

4. METODOLOGIA

> Eu fico com a pureza da resposta das crianças, é bonita, é bonita e é bonita... A vida... (GONZAGUINHA, 1982)

4.1 DIFICULDADES E MUDANÇAS

A concepção inicial deste estudo era de uma pesquisa qualitativa participativa, contando com a colaboração dos alunos de 9º ano de 1 sala do Ensino Fundamental da EMEF PROF. Daisy Amadio Fujiwara, uma Escola da Rede Pública da Prefeitura de São Paulo, localizada na região do Butantã e eu como professora de Educação Física regente dessas turmas, fato este, que segundo Fillipo, Pimentel e Wainer (2011), de eu ser própria do ambiente, que ajuda a tornar o ambiente interativo.

Tamanhas são as demandas dentro do ambiente escolar, gigantes devem ser também os momentos de se reconfigurar o ensinar e o aprender, isso exige um forte nível de engajamento e compromisso de toda comunidade escolar. Não há garantia de sucesso, ou talvez seja o processo de repensar e refletir o próprio grande sucesso da pesquisa colaborativa educacional.

> Tratando-se de um enfoque qualitativo que envolve relações humanas de forma dinâmica e que no contexto colaborativo traz inquietações e mobilizações que se contrapõe ao comodismo, nem sempre as expectativas das soluções e transformações almejadas se concretizam ou são perceptíveis devido às inúmeras variáveis que compõe o processo. No entanto, por meio dessas mobilizações, aprendizados serão construídos e posicionamentos poderão ser repensados ou revisitados orientados pela ação na reflexão e pela reflexão na ação. (GAVA; DA ROCHA; GARCIA, 2018, p. 76)

A riqueza dos processos que envolvem a pesquisa colaborativa, bem como a necessidade de reavaliar a prática profissional, característica presente no auto-estudo, forma um ciclo de transformação do meio, onde se pode ouvir a todos envolvidos, refletir e agir, possibilitando o que mais desejamos neste estudo que é *ouvir e valorizar as diferentes vozes, visando à partilha de saberes em contraposição ao isolamento.* (GAVA; DA ROCHA; GARCIA, 2018, p. 79) O que neste estudo fica ainda mais impactante contando com auxílio de outros professores em um trabalho interdisciplinar.

Os participantes seriam analisados durante dois períodos formais, mas sem dúvida todo o percurso conta para o resultado. A análise seria feita de forma qualitativa, onde objetivamos melhora no contexto social do pesquisado e pesquisando, usando como estratégia entrevistas e observações, a variação dos

resultados é dada diante do ambiente onde o fenômeno estudado ocorre, a investigação é descritiva e com os dados recolhidos, inicia-se então, a análise (Isabel Filgueiras, s/d), análise essa que não necessariamente é quantitativa, mas que se utiliza de alguns parâmetros quantitativos para um melhor entendimento.

Porém, alguns fatores acabaram por impossibilitar a realização prática da pesquisa com os alunos e a realização do Projeto Opressor e Oprimido, as dificuldades com relação à pandemia de Covid-19 pela qual passamos, e assim o modelo de aula online e a posteriore o modelo híbrido, e as dificuldades burocráticas com relação a aprovação da realização da pesquisa por parte da Diretoria de Ensino e da própria escola foram determinantes no processo de mudança da metodologia, que deixou de contar com a prática colaborativa dos alunos e voltou-se para o auxílio da visão de amigos críticos.

Infelizmente não conseguimos escutar os discentes, que era de fato o objetivo primordial da escolha temática desta pesquisa, dessa forma, diante desta impossibilidade, optamos por refletir minha prática docente, e a forma de escuta de meus alunos, e assim, tentar apresentar e repensar uma possibilidade metodológica utilizando as estratégias do projeto pensado inicialmente, tentando assim reorganizar o processo, sem deixar de lado nosso problema de pesquisa, e o incômodo da pouca escuta discente.

Vale ressaltar que por se tratar de um auto-estudo, não se fez necessária aprovação do Comitê de Ética da Universidade, mas que durante todo processo de construção do mesmo, tivemos grande preocupação com as questões éticas da pesquisa e com a melhor forma de realização da mesma, haja vista que todo contato com os amigos críticos foi explicativo, feito de forma clara e objetiva, contando com o aceite na participação de todos, e também na divulgação dos encontros na íntegra, bem como em nenhuma restrição à identificação dos mesmos e de suas qualificações.

4.2 METODOLOGIA UTILIZADA

Estudo de caráter qualitativo, com enfoque na metodologia de auto-estudo, modalidade onde a pesquisadora busca entender sua própria prática, avaliando a si mesma. Onde se entende que só refletindo a prática é possível melhorar sua atuação, mas a reflexão por si só não constitui em si mesma um auto-estudo, deve ser munida de evidências e da análise do contexto, tempo e espaço.

> Parte-se do pressuposto de que não há mudança educacional sem mudança nas 'pessoas'. Focalizando-se na prática pessoal e na experiência dos professores, pode-se abraçar o genuíno questionamento para chegar a um melhor entendimento das complexidades do ensinar e do aprender. Assim, o auto estudo pode ser considerado uma extensão sobre a "reflexão sobre a prática" com aspirações que vão além do desenvolvimento profissional e conduzem à consideração de ideias e a construção e comunicação de um novo conhecimento. (SOUZA; FERNANDES, 2014)

A concepção de ciência aqui, é usada como processo histórico cuja principal característica é o questionamento, a auto interrogação e a análise, nutrida constantemente pela dúvida, pela reconstrução do investigado, segundo Morim 2003 (apud Filgueiras s/d), e vale ressaltar que o significado dos acontecimentos é de vital importância para os sujeitos.

Se faz necessário entender como se deu esse processo histórico de construção do auto-estudo, para entender como ele é realizado atualmente, Loughran (2004) narra que o auto-estudo inicialmente não foi bem quisto pela academia, apesar de o fato da pesquisadora desta modalidade estar intimamente familiarizado com o mundo da pesquisa científica sobre educação, e com o mundo da prática pedagógica, tentando compor através destes dois mundos, a melhor prática possível. A característica inicial deste tipo de estudo era uma avaliação institucional, e não necessariamente do indivíduo, e com o passar do tempo se tornou utilizável em várias áreas do conhecimento, mas tem sido especialmente utilizado para discutir a prática do professor, e essa intencionalidade emergiu do trabalho dos próprios professores e educadores.

O auto-estudo busca identificar a concordância entre a teoria e a prática que permeia o trabalho do professor, afinal de contas, acredita-se que crenças e práticas precisam estar intimamente ligadas, ou se tornam uma falácia, sem qualquer significado, e trazendo descrédito perante a sociedade escolar, e tem como desejo que a pesquisa de sua prática informe melhor o professor sobre o ensino e gere um aprimoramento no aprendizado dos alunos.

> O auto-estudo tornou-se um ponto focal para aqueles que buscam um melhor conhecimento de suas práticas particulares e o trabalho daqueles que se preocupam com o ensino e a aprendizagem em campos paralelos (como reflexão, pesquisa-ação, pesquisa de professores, pesquisa participante e pesquisa profissional) influenciou na definição de como o auto-estudo é percebido e conduzido. (LOUGHRAM, 2004, p.9)

Auto-estudo é uma forma de pesquisa de grande eficácia no que diz respeito ao se renovar, mas para tal efeito, depende de como a pesquisadora / professora se

deixa evidenciar sobre sua prática, não adianta apenas realizar essa modalidade de pesquisa de forma superficial, é preciso estar desnudo de toda couraça, de todo medo de ser visto, de todo orgulho com medo de se ferir, é preciso coragem para se deparar talvez com seus erros, talvez com uma parte de você e de sua prática que você nunca conseguiu enxergar por si só e cria situações pelas quais a professora se torna também uma aprendiz, precisando de coragem para se expor e correr riscos, para se utilizar da aprendizagem de uma maneira nova e significativa.

> Acreditamos que a pesquisa sobre a prática de ensino por parte dos professores é uma promessa inestimável para o desenvolvimento de novos entendimentos e a produção de novos conhecimentos sobre o ensino e a aprendizagem. A formalização desse estudo da prática por meio do auto-estudo é imperativa (...). O valor do autoestudo depende do pesquisador / professor fornecer evidências convincentes de que eles sabem o que afirmam saber. (...) Este livro fornece evidências de que o autoestudo realizado com rigor levará à reconstrução e reconceitualização da formação de professores. (HAMILTON; PINNEGAR, 1998, pp. 243–244)

Modelagem é um termo importante no auto-estudo, mas precisamos tomar cuidado para não interpretar mal tal termo, ele não pode ser visto como sinônimo de imitação, não se fala de “mostrar um modelo”, mas sim de “ser um modelo”, como afirmam Hamilton & Pinnegar, 1998; Loughran, 2004; praticar o que se prega dá a professora a imagem de um ser poderoso, e esse processo de modelagem pode envolver o alunos e os fazer autores das etapas de investigação com eles, não meros objetos de pesquisa, o que mostra como a sala de aula pode ser muito mais que um local de transmissão de conhecimento, pode ser um local de reflexão, de investigação, de partilha.

Berry (2001) vai além do olhar solitário da professora em seu auto-estudo, ele acredita que ouvir o que o outro tem a dizer sobre você é algo muito mais significativo que sua própria visão dos fatos, e que através dessa construção coletiva, se chega a resultados muito mais válidos, pois é de característica do ser humano “fechar os olhos” para algumas coisas em seu cotidiano, em sua prática e então, somente o olhar do outro pode fazer cair a venda dos olhos do pesquisador. Muitas vezes é preciso retroceder, voltar ao início de sua prática, ver onde ela se alterou, para então reestruturar-se. *O auto-estudo não se trata apenas de racionalizar comportamentos existentes, mas de examinar honestamente a prática.* (BERRY, 2001, p.20)

No que tange à formação acadêmica do docente, o auto-estudo é uma forma valiosa para repensar sua prática, já que vemos na Educação uma formação constante necessária, mas também possibilita uma melhor integração com seus pares

dentro da escola. Para as autoras Raquel Silva e Filomena Martins (2020), a prática docente é fruto experiências prévias de vida, dos caminhos perpassados em sua carreira, e também de mudanças sociais e culturais constantes, em um mundo de transformações instantâneas, o professor busca se reinventar, mas essa busca nem sempre é tão fácil e consciente.

> Qualquer docente reflete no momento em que realiza a sua planificação, quando procura as melhores estratégias para trabalhar com os seus alunos, o material adequado para a concretização das tarefas que deseja propor… Mas será que observa, regista e reflete sobre a sua atuação? Sobre a sua prática educativa? A reflexão sobre a práxis a partir da sua observação poderá assim surgir como estratégia para promover o conhecimento e o desenvolvimento profissionais. (SILVA; MARTINS, 2020, p. 142)

Ao entender-se como um ser em construção, o educador sabe que precisa de aperfeiçoamento constante, e que então, precisa repensar sua prática, o que faz do auto-estudo uma ótima estratégia de refletir sua ação, para reconstruir seu castelo de cartas, sem se prender às cartas marcadas em seu baralho, o que facilita demais a formação colaborativa do docente.

Durante o processo de construção, conversando com os amigos críticos que foram colaboradores desta pesquisa, sentimos a necessidade de promover em diversos momentos os chamados Círculos de Cultura, visando exercitar o poder do diálogo e escuta presente neste movimento com o qual fomos agraciados por Paulo Freire. Os Círculos de Cultura surgiram durante a execução de seu programa de alfabetização em massa no nordeste brasileiro, na década de 60, Freire cria os denominados *Círculos de Cultura*, que se tornaram populares no Brasil, sendo parte do chamado *Método Freire*. Neles encontramos um espaço de aprendizagem dinâmico, valorizador das experiências individuais, portanto, diferenciadas, o que enriquece demais a construção de um conhecimento coletivo, claro, visando um conhecimento comprometido com a transformação social, necessidade tão presente nos estudos de Freire. (Estela Monteiro *et al,* 2015)

Neste movimento, os participantes, em nosso caso, discentes, se organizam em forma de círculo, e ocorre então, a interação entre eles, tratando assuntos e situações pertinentes e de interesse ao grupo. Todo este processo é permeado pelos fatores de problematização e diálogo, e assim se busca chegar a pontos importantes na reflexão e na ação para o enfrentamento de situações cotidianas. (Estela Monteiro *et al,* 2015). Os autores deste coletivo entendem que os propósitos de Freire com os círculos de cultura, vão além de um método educacional ou de uma teoria, mas trata-

se de uma proposição de nova visão do espaço e do papel do indivíduo na sociedade, este é visto como ator de suas ações, detentor das decisões de sua vida, onde cada um tem potencial para escrever sua história, sua cultura.

Quando o método de Paulo Freire é utilizado como recurso teórico e metodológico de uma pesquisa, ele se consiste em três fases que passam pela investigação da temática, pela tematização e pela problematização:

> O método de Paulo Freire, como recurso teórico e metodológico em pesquisa, consiste de três fases dialéticas: investigação temática, quando os educadores/animadores descobrem, no universo vocabular dos alunos, as palavras geradoras e os conteúdos temáticos de vida; tematização, quando os temas são codificados e decodificados através do diálogo, os símbolos ganham significado social, os participantes ganham consciência do mundo vivenciado: e problematização, uma fase com um processo de ação – reflexão – ação, onde o participantes do Círculo de Cultura tentam superar a primeira visão mágica por meio de uma visão crítica e social, reconhecendo os limites e possibilidades de transformar o contexto vivenciado. (MONTEIRO *et al,* 2015, pp. 169 – 170)

Os *círculos de cultura* são um processo de diálogo em grupo, que acontece de forma horizontalizada, onde todos têm direito a se expressarem e a trazerem para a conversa problemas de suas realidades. Uma conversa ativa voltada para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, transformadores. Segundo Nepomuceno *et al* (2019), as principais características deste processo são o diálogo e a linguagem em junção às experiências cotidianas dos participantes, além da problematização dos conhecimentos potencializadores das mudanças sociais. Para Freire, nenhuma ação educativa pode acontecer sem uma prévia reflexão sobre o homem e suas condições culturais.

Cada indivíduo está em um contexto espaço e tempo, em suas vertentes sociais, históricas e culturais e para êxito no processo de círculo de cultura, existe a necessidade inicial de situar-se diante do vocabulário dos participantes, das palavras, das temáticas e daquilo que seja significativo para a cultura local, mas isso precisa ser contextualizado e de fato ter sentido para todos, deve representar a história daqueles que compõem o grupo. Esta é a primeira etapa. Já na segunda, acontece a elaboração destes temas, onde estes se tornam mais que linguagem, se tornam uma forma de leitura do mundo, o que agrega potencial estímulo para transformação de uma realidade após apropriação de um exercício de diálogo sobre essa necessidade. A terceira fase, por sua vez, consiste na criação de situações cotidianas ou sociológicas que são encaradas como desafios pedagógicos para o grupo durante o processo de tomada de consciência. Essas situações podem ser representadas de

diversas maneiras, podendo ser através da oralidade, da escrita, dos desenhos ou da pintura, de fotografias ou vídeos. (FREIRE, 1980, 1994)

4.1 PROJETO DIDÁTICO IDEALIZADO: OPRESSOR E OPRIMIDO PELO OLHAR DOS JOGOS TEATRAIS

O projeto foi elaborado com 8 aulas e um momento além destas, para a apresentação do produto final, destinadas à aplicação no 9º ano do Ensino Fundamental, com duração de 45 minutos, onde procuramos fazer uma relação entre as práticas corporais, e a relação opressor e oprimido, através do uso colaborativo de elementos do Teatro do Oprimido, contando também com recursos de leitura de imagens, música, e interpretação de situações problemas.

A seguir, serão descritas as aulas, contendo tema, objetivos, conteúdos,

TABELA 2: PROJETO AULA 1

TEMA	Relação Opressor e Oprimido na escola, na Educação Física e no Esporte.
OBJETIVOS	Possibilitar uma discussão entre os alunos sobre temas relacionados à Educação Física Escolar e ao Esporte, tornando clara e identificando a relação entre os sujeitos opressores e oprimidos.
CONTEÚDOS	Preconceito por classe; Preconceito por gênero; Preconceito por raça; Preconceito por deficiência; Preconceito por estrutura física.
RECURSOS	Cartões com imagens sobre preconceitos no mundo escolar e da Educação Física; Pequenos papéis para escrita; Canetas; Caixa de Sentimentos.
DESENVOLVIMENTO	- Exposição de imagens aos alunos. - Cada aluno deverá escrever em um pedaço do papel entregue a eles um sentimento que represente seu próprio sentimento diante das imagens observadas. - Leitura dos papéis da Caixa de Sentimentos e roda de conversa sobre os temas expostos nas imagens. (IMAGENS A APÓS TABELA)
AVALIAÇÃO	Interação dos alunos diante das imagens e dos sentimentos exposto por elas.

IMAGEM 3 (Limpeza Urbana) Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/422353271281056124/ Acesso em: 12 de mai. de 2022.

IMAGEM 4 (Educação Remota) Disponível em: https://www.portalviu.com.br/brasil/enem-marcado-pelo-ensino-remoto-escancara-desigualdades-no-brasil. Acesso em: 12 de mai. de 2022.

IMAGEM 5 (Racismo no Futebol) Disponível em: https://diariodeuberlandia.com.br/coluna/4436/o-preconceito-e-o-esporte. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

IMAGEM 6 (Desconte com a árbitra). Disponível em: https://dibradoras.com.br/2018/04/13/assedio-preconceito-e-exclusao-como-e-ser-arbitra-no-futebol-brasileiro/. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

IMAGEM 7 (Obesidade Infantil). Disponível em: http://blog.saude.mg.gov.br/2018/04/27/vidasaudavel-obesidade-e-importancia-da-vacinacao-sao-temas-da-semana-saude-na-escola/. Acesso em: 14 de mai. de 2022.

IMAGEM 8 (Futebol é coisa de menino). Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27143. Acesso em: 10 de mai. de 2022)

IMAGEM 9 (Chute-me). Disponível em: https://sensicare.pt/blog/post/como-combater-o-bullying-na-deficiencia/. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

IMAGEM 10 (Menino não dança e menina não luta). Disponível em: https://www.martinsfontespaulista.com.br/menino-nao-danca-e-menina-nao-luta-940239/p. Acesso em: 14 de mai. de 2022.

TABELA 3: PROJETO AULA 2

TEMA	Teatro Imagem
OBJETIVOS	Proporcionar um movimento inicial de mudança do *status quo* de determinada situação opressora.
CONTEÚDOS	Teatro Imagem.
RECURSOS	Teatro Imagem.
DESENVOLVIMENTO	- Relembrar as imagens utilizadas na aula anterior. - São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais: RETRATO Cada grupo de alunos, escolhidos pelos próprios, escolhem uma situação de opressão para representarem. Após, montam uma cena estática com essa representação, somente utilizando-se dos corpos. Os demais alunos tentam adivinhar qual é esta cena. INTERVENÇÃO Mesma base do jogo anterior, porém neste, ocorre intervenções, retirando alguns personagens da cena, para que seja feita a relação de que só há opressor se houver um oprimido.

AVALIAÇÃO	Gravação de um pequeno vídeo sobre o que acharam das atividades propostas.

TABELA 4: PROJETO AULA 3

TEMA	Ser marionete
OBJETIVOS	Definir com os alunos o conceito de marionete e buscar uma reflexão sobre aquele que está sob o efeito marionete nas relações. Valorizar coordenação motora fina e a criatividade.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico; Projetor; Notebook.
DESENVOLVIMENTO	- É compartilhado com os alunos o vídeo “Mário, a marionete”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jaUGQXFeJaA. - São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais: • HIPNOTISMO Um ator põe a mão a poucos centímetros da cara de outro e este fica como que hipnotizado, devendo manter a cara sempre à mesma distância da mão do hipnotizador. Este inicia uma série de movimentos com a mão, para cima e para baixo, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as contorções possíveis a fim de manter a mesma distância. A mão hipnotizadora pode mudar, para fazer, por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador. • HIPNOTISMO COM DUAS MÃOS Como no anterior: o ator que dirige seguirá dois dos seus colegas, um em cada mão, e poderá fazer todo o tipo de movimentos; os colegas devem manter invariável a distância entre os seus narizes e mãos. • MARIONETE À DISTÂNCIA Um ator, a um metro de distância de outro, faz movimentos como se estivesse tocando o companheiro. O segundo ator deve realizar todos os movimentos compensatórios como se estivesse sendo efetivamente tocado, como se fosse uma marionete obediente: levantar as mãos, caminhar, baixar a cabeça, levar um murro no estômago, abrir a boca, deixar a língua para fora, etc. Exatamente como se o outro estivesse a manejar.
AVALIAÇÃO	Como tarefa extraclasse, os alunos devem confeccionar um boneco de marionete.

TABEL 5: PROJETO AULA 4

TEMA	Fantoche da Sociedade
OBJETIVOS	Buscar uma reflexão sobre aquele que está sob o efeito marionete nas relações. Valorizar coordenação motora fina e a criatividade.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico; Projetor; Notebook.
DESENVOLVIMENTO	- Mostrar aos alunos algumas imagens; - Apresentar aos alunos a música “Marionete”; - Após breve discussão sobre as imagens e sobre a música. (IMAGENS E MÚSICAS APÓS A TABELA)
AVALIAÇÃO	Elaboração de uma ilustração, sobre como se sentem sendo ou não, marionetes da sociedade.

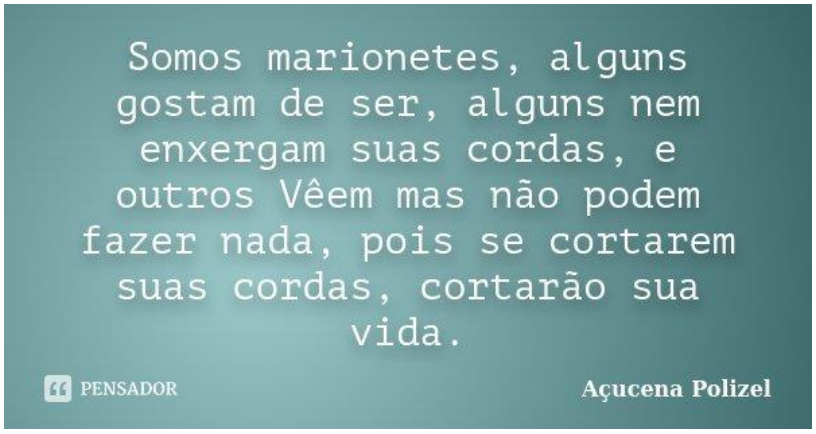


IMAGEM 11 (Marionete). Disponível em: https://www.pensador.com/frase/MjExMzEyOQ/. Acesso em: 23 de mai. de 2022.

IMAGEM 12 (Ser marionete depende de você). Disponível em: http://pilotesuavida.blogspot.com/2018/01/evite-levar-tao-serio-o-que-os-outros.html. Acesso em: 23 de mai. de 2022.

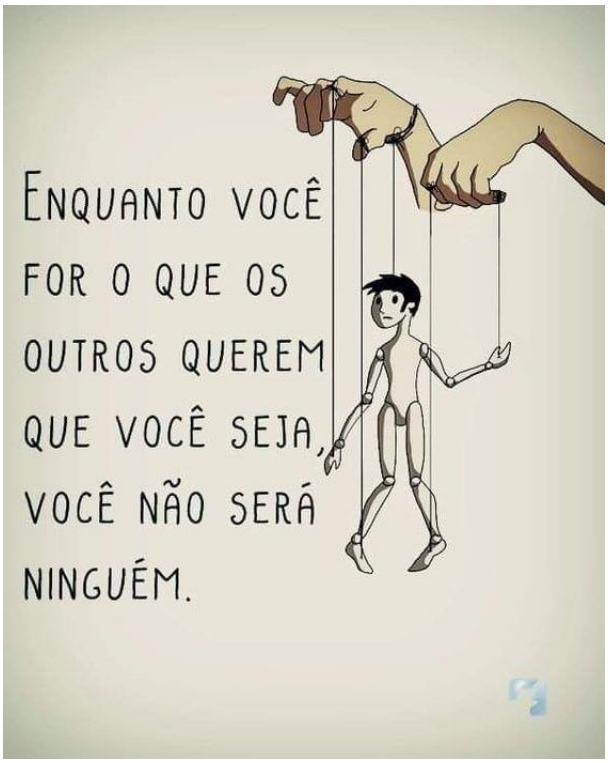


IMAGEM 13 (Você não será ninguém). Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/731131320737495502/ Acesso em: 23 de mai. de 2022.

- Apresentar aos alunos a letra e áudio da música “Brincando de Marionete” (Facção Central) de 1998. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O6aGWj9ALmU. Acesso em: 26 de mai. de 2022.

A trilha sonora é tiro a cena é de terror, o ar é triste tem aglomeração
Sirenes, viaturas, calibres, 12, 38, veja as manchas no chão
O carro preto e branco define atração,
17 caio pelo pioneer cd na mão, a arma foi Glock
Fulano sem Ibope, Cinco na cabeça, passaporte pra morte
A sigla IML, define seu caminho
Oitava gaveta na geladeira, um cadáver decomposto
Do estilo que bóia no rio,
Defunto pra pesquisa olha o conto do legista
Pobre é fundamental pra medicina
Corta o cérebro, arranca o pulmão, abre o peito no meio e come ocoração
É míssil teleguiado, controle remoto,
Marionete do sistema brasileiro de corpos
Sei que os porcos batem palmas pro meu caixão
Que deliram no cemitério, na detenção
Com nosso sangue escorrendo no chão
Querem grampo no meu pulso,
Me ver apodrecendo no X de uma delegacia
Esperando na febre, a quarta feira meu jumbo, a minha visita

Se pá um risco de cocaína, querem ver o meu ódio,
Minha semiautomática jogando na rota
Vela acesa meus pêsames, outro cadáver pá, outra vítima morta
Me querem de quebrada com um na cinta,
Um bolso entupido, roubando um toca fita
E dando 5g pro seu filho
Uma AR15 fodendo o carro forte, uma AR15 num banco, bebendo seu sangue
Em busca do cofre, uma facada no peito do pilantra,
Uma rajada nos playboy filhos da puta de zoomp, fórum
Tirando um racha com suas piranhas,
Bomba relógio no seu escritório
Quero ver me olhar com nojo, sem fax, computador, celular, no seu velório,
Não vou estar no chão te estendendo a mão, ou comendo seu lixo
Use seu dinheiro pras puta das boates, pra faculdade do seu inútil filho
Use o dinheiro pra whisky, carro esporte,
Pro buffet do hotel de luxo, não cheiro de sua farinha
Tenho dignidade, não meto os cano na sua raça não vejo futuro
Realça lut palatino, lagosta, caviar
Faça o seu papel, não abre o vidro no farol,
Nãm estenda o pulso pro moleque, pra 380 não atirar
Ou pra ver não ver o moleque com o nariz escorrendo
Com roupas rasgadas, queimado de cigarro, feridas no corpo, fedendo
Se fodendo mendigando dinheiro,
Pra uma mãe ou pai, filhos da puta pra cachaça, cigarro, crack,
Que neurose e desespero
Aí o sangue sobe, tem que ter enterro
Tiro de escopeta na cara, o álcool queimando pelo corpo inteiro, pelo corpo inteiro
Aí você atrás das grades
Aí você com o ferro, fazendo boy pagar pedágio
Seu BO, no carro forte, assalto a banco
São apenas peças de um jogo
Onde matar ladrão é mais o fácil, é o aceitável
Aqui se joga na cadeia, não é pra se regenerar, é pra ver detento se matar
Se joga crack na favela, e se espera o resultado
Abracadabra, chove finado
Já assinei um 12, sei como é lá dentro
Aqui fora descobri que detento tem rótulo na testa
Tatuagem, carimbo pra sempre detento,
Eterno marionete, cair na armadilha
Faça o contrario fulano, aposente os calibres,
Dispense a farinha, desfaça a quadrilha
Raciocine com o cérebro não com os calibres
O meu caminho eu mesmo traço é Dundum, Facção
Bem longe do crime, é o sistema brincando de marionetes
Brincando de Marionetes,
É o sistema brincando de marionetes
Brincando de Marionetes
É os sistema brincando de marionetes
De braços abertos sobre a cabeça de outro cadáver está Jesus
Dando como prêmio a sua benção
E aceitando quem quer que seja sob a sua cruz
Não pede holerite, não olha a cor, não puxa o DVC
Não importa se vez faculdade, se tem curso superior
Ou se derrubou uns três antes de morrer
Nunca li a Bíblia, mal passei em porta de igreja
Nunca botei fé em religião,
Só tenho Deus uma certeza
Que aqui no inferno, até o diabo tem perdão vai pra cima,
Que todo homem merece misericórdia, a graça de Nossa Senhora Aparecida
O detento puxando, quatro de ponta revezando seu sono atrás das grades
Enquanto uns dorme outros sonham com a liberdade
O moleque com a mão estendida querendo um pedaço de hot dog

Se contentando, ficando feliz com resto da sua fanta, apenas um gole
O mano HIV positivo na UTI, na cama do hospital
Ou deficiente sem sorriso, que sonha com sua moeda de 5, 10, 25
Qualquer real, se segura na mão de Deus e vai, diz o verso da canção
Mansão, iate, ouro, dólar, são em vão
Preto ou branco, pobre ou rico, pro buraco só leva o caixão
180 por hora, passou estilo carro de corrida
Pacoteira no bolso, Honda Civic instalado de cocaína
O perfil do jovem de bem, brasileiro do tipo que queima índio com álcool
O santo, o filho do juiz, o bom exemplo
A justiça no Brasil é pro detento na detenção
Que destrói o pavilhão com as mãos
Bota fogo, joga pedra no PM cuzão
Aí o promotor condena
Cola globo, sbt, revista veja querendo a notícia
Nosso sangue é manchete pro empresário que ouve a vida no rádio do seu carro
Com seu motorista 111 no saco, isso sim que é justiça
Sua raça cheira, mata, derrete o cachimbo
Paga o honorário, pá e pum advogado ta lá pra tirar
E o delegado sorrindo, mas se a minha ta na cinta se liga na bronca
Sou assassino confesso sem defesa
Trinca de ponta, se enquadram minha goma, reviram a gaveta, já era o
Guarda-roupas
Abrem o som, a tv atrás de flagrante
Vários chutes na boca, desrespeitam a minha mulher, minha filha
Sem mandato um batalhão de gambé na minha sala dando coronhada
Apavorando minha família
Não fui criado nos Jardins nem no Morumbi
Não me hospedo em hotel cinco estrela
Não tenho motorista, uma BMW, esperando por mim
Nasci pra assalto à banco e carro forte
Pra ser o elo da farinha da playboyzada pra favela
O justiceiro que respira morte, o assassino que abre sua cabeça no meio por
Dinheiro
Ou o sequestrador que te queima, te tortura, te esfaqueia no cativeiro
Que pega seu filho pelo pescoço de refém, exige carro, armas
E espalha os miolos dele como se fosse um cachorro
Como se fosse ninguém
Só o livro a caneta, o lápis, o caderno evitam que o Eduardo doc éu seja o
Eduardo do inferno
Esqueça toda essa porra de BO, fita boa, armamento é tudo ilusão
De um abraço no seu pai, sua mãe, sua mina, isso sim é real não da sangue,
Não da caixão
Seu trampo, seu estudo brecam o cano do PM,
Pobre informado, engatilhando o raciocínio,
É embaçado qualquer país treme, quando a sirene do carro funerário tocar
Entre as flores lá no caixão,
Quero ver o mano digno não marionete, que morreu na mão da rota
Apenas outra ladrão, aqui diz Facção, Facção.
Brincando de Marionetes,
É o sistema brincando de marionetes
Brincando de Marionetes,
É o sistema brincando de marionetes
Aí mano aposente seu calibre, dispense a farinha, desfaça a quadrilha,
O nosso sangue, o cadáver embaixo do jornal, o moleque fumando crack,
É o que o sistema brasileiro de corpos quer, pobre se matando,
Pobre trocando tiro entre si, pobre morrendo na mão da policia, pobre no cemitério,
Seu trampo e seu estudo brecam o cano do PM, mano informado,
Digno se valorizando é embaçado mano, o Brasil treme.

Eduardo Dundum, Erick 12, Facção Central,
1998, Brincando de Marionetes.

TABELA 6: PROJETO AULA 5

TEMA	Arco Íris do Desejo
OBJETIVOS	Explorar a crítica sobre qual é a situação real vivenciada pelos atores/alunos e qual a situação que se deseja, a idealizada.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais: • ESCULTURA O ator faz a escultura de determinado tema (a sua cidade, o regime político atual, a sua escola ou fábrica, etc.); seguidamente, deve fazer a escultura de como seria esse tema idealmente; depois de fazer a escultura de transição possível entre a primeira imagem (real) e a segunda (ideal). Todos devem participar na discussão das imagens de transição, mas sem falar; cada qual fazendo as modificações que lhe pareçam necessárias na primeira imagem, para que seja possível chegar a segunda; deve-se formar uma verdadeira assembleia de escultores, sempre sem falar, mostrando as suas opiniões através das imagens propostas. • ILUSTRAR UMA HISTÓRIA Um grupo de atores conta uma história de caráter real, cada um por sua vez, enquanto no palco outro grupo de atores “ilustra” essa história, utilizando seus corpos. O grupo contador transforma essa história em algo real, e o grupo atuante acompanha as mudanças. O interessante é dar ao grupo atuante uma oportunidade de responder imediatamente com seus corpos às propostas que surgem. Por isso é importante que as propostas das histórias incluam árvores, animais, ventos, ondas do mar, choros, castelos, metralhadoras, tanques de guerra, calor, frio, guerra e paz, floresta e cidade, praias e campos, etc. A resposta corporal deve ser imediata e não deve ser interrompida: o mesmo ator pode passar de leão a bomba que explode, através de uma “metamorfose” e não através de um “corte” na interpretação dessas duas díspares.
AVALIAÇÃO	Interação e participação durante a atividade.

TABELA 7: PROJETO AULA 6

TEMA	Quebra da Repressão
OBJETIVOS	Ilustrar de forma crítica o posicionamento do opressor e do oprimido diante de uma situação já vivida e sentida pelos alunos/atores.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais:

	• QUEBRA DA REPRESSÃO Um ator procura recordar um momento da sua vida em que haja sentido uma intensa repressão. O exercício faz-se em três fases. Na primeira, procura-se reproduzir o fato acontecido, tal como sucedeu, sem acrescentar e nem tirar nada, com grande abundância de pormenores. Na segunda fase do exercício, o protagonista não aceita a repressão. Sabemos que, quando se dá uma repressão seja de que tipo for, é porque conta com o apoio da vítima. Na terceira fase do exercício os atores trocam de papéis, interpretando precisamente o contrário. • CONFISSÕES DO REPRESSOR O mesmo exercício que o anterior, porém, pedindo-se ao ator que recorde um momento de sua vida em que atuou não como reprimido, mas como repressor: na terceira fase ele não se verá como o seu algoz, mas sim como a sua vítima.
AVALIAÇÃO	Preenchimento do formulário “Confessionário”, sobre como se sentiram desempenhando os papéis de vítima e agressor. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1m_6dPTSlVpET4PglfVcYWX6Q9SccP47Ha0GhC1VxgXM/edit?usp=sharing

TABELA 8: PROJETO AULA 7

TEMA	Teatro do invisível
OBJETIVOS	Promover uma reflexão crítica de situações na Educação Física e Sociedade onde os mais diversos indivíduos são invisíveis.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- Ao final da aula anterior, pedi aos alunos que assistissem ao vídeo https://www.youtube.com/watch?v=jEZeef6T6zY disponível na sala “Projeto Opressor e Oprimido”, no Google Classrom e através deste recurso midiático, elaboram em grupo, cenas pertinentes aos invisíveis no momento da Educação Física. - Apresentação destas cenas, à outras salas de aula da escola.
AVALIAÇÃO	Participação no processo de idealização, montagem e apresentação das cenas.

TABELA 9: PROJETO AULA 8

TEMA	Escuta e diálogo (Preparação Manifesto)

OBJETIVOS	Trabalhar a criatividade dos alunos e seu poder de manifestar suas opiniões.
CONTEUDOS	Opressor e Oprimido.
RECURSOS	Materiais de Papelaria; Projetor; Notebook; Filmadora e/ou celular.
DESENVOLVIMENTO	- Preparação das atividades escolhidas pelos alunos para serem apresentadas no manifesto.
AVALIAÇÃO	Empenho e engajamento.

PRODUTO FINAL:

- Manifesto Cultural;
  - Curta teatro;
  - Exposições;
  - Músicas e/ou paródias;
  - Danças;
  - Outros.

- Círculo de Cultura.

4.2 METODOLOGIA DO AMIGO CRÍTICO

> A figura de um “amigo crítico”, pode contribuir com uma perspectiva necessária a uma abordagem equilibrada de mudanças e transformações na escola, dentro de um quadro de alto nível de comprometimento, dedicação e confiança no seu conhecimento e apoio.
> (LEITE; MARINHO, 2021, p. 105

Após a elaboração desse primeiro projeto de aulas, diante das dificuldades já expostas para a realização de uma pesquisa prática, optou-se pelo processo de escuta de *amigos críticos*, figura que, segundo VillaLobos (2014) surgiu na Inglaterra, com um conjunto de diretores de escolas que pararam para refletir sobre melhorias das escolas dos outros, e contribuíam entre si para que essas melhorias acontecessem, olhando de fora, para dentro dos muros da escola. Este papel de

amizade associado ao *amigo crítico* é entendido por uma postura de apoio possibilitada pelo conhecimento, pelo estudo e pela investigação de um fenômeno, diante de uma perspectiva de amizade pedagógica e intelectual.

A utilização desta metodologia potencializa uma crítica saudável, partindo de um processo de confiança, de um pedido de análise de um pesquisador a alguém em quem ele confia, e entende que possa trazer diversas contribuições para seu trabalho, aquele que desenvolve reflexões e críticas construtivas. Neste processo, não há contradição entre os termos amigo, e crítico; especialmente pelo fato de que a crítica aqui, não é vista como algo negativo, mas sim, como um momento de contribuição, de um, ou mais olhares diferenciados para o momento de prática, mas este, só é possível quando há da parte analisada uma abertura para escuta e para o diálogo, um entendimento real e uma sincera vontade de avaliação de suas ideias e práticas. (VILLALOBOS, 2014)

O intuito de um *amigo crítico,* está no desejo de buscar maior qualidade no processo educativo, através de um ator de fora, este deve se inteirar do processo, entender o movimento, levantar questões provocadoras, exercer seu poder de crítica de forma amiga, buscando apoiar o sucesso deste trabalho. Essa função não pode suscitar um sentimento de fiscalização, de inspeção e imposição de ideias e metodologias, mas pelo contrário, deve ser vista como um incentivo à reflexão, como um auxílio na reformulação de atividades pedagógicas. (SARAIVA, 2012)

> O papel do amigo crítico é desempenhado por um educador que colaborativamente reflete na ação documentada e faz dessa reflexão um espaço de aprendizagem e desenvolvimento. É um processo, é difícil, mas é possível, e que reverterá em ganhos para os educadores e as crianças. (SARAIVA, 2012, p. 37)

Para Van der Velden *et al* (2009), *apud* Maria C. Saraiva (2012), a definição de *amigo crítico* está em alguém que objetiva fazer com que os projetos tenham êxito; que busca uma aproximação em forma de amigo, com grande informalidade, mas com olhar crítico; uma pessoa que faz de forma amigável e construtiva uma análise honesta dos fatos, trazendo reflexões profissionais e aquele que mantém a franqueza, a sensibilidade, a independência, a confidencialidade, aumentando assim o processo de confiança entre os envolvidos.

O *amigo crítico* precisa ser destemido, estar disposto a enfrentar desafios intelectuais e a ser estimulador, não impositor de uma ideia, mas sim aquele que provoca no professor e no pesquisador uma tomada de decisão diante dos caminhos a serem percorridos, assim sendo, há desenvolvimento profissional para aqueles que

participam do processo avaliativo. Entendendo esse conceito, e observando as falas de nossos *amigos críticos*, passamos a repensar os modelos didáticos e avaliativos, de acordo com o tempo necessário para análise de tantas informações obtidas, assim como também o objetivo respondido por essas informações, momento este que aconteceu após a tentativa da primeira aula do projeto idealizado inicialmente, onde percebi que precisaria de ajuda.

Após este momento difícil, coloco a vista minha frustração, onde em mais de 11 anos atuando na mesma escola, nunca tive tanto problema ao tentar inserir um tema em minhas aulas, me senti bastante decepcionada e busquei então, ajuda de três amigos críticos, escolhidos conforme suas áreas de atuação e pesquisa, acadêmicos, que poderiam compor uma gama direcionamentos com grande diversidade e *know how* que seria de grande auxílio para entender o que, talvez, pudesse explicar meus erros.

Sendo assim, foi feito contato com esses 3 amigos, sendo 2 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Cada contato aconteceu de forma diferente, conforme a facilidade de acesso a cada qual, o primeiro por e-mail, o segundo pelo aplicativo *Facebook,* e a terceira pelo aplicativo *WhatsApp.* Neste primeiro contato, fiz o convite para ser colaborador na pesquisa, e após o aceite, fiz o envio de minha proposta, onde enviei a sequência de aulas, juntamente, apenas com os objetivos investigativos, e pedi que após análise deste material, estes especialistas pudessem me trazer algum retorno sobre como observam esse material em relação aos objetivos da educação física escolar, pedindo que após essa análise pudéssemos ter um momento síncrono de fala, para melhor entendimento dos apontamentos. Esta solicitação foi gentilmente aceita por todos, e de fato aconteceu. Os encontros aconteceram conforme a disponibilidade dos amigos, através das plataformas de reunião online *Google Met* e *Zomm*, escolhidos de acordo com maior entrosamento do colaborador com a plataforma, tendo duração de no máximo 35 minutos, e contaram com uma sequência de agradecimentos pela disponibilidade de participação no estudo, questionamento sobre como este amigo entende o trabalho e seus apontamentos diante do mesmo, sobre a coerência com as áreas pretendidas e os objetivos desejados, o pedido de algumas dicas para melhoria do meu plano didático e por último, pergunto de posso reenviar o trabalho com algumas mudanças diante deste diálogo, com o aceite de todos.

Foi assim que tive a honra de conversar com os 2 especialistas em Educação Física e 1 em Teatro. A análise destas conversas foi feita através do método de análise

temática, onde as falas são classificadas por temas para melhor compreensão das mesmas.

A análise dos dados obtidos foi feita através da concepção bakhtiana onde a descrição dos processos dialógicos nos auxiliam a entender as interações do momento. A narrativa tem papel importantíssimo no ensino e na pesquisa, conforme nos aponta Cátia Silva *et al* (2017), a análise temática é um método analítico qualitativo amplamente utilizado em pesquisas, onde “deve ser vista como um método fundamental para análise qualitativa e é o primeiro método que os pesquisadores deveriam aprender”. (SILVA *et al*, 2017, p. 251)

A principal característica deste método é sua forma dinâmica de acontecer, esta análise evidencia o caráter dialógico presente na produção qualitativa e os métodos que compõem seu processo são segundo Cátia Silva *et al* (2017):

- A transcrição de entrevistas, que é a primeira tarefa a ser realizada, onde o pesquisador inicia um processo de familiarização com os dados produzidos, nesta etapa as entrevistas são transcritas em sua íntegra, contando com anotações que indiquem expressões e intensidades, por exemplo;

- A definição da unidade analítica, onde os materiais são submetidos a um estudo aprofundado pautado pelos referenciais teóricos para que ocorra então uma análise comparativa dos mesmos;

- Leitura intensiva do material descrito, nesta, após leitura inicial e definição das unidades a serem analisadas, acontece a leitura intensiva deste material, que possibilita a localização das unidades temáticas, aqui também, cabe, e facilitam o processo as anotações feitas pelo pesquisador durante a entrevista;

- Organização das enunciações em temas e subtema, é a criação de códigos de agrupamentos de temas similares, assim, releituras são comuns, para que haja um melhor aproveitamento das unidades;

- Elaboração e análise do Mapa Semiótico, este possibilita a apresentação dos dados obtidos, e a separação dos trechos enunciativos que são considerados representativos para a pesquisa e assim são construídos e analisados os mapas.

Assim, a análise temática dialógica é valiosa, tendo a característica de ser flexível e podendo ser usada em uma grande variedade de epistemologias, sendo capaz de produzir uma análise perspicaz que venha a responder de forma específica o tema desejado.

5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

> O oprimido é aquele que recebe e está na relação direta deste embate de forças desproporcional. Na imersão no

> método, é possível distanciar-se das situações de opressão e libertar-se, refletindo sobre alternativas claras através da encenação de transformação social.
> (SILVA, 2020, p. 45)

Logo de início notamos que os amigos entendem que sua postura é de sugestão, é de trazer um olhar de fora para alguém que às vezes, por estar imerso no processo pode ser tomado por uma cegueira conceitual e prática, mas que isso é a visão deles diante do fenômeno apresentado, não que necessariamente sejam as melhores, e devam ser seguidas à risca.

> É minha impressão, é minha leitura, minha opinião, não significa que tá certa e que você precisa aceita-la né, você usa como você achar melhor as minhas respostas (AMIGO 1)

Todos os amigos críticos são bem humildes e se colocam em uma posição colaborativa do início ao fim das falas. Durante todo o processo de conversa com os amigos, podemos notar que as colocações se baseiam muito na área de pesquisa e atuação, o que enriquece muito e completa por vários olhares a pesquisa, mas mesmo assim, as ideias se repetem e se conectam entre si.

O primeiro amigo crítico é licenciado em Educação Física e Pedagogia, tem Mestrado e Doutorado em Educação, Pós-doutorado em Currículo e Educação Física e Livre-Docência em Metodologia do Ensino de Educação Física. Professor universitário e de pós-graduação, orienta pesquisas em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado. Investiga a prática pedagógica da Educação Física, e os seguintes temas: Educação Física escolar, Currículo, Formação de professores e Teorias pós-críticas, onde por sua vasta experiência neste último, foi convidado a ser o amigo crítico na área de Educação Física Crítica.

As conversas com estes amigos críticos fizeram emergir alguns temas, e trago estes como resultado de uma análise temática. O primeiro deles, que surgiu com bastante ênfase nas falas do primeiro amigo, mas foi também pontuada pelos demais, análise do projeto frente à **especificidade das aulas de Educação Física**. Foi apontada a necessidade do cuidado para que o projeto não perca esse foco, o que é claramente apontado nos excertos a seguir:

> (...) eu tive muita dificuldade para entender que aquilo era um trabalho de Educação Física, então eu vou dizer que olha, o material que você encaminhou, que descreve uma série de... Só para retomar né, é uma série de 8 aulas, ai tem o tema, os objetivos, os conteúdos, avaliação, etc., eu entendi que é muito mais um trabalho de Arte que um trabalho de Educação Física. Trabalha muito mais com a linguagem teatral, com a dramaticidade, etc., do que com a Educação Física, e porque que eu vou dizer isso, porque

> a Educação Física ela tematiza as práticas corporais, e ali, mesmo quando você vai olhar para o esporte, ou para as aulas de Educação Física, né, você olha através do teatro, e não tornando as aulas de Educação Física ou o Esporte o centro do processo. (AMIGO 1)
>
> "Vamos identificar como se dão as relações de opressão no Esporte", ou seja, a relação de opressão é o tema principal e não o esporte. Hoje quando a gente está dizendo, a educação problematizadora de Paulo Freire é, afinal de contas, aquilo que aconteceu durante o esporte que a gente vai problematizar, (...) Como é que acontece o futebol na sociedade, e aí pode ser como acontece no intervalo na escola, como acontece o futebol na sociedade, bom agora vamos ver, vamos discutir o que está acontecendo. (...) Então por exemplo, o trabalho lá com a marionete, que eu achei interessante, achei interessante, vamos separar uma coisa da outra né Talita, que eu acho legal as coisas, e que eu ache que seria interessante que acontecesse, mas não na aula de Educação Física, porque a Educação Física não trabalha com essa linguagem, a Educação Física trabalha com outra linguagem, né então a Educação Física tem que tematizar brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, então acho que esse trabalho cairia muito bem em outro espaço. (AMIGO 1)
>
> Então eu acho que você tem que tematizar as práticas corporais, e na medida que as questões de preconceito aparecem, aí elas precisam ser problematizadas, então, de gênero, de etnia, de raça, né, de religião, e aí, quando você leva imagens para eles, para induzir essa questão, a imagem lá daquele jogador sendo assim, bastante violento com a árbitra né, aí você está fugindo daquelas questões que são as práticas corporais, e a professora de Geografia poderia fazer isso, o professor de História poderia fazer isso, (...) isso, usando até a mesma imagem. (AMIGO 1)
>
> (...) você poderia pegar alguns pressupostos do Teatro do Oprimido, mas pensar nas aulas de Educação Física, ou seja, o teu objeto Talita, é brincadeira, dança, lutas, jogos, esportes e ginásticas, e todas as relações que acontecem nisso, então, crianças brincando de boneca, crianças brincando de vídeo-game, jovens brincando de vídeo-game, ou seja, essas relações estão postas, que é a vida em sociedade que a gente transplanta para essas questões. (AMIGO 1)

Ainda sobre este tema, o segundo amigo crítico, que é doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, em cotutela com a Università di Bologna – Dipartimento di Scienze dellEducazione G. M. Bertin (Itália). É integrante do LABORARTE – Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação. Possui mestrado em Educação e graduação em Pedagogia. Licenciado em Teatro pela Escola de Belas Artes. É especialista em Educação Ambiental e multiplicador de Teatro do Oprimido com formação junto ao CTO – Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro. Sua área de atuação e pesquisa está direcionada à pedagogia dos artistas e brincantes: um olhar sobre a formação de docentes para educação infantil, e o Teatro do Oprimido, traz um olhar onde acredita sim, ser necessário não perder a especificidade da área de Educação Física, mas que entende que esta formulação de trabalho está de acordo com a área, que existem conhecimento pertinentes tanto à

Educação Física, quanto as Artes, especialmente no que diz respeito aos jogos teatrais, colocação que podemos observar a seguir:

> (...) acho que é tão rica essa sua proposta, porque, primeiro, você trabalha com Educação Física né, e quando você fala dos jogos, os jogos têm todas essas dimensões que você está falando aí, a perspectiva de trabalhar o corpo, inclusive numa perspectiva de educação corporal, porque aqueles 400 jogos têm tudo isso, mas eles também são preparatórios para o trabalho teatral. Então você tem aí, para sua postura crítica, por exemplo, de criticidade, você tem esses instrumentos, vamos chamar os jogos de meios pedagógicos, meios teatrais, eu acho que eles são sim, muito ricos. Do ponto de vista da Educação Física, eu acho que ele pode ser tão explorado, tanta coisa que é mesmo para o corpo, enquanto arte, enquanto preparação atoral, ou de atriz, e ao mesmo tempo é um exercício que coloca o corpo em uma dimensão de alta percepção, para se expressar, para se colocar em movimento. (AMIGO 2)

> Se você fizer esse teatro fórum, pensando em uma discussão em termos de sociedade, de mundo, você está fazendo teatro fórum, aí você perderia a oportunidade de tocar em um objeto que é seu, que é a Educação Física. Porque gordofobia nas aulas de Educação Física, quanto não tem? Aí, acho que seu trabalho ganha originalidade, quando você traz para a Educação Física, para sua história, sublinhar a Educação Física, né, porque senão, se você abre, é perfeito, mas aí, você está só fazendo Teatro do Oprimido com uma turma de 9º ano. (AMIGO 2)

Essa conexão entre o jogo como objeto da Educação Física e do Teatro é realizada pelo amigo crítico com base em sua formação, a qual se diferencia do enfoque teórico da cultura corporal trazido pelo primeiro amigo-crítico, evidenciando a pluralidade de interpretações que o conceito de jogo pode assumir no campo educacional.

A terceira amiga crítica também aborda sobre essa temática, apontando que não necessariamente em todo projeto é possível ver a especificidade em Educação Física, o que fica claro no trecho de nossa conversa:

> (...) em algumas aulas eu consigo ver bem que isso dialoga com a Educação Física, em outras aulas eu fico pensando, onde entra a Educação Física aqui, porque poderia ser aplicada em uma aula de Artes, por exemplo, ou até em uma outra aula de algum outro professor, que tivesse a intenção de trabalhar, principalmente a opressão, de História, de Geografia, poderia trazer essa discussão também. (AMIGA 3)

A terceira amiga crítica é licenciada, Mestre e Doutora em Educação Física e graduada em Pedagogia. Atualmente, é Coordenadora de um Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física e Pedagogia. Atuou, com o Ensino da Educação Física na Escola, trabalhando nos diferentes níveis de ensino da Educação Básica, o que motivou a escolha da principal linha de pesquisa a qual se dedica: Educação Física, Escola e Currículo e no legado de Paulo Freire para a construção

de um currículo crítico. Pesquisadora, é líder de um grupo de estudos sobre os saberes escolares a serem aprendidos nas aulas de Educação Física.

> (...) a gente não pode perder, embora eu seja educadora antes de ser professora de Educação Física, eu sou professora, e eu não dou aula de um componente, eu educo o ser humano como um todo, mas eu também tenho uma conexão, uma responsabilidade com a Educação Física, e aí, eu preciso garantir a presença da minha área aqui. Não fica evidente, nessa aula especificamente, como é que você vai trazer a Educação Física para o diálogo. (AMIGA 3)

> (...) não tem nenhum momento em que a Educação Física esteja presente sabe, e aí, não quer dizer que ela esteja ausente, mas ela não aparece explicitamente, mas eu pergunto a você: Quando eles elaborarem essas cenas, a ideia é que sejam cenas específicas do contexto da Educação Física, do Esporte, Jogo, ou não, você vai deixar livre? (AMIGA 3)

Como pudemos ver, esse tema foi recorrente nas falas dos três amigos, especialmente na visão dos amigos que são da Educação Física. Este tema foi uma preocupação também de minha orientadora no decorrer de todo processo, mas assumo que foi muito difícil encontrar essa linha tênue demais, para mim, entre fazer um trabalho com que transite por diversas áreas e perder a especificidade da área de origem.

Após a conversa com o primeiro amigo crítico, elaborei um projeto voltado especificamente para a Educação Física, para o contexto de um campeonato (apresentado após este tópico), na tentativa de garantir essa especificidade, porém, em uma leitura após a elaboração, senti que não fui fiel ao meu propósito que é fazer do Teatro do Oprimido uma estratégia utilizada nas aulas de Educação Física, conforme o segundo amigo, talvez por ser do teatro, tenha conseguido captar como eu.

> (...) como uma metodologia artística também pode servir a este saber que é a Educação Física, ou seja, é como se ela também virasse, é estar dentro de uma Educação Física. (AMIGO 2)

> É... Eu fico muito contente com isso porque cada vez mais eu vejo que o Teatro do Oprimido, ele penetra diversas áreas do conhecimento né. E acho que você traz uma ideia muito rica, muito significativa, eu gostei muito. É muito belo ver sua vontade de juntar essas duas áreas, de entender o Teatro do Oprimido como um agente de educação e transformação dentro de outra área, é muito incrível isso! Seus objetivos, sua colocação, eu gostei bastante. (AMIGO 2)

Entendo e assumo que meu trabalho talvez transite por essas duas áreas de forma indiscriminada, e apesar de entender, muito melhor após a conversa com os amigos, que eu preciso sempre me lembrar qual minha origem acadêmica, eu também posso transitar por outras áreas, e conforme a amiga 3 e o amigo 1 colocaram, este

trabalho possa ser realizado por professores de outras áreas, e porque então não tornar esse trabalho interdisciplinar de fato (sugestão da amiga 3), haja vista que: *Pensar interdisciplinarmente requer um planejamento no qual haja concordância entre razão e propósito.* “Nessa perspectiva, é possível apreender a complexidade nas relações entre indivíduos e entre indivíduos e objetos”. (COSTA; MONTEIRO, 2019, p. 5)

Para estes autores da Pedagogia Crítica, a Educação Física precisa ser considerada ampla, com papel de inovação para aluno e professor, e para tal, é preciso entender seu local de atuação conforme um conteúdo da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, e que, portanto, pode e deve permear todas as áreas de linguagens, e atentando-se ao fato de que o professor de Educação Física, faz parte de um corpo docente, e como corpo, não deve se afastar do restante para o bom funcionamento da máquina do ensinar e assim ver “(...) a inserção da Educação Física na área de Comunicação e Expressão; e o papel da Educação Física enquanto componente curricular com base em objetivos educacionais mais amplos”. (COSTA; MONTEIRO, 2019, p. 6)

> (...) o quanto a gente faz na escola, na Educação Física, atividades que deveriam ser projetos da escola, não exclusivos da Educação Física. Esse seu projeto aqui, ele ficaria muito mais eficiente, muito mais coerente, se fosse uma construção coletiva, e que alguns professores tratassem algumas coisas, Artes, por exemplo, tivesse junto com você, tratando de alguns aspectos, dialogando todos juntos né. É, se a gente não tem na escola, eu sei dessa realidade, é difícil o coletivo na escola, às vezes você consegue com dois, três professores, mas um coletivo, uma escola que você que você consiga trabalhar uma temática dessas, com todo mundo, é realmente muitíssimo raro. (AMIGA 3)

Assim, para mim, ficou o alerta de que preciso sempre estar atenta para não cair no descrédito a Educação Física, mas a certeza de que busco um trabalho com características interdisciplinar e que acredito que sendo a Educação Física como um componente curricular, eu consigo de fato trazê-la para a composição de um currículo muito mais rico e versátil.

Um segundo tema foi **como provocar a reflexão da relação opressor e oprimido sem manipular ou induzir os alunos, direcionando e não problematizando a situação.** As opiniões dos amigos sobre isso se dividem, todos entendem que para uma pesquisa, não é interessante essa *indução*, porém essa pesquisa é um auto-estudo, então, parte de minha prática cotidiana, e nela, acabamos trazendo materiais midiáticos, por exemplo, para nos auxiliar nas discussões. Assim,

podemos ver em trechos de falas a seguir que nem todos entendem a proposta de trabalho apresentada como uma manipulação. Para o amigo crítico número um, o projeto apresenta diversos momentos de indução, que podem ser representados nestas falas:

> (...) afinal de contas, aquilo que aconteceu durante o esporte que a gente vai problematizar, e não induzir os alunos a identificarem, e mesmo quando você trabalha com imagens, etc., já são materiais que induzem a uma certa... (AMIGO 1)

> (Sobre a avalição de uma das aulas) Elabore uma ilustração sobre como se sentem, sendo, ou não, marionetes da sociedade", então a tendência do pessoal caminhar para uma representação que é mais aceita, coletiva, é grande né. (AMIGO 1)

O segundo amigo crítico também apresenta seu ponto de vista sobre a temática, entendendo que não há necessariamente problemas em trazer uma pergunta pronta aos alunos, ou uma indicação de material, desde que ao lidar com estes materiais, aconteça um movimento de provocação, que os leve a refletir estas situações no contexto deles, para que não haja um distanciamento da realidade deste grupo, assim como apresenta sua observação de que o uso dessas temáticas não seriam um indução porque esses temas são pré existentes na vida e que o pesquisado é um ser humano e se está buscando a criticidade no outro, espera-se que seja crítico também, o que torna sua motivação algo transformador, se for trabalhando dentro de uma postura dialógica.

> Né, você leva sua vontade, no entanto, ao escutar, é importante que essa pergunta seja uma pergunta que provoque, ou pelo menos que anime aquela comunidade a falar daquilo que ela quer transformar. Essa é a base. Nesse sentido nós podemos depois ter então a Educação Física, a Filosofia, a Astronomia, todo e qualquer saber, mas quando vai trabalhar com o teatro do oprimido, esse ato de escuta, para levantar um tema, aí sim ele se faz fundamental. Caso contrário, se você leva ao que é da sua vontade, não é... A palavra induzir não é uma boa palavra, mas é algo que está distanciado do que é de fato, o desejo daquele lugar. (AMIGO 2)

> Quer dizer, o pesquisador tem sua motivação, né, o multiplicador, no seu caso. E essa motivação, que é uma motivação crítica transformadora, que quer tocar nas questões sociais e de opressões contemporâneas aí, tá certo, isso é um aspecto importante, você não é neutra, você tem a sua intenção, tanto é que você está terminando um mestrado, mas essa ação, junto com um grupo de alunos, de educandos, ela tem que ser feita por meio de uma postura dialógica. (AMIGO 2)

> Outra coisa que tô vendo de importante aqui, é a escuta, divisão de grupo, o modo como serão divididos os temas, naturalmente né. Porque na verdade, quando você fala desses temas, os temas já são pré-existentes, por isso, não vejo como uma indução, eles não são uma indução, eles já são pré-existentes né. Olha, na Educação Física nós temos esses... Na Educação Física não, na vida, nós temos esses problemas, no caso, a Educação Física torna isso

> latente. Legitimar com o grupo os temas, legitimar assim, vocês acham que esse tema tem relação com à Educação Física, ouvir eles. (AMIGO 2)

Entendo que o projeto, por partir de minha própria prática, não precise necessariamente se abster totalmente de influências como em uma pesquisa de outras características, mas para diminuir este fator diante do processo, acredito que o melhor seja a utilização desses materiais pensados como recurso e não como objeto do estudo, que seja o primeiro passo de um caminho a ser percorrido para o objetivo final que é trazer a reflexão sobre as situações apresentadas, para isso, a forma de escuta diante dos estímulos, em meu ver, é o mais importante, garantir minimamente que os estudantes possam dispor de suas opiniões sem censura, na criação de um espaço de diálogo, que infelizmente é bastante escasso em nossas escolas, como nos mostra a autora Nathalie Wutzki retratando sua jornada:

> O cotidiano e a ausência de um espaço de diálogo e reflexão me levaram a questionar o sentido, se valia a pena o esforço para construir novas possibilidades em uma estrutura desumanizante, onde a busca do novo era desencorajada. (...) o diálogo é o processo que acreditamos como educação. (...) o diálogo só pode existir em um ambiente construído por relações onde a emoção que as alimenta é o amor, não um amor romantizado ou como uma suposta harmonia, (...) É nesse ambiente amoroso em que se torna possível que a palavra não seja apenas dita, mas que se constitua em movimento na construção do conhecimento. (WUTZKU, 2018, pp. 70-71)

Essa forma de entender este processo como um momento de diálogo é o que faz minha busca por distanciar minhas referências de uma indução, e dessa forma penso minha prática trazendo algumas mudanças, pós conversa com os amigos, especialmente em meus objetivos para as aulas acreditando que por mais que na primeira aula eles percebam de forma externa a relação opressor e oprimido, após, na sequência das aulas eles consigam transitar pelas duas posições, entendendo que não são apenas oprimidos, ou tão pouco opressores, que na realidade da vida, do esporte, da educação física, eles permeiam esses extremos.

> Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros isto", em quem não reconheço **outros eus?** (FREIRE, 2020, p. 111, *grifo do autor)*

Propondo essa visão de diálogo em que Freire vê o professor como mediador do conhecimento e também aprendiz, o conteúdo, sendo problematizado, pode ser reestruturado e então se faz bastante válido para o processo.

> Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição – um conjunto

> de informes a ser depositado nos educandos -, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2020, p. 116)

Falando sobre os legados de Paulo Freire, partimos para o próximo tema, presente na fala do primeiro amigo crítico, bem como da terceira amiga é a questão da **coerência do projeto com os princípios freireanos, e os aspectos pedagógicos do teatro do oprimido.**

Para o amigo 1, muito se tem dito sobre Paulo Freire, mas pouco tem se apropriado de sua prática, pouco se vê de fato, de atividades e estudos que trabalhem com as ideias dele de forma coerente, para este amigo, é preciso muito cuidado com relação à apropriação dos conhecimentos de Freire:

> (...) eu tenho visto desde o ano passado, e até um pouquinho antes, mas principalmente no ano passado, por conta do centenário de nascimento do Paulo Freire, eu tenho visto assim, uma proliferação de trabalhos, de discussões, de homenagens, etc., mas de tudo que eu vi, inclusive na nossa unidade, a gente fez um ano inteirinho de atividades, de eventos, de comemorações, de atividades de vários tipos, são poucas aquelas que olham para a prática pedagógica, né, então há uma confusão na minha visão, na minha leitura, uma confusão muito grande na minha leitura, do Paulo Freire filósofo, educador, vamos dizer assim, teórico, epistemólogo e do Paulo Freire, da apropriação que as pessoas fazem dessa ideia para a prática pedagógica propriamente dita, então pode olhar, mesmo no campo da Educação Física propriamente dita, são pouquíssimos os trabalhos que trabalharam com a Pedagogia Freireana, com a Pedagogia Libertadora, com a Educação Problematizadora da prática. (AMIGO 1)

Para o amigo 2, a aproximação do projeto com o legado de Paulo Freire pode ser garantida quando os problemas forem discutidos e refletidos para serem solucionados partam daquele local, que sejam suscitados no seio daquela comunidade e provados em um momento de círculo de cultura:

> Um círculo de cultura, que seja, uma roda de conversa, uma roda de prosa, e tentar levantar desses sujeitos quais são os problemas. E aí tem outra coisa importante, que sejam problemas, que sejam problemas que devem surgir para serem transformadas naquele lugar. (AMIGO 2)

A amiga crítica 3, entende que o projeto condiz com os estudos de Paulo Freire, porém na mesma fala que traz essa informação, também trata sobre a especificidade da Educação Física, que faz parte da primeira temática. A mesma entende que:

> A ligação, a conexão entre o projeto com Paulo Freire é muito evidente. A conexão com a Educação Física, é que eu acho que você precisará trabalhar um pouco mais, minha concepção. Mas assim, fica muito evidente, que a ideia de a pessoa tomar consciência dela, do mundo em que ela está né, como propõe Paulo Freire, essa conscientização, essa busca por essa conscientização, e aí essa conscientização. (AMIGA 3)

Conforme os indicadores de Freire, a amiga crítica 3 entende que faz parte do processo a discussão sobre as minorias sociais.

> Essa discussão sobre os marcadores sociais, sobre a desigualdade social, sobre a opressão. Eu acho que é muito importante, que a gente traga para a escola e para as aulas de Educação Física. Acho que você tem estratégias bem selecionadas, uma organização interessante. (AMIGA 3)

Em outra fala, também sobre a coerência do projeto com os princípios freireanos e com o Teatro do Oprimido, vemos uma ideia que se parece muito com a minha concepção neste projeto, de suscitar um processo de mudança que se inicia na reflexão, como Freire nos indica "(...) com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em *ativismo.* Este, que é a ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo". (Freire, 2020, p. 108, **grifo do autor**) ou ainda, "Se a tomada de consciência abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão". (FREIRE, 2020, p.32)

> (...) a gente não acha que em 8 aulas a gente vai transformar esses alunos, mas pelo menos jogar algumas sementes, provocar reflexões né, acho que isso é bem importante. Então quando você me pergunta, o quanto isso tem inspiração em Paulo Freire, é coerente com as ideias de Paulo Freire, pela proposta em si, eu vejo total coerência, pelas atividades que você propõe: dele olhar para si, dele olhar para outras pessoas e para um contexto social mais amplo. Eu acho que Paulo Freire ia propor exatamente isso, a ideia é a codificação, na percepção de sua realidade, e a decodificação, agora, a decodificação, eu não acho e nem imagino que Paulo Freire acharia que isso vai acontecer tão rapidamente, que o nosso papel é de ir provocando, e isso é processo né, é bastante importante, mas é processo. (AMIGA 3)

Ainda sobre a mesma temática, a mesma amiga diz que:

> Acho que a proposta, há uma tremenda coerência, há uma participação dos alunos, há uma conexão com Paulo Freire, isso a gente também pode ver. Tem diálogo, tem o estímulo que eles e elas se manifestem, participem, olhem para sua vida, então tem muita coerência aí. Acho que só conectar um pouco mais com a Educação Física, acho que tem que falar, tem que trazer essas coisas, do geral, para o específico, e detalhar mais algumas coisas. E é isso. (AMIGA 3)

No decorrer das conversas, outra relação com Paulo Freire se fez presente, a ideia do Círculo de Cultura, e esta questão me pareceu muito interessante, e de grande preciosidade para o projeto, onde pude então fazer mudanças no plano inicial, especialmente na avaliação, pois a ideia dessa troca imensa que o círculo de cultura permite é de fato o que desejo.

> (...) acho que é legal que quando você reunir em grupos e tal, para discutir... porque problematizar é problematizar a vivência também né, ou seja, aí

> acontece alguma coisa, ou você percebe alguma movimentação, percebe a exclusão, (...) É isso, círculo de cultura. (AMIGO 1)

> Um círculo de cultura, que seja, uma roda de conversa, uma roda de prosa, e tentar levantar desses sujeitos quais são os problemas. E aí tem outra coisa importante, que sejam problemas, que sejam problemas que devem surgir para serem transformadas naquele lugar. (AMIGO 2)

O Círculo de Cultura foi criado por Freire não apenas com intuito de alfabetização, mas também com o desejo de despertar à consciência acerca da importância do aprender a ler palavras e o mundo em que se vive, e assim, ler sua condição diante deste mundo, “visando à libertação dos oprimidos diante do contexto de analfabetismo, possibilitando o protagonismo e a transformação social por meio do ensino da leitura e escrita”. (SOUZA, 2021, p. 179)

Em um estudo utilizando-se dos círculos de cultura para entender a posição de meninas do ensino fundamental sobre a suposta não participação e negligência das mesmas durante as aulas de Educação Física, Aguiar (2015), conseguiu tirar as seguintes conclusões, que também são esperadas e acreditadas por mim, e, portanto, a inclusão deste método de escuta.

> (...) o Círculo de Cultura realizado possibilitou sistematizar o diálogo gerado com os participantes e perceber o inédito viável. Houve uma abertura para o diálogo, (...) um espaço onde pudessem arriscar-se e comunicar-se dialética e horizontalmente: “Oprimidas, voz trêmula, tímidas, sonhadoras. Anunciam uns ruídos de ecos pouco ouvidos”. Mas, será realmente uma quimera pensar numa escola que reconcilie a criação e participação dos agentes, como se fosse uma construção de um mosaico vivo, com o diálogo aberto entre todos? (AGUIAR, 2015, p. 10).

O círculo de cultural é um momento onde se propaga a escuta ativa para o desenvolvimento do diálogo, que devolve ao cidadão o direito à escuta, tão presente nas falas de Freire e Boal, e da mesma forma, tão necessário no exercício do Teatro do Oprimido.

Segundo Barbosa, para Boal, todo cidadão cujo direito à palavra, à livre expressão, à liberdade de escolha, e ao seu território e ao diálogo tenha sido suprimido é com oprimido, é um ser onde, de forma individual ou em grupos, seja no âmbito cultural, político, racial, social, sexual ou econômico sejam despossuídos do direito ao diálogo ou a execução de seus direitos diante de sua condição de cidadão. O Teatro do Oprimido poderia ser chamado de teatro do diálogo, tamanha sua força de transformação do oprimido em um pensador livre.

O quarto tema, abordado bastante pela terceira amiga crítica, diz respeito ao **planejamento e à reflexão docente.** Diante dos apontamentos sobre essa temática, ficou claro para mim que meu planejamento era frágil, que faltavam informações sobre o desenrolar das aulas e que os objetivos estavam equivocados, focados no meu ensinar, e não no aprender do meu aluno, conforme achados da amiga 3 que veremos a seguir:

> Eu acho que para entender melhor a aula você poderia colocar um pouquinho do que você pretende de mediação, tá. Na aula 2, você coloca como objetivo: Proporcionar um movimento inicial de mudança do *status quo*, de determinada situação opressora. Veja porque que é de ensino, isso é o que você pretende, mas ao final da aula, o que você pretende que os alunos tenham feito? É o que eles farão que vai dar origem a esse movimento inicial que você está dizendo, não é? (AMIGA 3)
>
> (...) seus objetivos precisam focar mais nos alunos e menos no professor. (AMIGA 3)
>
> (...) como é que vai acontecer a aula? Eu entendi o objetivo, porque aqui traz, aqui com certeza deve haver a conexão com a Educação Física, a preparação desse manifesto, mas como é essa preparação, em grupos? Vai pedir para eles trabalharem em grupos, ou não? Quantos grupos? O tempo é da aula inteira? Quais são as etapas dessa preparação? Esse manifesto fica pronto nesta aula, ou se não fica. Então, eu fiquei na dúvida, nesta aula eu acho que ela pode ser mais detalhada. (AMIGA 3)
>
> Eu achei que os objetivos, você elabora objetivos de ensino, e não de aprendizagem (...) eu não sei o que você deseja dos alunos, o que eles aprendam com isso. (AMIGA 3)

Conceição *et al* (2019) trazem a fala de que a tarefa de planejar não é fácil, mas que é necessário, haja vista que para o alcance de mudanças significativas, a ação do professor em todos os níveis de ensino é muito importante, e que dessa forma deve ser feito de forma a articulada, elaborado após uma reflexão profunda de seus desejos e do perfil da turma, e da comunidade escolar.

> O planejamento escolar inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. (CONCEIÇÃO *et al,* 2019, p. 4)

Apesar de a amiga 3 ter observado bastante essa questão, o amigo 1 também faz esse apontamento, de uma incoerência nas avaliações e nos objetivos de aprendizagem.

> (...) no material, qual você vai falar da avaliação. Então, em todos os planinhos lá, quando você coloca avaliação, aí você pede para as crianças dizerem como eles se sentiram, o que elas viram, etc., ou seja, essa é uma

> avaliação do que aquela atividade suscitou nelas, e não uma avaliação que permite você enxergar como elas se apropriaram do conhecimento, do que o conhecimento significou para elas né. (AMIGO 1)

Um bom planejamento deve conter de forma clara e objetiva os elementos voltados para elucidar os objetivos gerais e específicos, além da metodologia ou descrição do desenvolvimento das atividades e a avaliação, pois

> Tais elementos visam a assegurar a racionalização, a organização e a coordenação do trabalho docente, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao professor a realização de um ensino de qualidade e evite a improvisação e a rotina. Sobre esses elementos materializam-se os referenciais político-pedagógicos da prática pedagógica dos professores. (CONCEIÇÃO *et al,* 2019, p. 5)

Na visão do amigo 2, os objetivos precisam ser factíveis, o que os torna coerentes com a intenção do trabalho.

> Perfeito, eu acho que está muito claro. Muito claro... O objetivo está factível, porque quando você vai fazer uma pesquisa, tem que ser algo factível. E eu acho que... Eu acho o objetivo coerente. É possível e significativo. (AMIGO 2)

E assim, lendo e refletindo todas essas falas, eu pude fazer diversas mudanças na apresentação do meu projeto, nos objetivos, que passam a ser de aprendizagem, e em uma melhor descrição das atividades, para que aquele que venha a ler este, possa compreendê-lo.

Já a quinta e última temática se refere às **sugestões** que todos os três amigos trouxeram para o projeto enriquecendo demais meu autoestudo, entre elas, e pensando nas que mais fizeram sentido para mim, e as quais eu consegui tirar muito proveito, destaco:

> Então, as questões de opressão, você não precisa simular as questões de opressão, com imagens, ou com situações problema, você pode trabalhar com aquilo que acontece durante as aulas mesmo. (AMIGO 1)

> Certo, então, se eu fosse você, o que eu faria, (...) Eu desenvolveria meu trabalho nas aulas de Educação Física, mas claro né, aulas de Educação Física inseridas nas áreas das linguagens, aulas de Educação Física progressistas, e aí, na medida em que essas coisas fossem aparecendo, aí você problematiza essas questões, ou seja, com elementos concretos. (AMIGO 1)

> Mas assim, se você pensar na organização de um campeonato, ou de um festival de dança, ou alguma coisa assim que envolva muitas pessoas né, com muitas funções diferentes, você já vai ter uma boa situação, uma boa encenação né, em quem vai ser o técnico, em quem vai ser o juiz, quem vai ser o que vai registrar as coisas, quem vai ser o que vai cuidar da... quem vai noticiar os acontecimentos. Ou seja, você já tem uma encenação, que eles

> não precisam saber o que você está fazendo né, que é importante que eles representem aqueles papéis da melhor maneira possível. (AMIGO 1)

As sugestões do amigo 2 se pautam bastante no uso da escuta e do Teatro Fórum como estratégia para o projeto.

O Teatro Fórum é, para Boal, como um ensaio para a vida, onde o ator, no caso, aquele que faz arte, aqui, os alunos, experimentam vivenciar e ressignificar situações de opressão vividas no contexto social, desta forma, é o sujeito quem faz seu roteiro, podendo então, variar as situações e as ações diante de cena.

> Em breves linhas, descrevemos os procedimentos de um espetáculo de Teatro-fórum. Em um processo de oficina ou de laboratório de um grupo de teatro, os participantes (atores e/ou não-atores) compartilham histórias de vida que serão discutidas, avaliadas e selecionadas para a montagem. Esta técnica consiste em apresentar um problema social em cena, um anti-modelo (ou seja, um modelo de vida não desejado, que não deve ser visto como modelo), no qual o oprimido é impedido de realizar um desejo, fruto da necessidade clara de cunho pessoal ou social. Na cena, apresentam-se diferentes motivações do opressor e do oprimido. Em um jogo de conflitos, nos quais se apresentam forças, muitas vezes desiguais, o protagonista busca resolver o problema apresentado. (CANDA, 2012 p.121)

Vale salientar que o maior intuito do Teatro do Oprimido é promover um debate estético sobre a opressão, buscando alternativas e revelando que há diversas formas de atuação nas situações de opressão.

> E você pretende fazer teatro fórum? (...) Então, eu acho extremamente adequando, quando eu te disse agora pouco, eu acho que você precisa agora coordenar, coordenar a ação metodológica do Teatro do Oprimido, então você já tem elementos suficientes aí para a sua... para ainda, arredondar o seu projeto, que é isso, é o processo de escuta né. O processo de escuta com eles, o levantamento dos temas que são ligados, que já são ligados à Educação Física, né, ou seja, com essa turma de 30, com certeza você vai afrontar vários temas, não um apenas né, são vários temas, isso em tese estamos fazendo um pensamento em tese, e seriam então, várias cenas de teatro fórum. (AMIGO 2)

> É a técnica extraordinária para você. Legitimar com o grupo os temas, legitimar assim, vocês acham que esse tema tem relação com à Educação Física, ouvir eles né, e depois fazer o procedimento metodológico do teatro fórum. Que é isso que você sabe muito bem, trabalhar com os jovens e fazer as técnicas de ensaio, e fazer a montagem da dramaturgia que nasce deles e ir para o fórum. Então quer dizer, é só questão de coordenação de ação, que você que, talvez revise o que você escreveu. (AMIGO 3)

A amiga crítica 3 traz falas que me levam a refletir sobre como devo me preparar para as aulas e para o que vou encontrar nas discussões, o que me parece um grande alerta, além de uma ótima sugestão.

> (...) você já antevê qual será sua ação alí, quando eles não tiverem muito a dizer sobre a charge, como é que você vai reagir? Quando alguém disser que assim mesmo, que o mundo é assim, ou que o mundo é de quem tem mais vantagem, ou que a segregação das mulheres, há é assim mesmo, “Mas a

> mulher é mais frágil né professora", como é que a Talita age nesse momento, se a Talita joga a bola, porque provavelmente as meninas vão discordar, ou outras pessoas vão discordar, como é que você faria essa mediação? (AMIGA 3)

Outra sugestão que me tocou profundamente, e que diante dos argumentos levantados com o tema 1, especialmente, me fez repensar o local de ação do meu projeto, seu local de ação dentro da escola e diante das diversas disciplinas presentes nesta escola, é a questão da interdisciplinaridade.

> (...) quanto a gente faz na escola, na Educação Física, atividades que deveriam ser projetos da escola, não exclusivos da Educação Física. Esse seu projeto aqui, ele ficaria muito mais eficiente, muito mais coerente, se fosse uma construção coletiva, e que alguns professores tratassem algumas coisas, Artes, por exemplo, tivesse junto com você, tratando de alguns aspectos, dialogando todos juntos né. (...) Então se a gente fizer com pelo menos três professores, com alguns componentes curriculares, fica legal, isso é mais fácil. Se eu trabalhar na escola e não tiver nenhum professor, eu não desistir, vou trabalhar do mesmo jeito. (AMIGA 3)

Ao final de todas as entrevistas perguntei aos amigos se eu poderia refazer o projeto e encaminhar a eles para uma nova análise diante de tudo que fora conversado, onde todos concordaram, se mostrando deveras solícitos.

Estas conversas cumpriram sua missão enquanto participação de amigos críticos no que diz respeito ao trazer a luz de um olhar externo para uma prática educacional, me fez repensar minhas prioridades e objetivos com esta pesquisa, meus erros e acertos. O amigo crítico consegue um equilíbrio entre ser amigo e trazer pontos críticos para a pesquisa, o que faz desse recurso muito valioso, fazendo um trabalho de facilitador de mudanças e orientação organizacional, apoiando um processo único de autoavaliação.

> Analisando a expressão "amigo crítico", ela encerra dimensões aparentemente contraditórias entre os dois termos, amigo e crítico, principalmente porque a existência de crítica frequentemente transporta em si conotações negativas, levando a compreender o termo de forma negativa e a criar uma relação hierárquica entre amizade e crítica. (LEITE; MARINHO, 2021, p. 24)

Nota-se que não há equilíbrio na percepção dos diversos pontos de meu estudo entre os amigos críticos, o que torna este processo tão enriquecedor, de fato, é um privilégio ter auxílio diante de três visões diferentes, o vínculo teórico que cada amigo traz é de fato muitíssimo valioso.

Após ouvir os especialistas, buscamos reformular nossas estratégias para melhor desenvolvimento do projeto, maior concordância com as temáticas e

referenciais utilizados, e para tanto, chegamos a dois projetos distintos, um de um campeonato ou festival, mudando totalmente o projeto anterior, e outro com as mesmas estratégias e sentidos, mas reformulando algumas coisas.

Os principais pontos a serem mudados foram com relação à avaliação e objetivos conforme as indicações de minha amiga crítica 3, detalhando melhor as aulas e os procedimentos adotados nas mesmas, e na busca por me encontrar com as falas do amigo crítico 1, elaborei o planejamento de um campeonato, onde busco trazer situações de encenação de diversos papéis aos alunos, e possibilitando então, a criação de momentos onde possamos trazer à tona discussões sobre o ser oprimido e ser opressor.

Os mesmos serão descritos a seguir.

5.1. PROJETO PÓS ESCUTA DOS AMIGOS CRÍTICOS

5.1.1 (Campeonato e/ou Festival)

Buscando maior autonomia dos alunos, realizaremos as escolhas dentro do campeonato, após conversa com esses discentes. Para tal, passaremos pelas seguintes fases:

- ESCOLHA DAS MODALIDADES JUNTO AOS ALUNOS

- VÔLEI
- FUTSAL
- HANDEBOL
- QUEIMADA
- DANÇA

(Haja vista que são essas temáticas trabalhadas com eles no decorrer do ano letivo);

- ESCOLHA DE TIMES MISTOS OU HETEROGÊNEOS

*Inclusão de alunos com deficiência

- ESCOLHA DO SISTEMA DE PREMIAÇÃO E DA PREMIAÇÃO

- Medalhas
- Troféu
- Dia na quadra
- Filme
- Outros

- ESCOLHA DOS ALUNOS COMPONENTES DA EQUIPE DE STAFF E REGULAMENTAÇÃO

(Após essa escolha, iniciar com estes os processos descritos a seguir)

- Formulação das regras
- Divulgação e Marketing
- Inscrições

- ESCOLHA DOS COMPONENTES DA EQUIPE DE REPORTAGEM

- Narrador
- Repórter entrevistativo
- Fotógrafo
- Cinegrafista
- Divulgador nas Redes Sociais

- ESCOLHA DA EQUIPE DE ARBITRAGEM

- Árbitro ou Jurado
- Árbitro ou Jurado de mesa

- SELEÇÃO DA EQUIPE

- Treinador
- Capitã ou Capitão
- Jogadores ou dançarinos

- ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

- REALIZAÇÃO DO EVENTO

Haverá momentos de diálogo (Círculos de Cultura) com os participantes para as escolhas acima citadas, esta será uma escuta prévia, mas também acontecerá em momentos durante o processo e após a realização do mesmo, buscando entender a opinião dos discentes, seus gostos e desgostos diante do processo de construção e realização do Campeonato/Festival. Para isso, precisamos entender como funciona esse mecanismo de escuta e também suas potencialidades.

5.1.2 Reformulação do projeto inicialmente idealizado

(As alterações descritas estão representadas pela fonte de cor vermelha no corpo do texto a seguir):

Convite para o coletivo de professores se juntarem à Educação Física para o entendimento das práticas de opressão na sociedade, tornando a significância do processo ainda maior.

TABELA 10: ALTERAÇÕES AULA 1

TEMA	Relação Opressor e Oprimido na escola, na Educação Física e no Esporte.
OBJETIVOS	Possibilitar uma discussão entre os alunos sobre temas relacionados à Educação Física Escolar e ao Esporte, tornando clara e identificando a relação entre os sujeitos opressores e oprimidos.
CONTEÚDOS	Preconceito por classe; Preconceito por gênero; Preconceito por raça; Preconceito por deficiência; Preconceito por estrutura física.
RECURSOS	Cartões com imagens sobre preconceitos no mundo escolar e da Educação Física.
DESENVOLVIMENTO	- Exposição de imagens aos alunos. - Círculo de cultura sobre os temas expostos nas imagens. (Com mediação da professora, com neutralidade, deixando que os alunos expressem suas opiniões sobre os temas, sejam quais forem elas, sem qualquer interferência de julgamentos, apenas mediando o debate entre a turma e tentando provocar participação, quando necessário)
AVALIAÇÃO	Interação dos alunos diante das imagens e dos sentimentos exposto por elas.

TABELA 11: ALTERAÇÕES AULA 2

TEMA	Teatro Imagem
OBJETIVOS	Proporcionar um movimento inicial de mudança do *status quo* de determinada situação opressora. Assim, espera-se que os alunos consigam traçar uma relação entre as cenas realizadas e o cotidiano de suas vidas.
CONTEÚDOS	Teatro Imagem.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- Relembrar as imagens utilizadas na aula anterior. - São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais: • RETRATO Cada grupo de alunos, escolhidos pelos próprios, escolhem uma situação de opressão para representarem, duas, uma ligada a opressão na sociedade, e outra no contexto da Educação Física ou do Esporte. Após, montam uma cena estática com essa representação, somente utilizando-se dos corpos. Os demais alunos tentam adivinhar qual é esta cena. • INTERVENÇÃO Mesma base do jogo anterior, porém neste, ocorre intervenções, retirando alguns personagens da cena, para que seja feita a relação de que só há opressor se houver um oprimido.
AVALIAÇÃO	Gravação de um pequeno vídeo sobre o que acharam das atividades propostas.

TABELA 12: ALTERAÇÕES AULA 3

TEMA	Ser marionete
OBJETIVOS	Definir com os alunos o conceito de marionete e proporcionar aos alunos um momento de reflexão sobre aquele que está sob o efeito marionete nas relações. Valorizar a coordenação motora fina e a criatividade.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico; Projetor; Notebook.
DESENVOLVIMENTO	DESENVOLVIMENTO: - É compartilhado com os alunos o vídeo “Mário, a marionete”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jaUGQXFeJaA. - Essa aula não tem relação com a Educação Física, busca trabalhar o conceito de marionete, usando as representações corporais, passíveis da Educação Física, para tanto, são realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais: • HIPNOTISMO

	Um ator põe a mão a poucos centímetros da cara de outro e este fica como que hipnotizado, devendo manter a cara sempre à mesma distância da mão do hipnotizador. Este inicia uma série de movimentos com a mão, para cima e para baixo, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as contorções possíveis a fim de manter a mesma distância. A mão hipnotizadora pode mudar, para fazer, por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador. • HIPNOTISMO COM DUAS MÃOS Como no anterior: o ator que dirige seguirá dois dos seus colegas, um em cada mão, e poderá fazer todo o tipo de movimentos; os colegas devem manter invariável a distância entre os seus narizes e mãos. • MARIONETE À DISTÂNCIA Um ator, a um metro de distância de outro, faz movimentos como se estivesse tocando o companheiro. O segundo ator deve realizar todos os movimentos compensatórios como se estivesse sendo efetivamente tocado, como se fosse uma marionete obediente: levantar as mãos, caminhar, baixar a cabeça, levar um murro no estômago, abrir a boca, deixar a língua para fora, etc. Exatamente como se o outro estivesse a manejar.
AVALIAÇÃO	Como tarefa extraclasse, os alunos devem confeccionar um boneco de marionete.

TABELA 13: ALTERAÇÕES AULA 4

TEMA	Fantoche da Sociedade
OBJETIVOS	Buscar uma reflexão sobre aquele que está sob o efeito marionete nas relações. Valorizar a coordenação motora fina e a criatividade.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico; Projetor; Notebook.
DESENVOLVIMENTO	- Mostrar aos alunos algumas imagens; - Apresentar aos alunos a música “Marionete”; - Após, momento de Círculo de Cultura, referentes às imagens e à música.
AVALIAÇÃO	Elaboração de uma ilustração, sobre como se sentem sendo ou não, marionetes da sociedade.

TABELA 14: ALTERAÇÕES AULA 5

TEMA	Arco Íris do Desejo
OBJETIVOS	Explorar as capacidades críticas dos alunos, para que sejam capazes de fazer uma relação entre qual é a situação real vivenciada

	por eles e qual a situação que se deseja, a idealizada, iniciando um desejo de mudança.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais: • ESCULTURA O ator faz a escultura de determinado tema (dentro do contexto da Educação Física e do Esporte); seguidamente, deve fazer a escultura de como seria esse tema idealmente; depois de fazer a escultura de transição possível entre a primeira imagem (real) e a segunda (ideal). Todos devem participar na discussão das imagens de transição, mas sem falar; cada qual fazendo as modificações que lhe pareçam necessárias na primeira imagem, para que seja possível chegar a segunda; deve-se formar uma verdadeira assembleia de escultores, sempre sem falar, mostrando as suas opiniões através das imagens propostas. • ILUSTRAR UMA HISTÓRIA Um grupo de atores conta uma história de caráter real, cada um por sua vez, enquanto no palco outro grupo de atores “ilustra” essa história, utilizando seus corpos. O grupo contador transforma essa história em algo real, e o grupo atuante acompanha as mudanças. O interessante é dar ao grupo atuante uma oportunidade de responder imediatamente com seus corpos às propostas que surgem. Por isso é importante que as propostas das histórias incluam árvores, animais, ventos, ondas do mar, choros, castelos, metralhadoras, tanques de guerra, calor, frio, guerra e paz, floresta e cidade, praias e campos, etc. A resposta corporal deve ser imediata e não deve ser interrompida: o mesmo ator pode passar de leão a bomba que explode, através de uma “metamorfose” e não através de um “corte” na interpretação dessas duas díspares.
AVALIAÇÃO	Preenchimento do formulário “Confessionário”, sobre como se sentiram desempenhando os papéis de vítima e agressor. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1m_6dPTSlVpET4PglfVcYWX6Q9SccP47Ha0GhC1VxgXM/edit?usp=sharing

TABELA 15: ALTERAÇÕES AULA 6

TEMA	Quebra da Repressão
OBJETIVOS	Ilustrar de forma crítica o posicionamento do opressor e do oprimido diante de uma situação já vivida e sentida pelos alunos/atores.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- São realizados os seguintes exercícios de jogos teatrais:

	• QUEBRA DA REPRESSÃO Um ator procura recordar um momento da sua vida em que haja sentido uma intensa repressão. O exercício faz-se em três fases. Na primeira, procura-se reproduzir o fato acontecido, tal como sucedeu, sem acrescentar e nem tirar nada, com grande abundância de pormenores. Na segunda fase do exercício, o protagonista não aceita a repressão. Sabemos que, quando se dá uma repressão seja de que tipo for, é porque conta com o apoio da vítima. Na terceira fase do exercício os atores trocam de papéis, interpretando precisamente o contrário. • CONFISSÕES DO REPRESSOR O mesmo exercício que o anterior, porém, pedindo-se ao ator que recorde um momento de sua vida em que atuou não como reprimido, mas como repressor: na terceira fase ele não se verá como o seu algoz, mas sim como a sua vítima.
AVALIAÇÃO	Círculo de Cultura sobre como se sentiram desempenhando os papéis de vítima e agressor.

TABELA 16: ALTERAÇÕES AULA 7

TEMA	Teatro do invisível
OBJETIVOS	Promover uma reflexão crítica de situações na Educação Física e Sociedade onde os mais diversos indivíduos são invisíveis.
CONTEÚDOS	Jogos teatrais.
RECURSOS	Espaço cênico.
DESENVOLVIMENTO	- Ao final da aula anterior, pedi aos alunos que assistissem ao vídeo https://www.youtube.com/watch?v=jEZeef6T6zY disponível na sala “Projeto Opressor e Oprimido”, no Google Classrom e através deste recurso midiático, elaboram em grupo, cenas pertinentes aos invisíveis no momento da Educação Física. - Apresentação destas cenas, à outras salas de aula da escola.
AVALIAÇÃO	Participação no processo de idealização, montagem e apresentação das cenas.

TABELA 17: ALTERAÇÕES AULAS 8 e 9

TEMA	Escuta e diálogo (Preparação Manifesto)
OBJETIVOS	Exercitar a criatividade dos alunos, no uso para manifestar de suas opiniões.

CONTEÚDOS	Opressor e Oprimido.
RECURSOS	Materiais de Papelaria; Projetor; Notebook; Filmadora e/ou celular.
DESENVOLVIMENTO	- Conversa sobre, e escolha das temáticas a serem representadas no produto final, assim como decisões sobre a forma de apresentação dos temas; - Divisão dos alunos em grupos, conforme as predileções relativas aos mesmos (em média 5 a 6 grupos); - Preparação das atividades escolhidas pelos alunos para serem apresentadas no manifesto (Música, Dança, Fotografia, Vídeos, Teatro, Cartazes, Jornal, Rádio Escolar, entre outros). - Elaboração de cena do Teatro Fórum, sobre Educação Física e Esportes, a ser apresentada à demais classes da instituição, onde alguns fazem os espectadores, outros a plateia que tentará encontrar soluções para as relações de opressão. - Manifesto Cultural, apresentado à escola, e a comunidade escolar (Mostra cultural) - Círculo de cultura.
AVALIAÇÃO	Empenho e engajamento.

6. CONSIDERAÇÕES

Ser cidadão não é viver em sociedade, é transformá-la.
(AUGUSTO BOAL)

Quando pensei na junção de áreas de meu gosto e total interesse, mas para mim, tão distintas, inicialmente vi uma loucura se instalando. Pensar em um agir transformador nas aulas de Educação Física, integrando minha formação inicial e minha base, a Pedagogia do Oprimido, tendo nos saberes de Paulo Freire um real fascínio, e o Teatro do Oprimido, expressão de minha paixão máxima que é o teatro, e de meus ideais de vida, realmente não foi nada fácil, foi totalmente desafiador.

Pensando em algo que me incomodava muito, que era o fato de os alunos não serem ouvidos, não terem espaço de escuta dentro das aulas, por isso iniciei um processo de busca por textos que trouxessem tal temática, e com isso foi possível perceber que a temática é pouquíssimo estudada, considerada pouco relevante, e que quanto menor a faixa etária dos alunos, menos ocorre a escuta, sendo o Ensino Médio mais valorizado. Se tratando de estudos em Educação Física Escolar, no mesmo período de tempo, na mesma base de dados, encontramos quase 170 vezes mais que os encontrados na área, tratando sobre a perspectiva discente, mostrando a existência de uma lacuna grande entre aquilo que o professor percebe em sua prática e aquilo que o aluno entende, acompanha e assimila desta prática, e uma superficialidade na abordagem do tema, pouco se fala sobre e menos ainda se intervém para de fato considerar as crianças e suas visões na pesquisa e na prática pedagógica. Além do restrito número de publicações, é possível notar que as pesquisas qualitativas na escola, ainda tem um determinado olhar para a criança, extinguindo o conceito de criança protagonista.

Após minhas suspeitas dessa negligência diante da escuta discente serem validadas, passei a refletir sobre a possibilidade e o poder de junção entre a Educação e o Teatro, com suas técnicas de escuta, e as possibilidades de criação, de ressignificação e representação. Todos nós vivemos em um grande palco, em meio a um espetáculo teatral onde representamos diversos papéis todos os dias, o professor, em sua essência, é um ser criador, que representa um papel de mediação do conhecimento, e segundo muito se fala nos dias de hoje, para uma Educação de melhor qualidade e significação, precisamos de professores que estejam prontos e atentos às mudanças, a se tornarem ainda mais ouvintes e assim tornar suas aulas um local seguro e favorável às práticas reflexivas. Todo professor tem um pouco de artista e deve assumir esse papel com grande prazer e sabedoria de uso.

Tendo em mente essa visão do profissional da Educação, percorreremos o caminho específico da Educação Física e do papel docente dentro de suas teorias críticas. A Educação Física se torna uma ciência oriunda de conhecimentos de diversas outras áreas da saúde e das humanidades, e vai adentrando seu local de direito na escola, porém, esse processo enfrentou grandes dificuldades, por sua representação de uma prática higienista e esportivistas de replicação de movimentos, sem qualquer momento para percepção de sua prática. Atualmente, essa ideia de Educação Física não se aplica mais ao campo escolar, ela é vista como possibilidade de formar cidadãos integrados através da cultura corporal de movimentos, completos, participativos, reflexivos e críticos. Para tal, o conceito de dicotomia entre corpo e mente, precisa ser extinto, e o entendimento de que a Educação Física Escolar deve ser multicultural se faz presente, onde na busca por uma sociedade justa e igualitária, todos precisam ser vistos como seres integrais, e respeitados diante de suas culturas e saberes. Se o conhecimento prévio dos alunos é valorizado, o currículo se torna integrativo e dialógico, o aluno se sente representado e as diferenças são minimizadas através de um processo pedagógico pautado no aluno e não no professor, assim como defendem nossos referenciais para este trabalho, Paulo Freire e Augusto Boal.

A escolha dos referenciais para este trabalho, se deu através de minha identificação com os valores presentes neles. Paulo Freire, vindo de um estado de pobreza, nunca se conformou com as desigualdades impostas a ele e aos demais, por isso, todo seu método de ensino foi baseado em uma educação política, que buscava trazer um estado reflexivo e crítico ao discentes, para que tendo essa consciência, eles pudessem ser agentes de ações transformadoras, tornando assim, os seres livres dos cárceres impostos pela sociedade, pelo governo e por suas próprias amarras. Freire entende que esse processo só pode acontecer através de uma relação de diálogo, onde todos são ouvidos, expressam suas opiniões e se busca chegar a um entendimento, adaptativo para que as decisões tomadas sejam favoráveis a todos. Como educador, o entendimento de educação é aquele que tem por missão entusiasmar o aluno para pensar o mundo em que vive, identificando o mundo em que deseja viver, para que assim, ele consiga esperançar uma mudança, e agir para que ela ocorra, deixando de lado toda lógica inválida de educação bancária reprodutiva, onde o aluno não tem nenhuma autonomia. Este contexto é entendido como primordial para que aconteça um levante de oprimidos, que conscientes de sua posição, não a aceitem mais e travem uma luta com seus opressores, desejo que permeia toda reflexão de Freire.

Os estudos de Augusto Boal, em muito conversavam com os estudos de Paulo Freire, ambos foram exilados e sentiram na pele o que era ser oprimido em seu país. De início ritualístico e contemplativo, o Teatro vai se tornando com o passar do tempo, uma ferramenta de discussão política, a princípio, tratando temas que buscavam trazer a plateia um senso de reflexão, mas induzindo pensamentos de uma verdade absoluta que precisa ser repensada, saindo de uma forma de imposição e indo ao encontro de outro momento de imposição do entendimento do diretor, ou do grupo teatral. A posteriori, esse conceito foi tomando corpo, e a opinião do público começou a ter importância, as peças teatrais, agora mostravam personagens antes esquecidos pela arte e pela sociedade, no intuito de que ocorra uma identificação da plateia com o enredo do espetáculo, com o texto, altamente político e crítico a repressão social e com os atores que interpretavam pessoas como eles. As técnicas teatrais criadas por Boal nesse contexto, refletem todo esse processo, e vemos em cada uma delas, situações onde somos convidados a refletir nossa posição social e a confrontar nossos opressores, fazendo em palco aquilo que precisamos fazer fora dele, saindo de sua zona de conforto e sendo colocados a prova. O intuito deste celebrado dramaturgo, é assim como o de Paulo Freire, tirar o indivíduo de sua paralisia política e social, tornando-os cidadãos ativos, diante de uma criticidade prática e real, já que a fala sem ação não significa nada, assim como o contrário é apenas uma ação vazia e sem significado.

Por meio deste auto-estudo, mediado por amigos críticos, pude entender o quanto trabalhar com conceitos de desigualdade e opressão pode ser difícil, principalmente no trato com jovens que talvez nunca tenham parado para pensar nas relações de opressor e oprimido existentes nas diversas representações do cotidiano. A ideia do amigo crítico, foi de total valia, e muito enriquecedor, especialistas das três vertentes estudadas, cada um com seu olhar sobre o projeto idealizado, mostrando os pontos de possível melhora, e especialmente aqueles que precisam ser repensados. Mas vale ressaltar que durante o processo, consigo perceber que talvez pudesse ter tido outras opções, com amigos críticos não apenas acadêmicos, mas do chão da escola, e que assim, as análises poderiam ser diferentes pelo fato de os amigos críticos serem de cenários diferentes, ou ainda que trago uma fragilidade, não ter realizado uma conversa com todos os amigos juntos, em um grupo focal, onde as diversas áreas pudessem dialogar, acredito que o resultado seria ainda mais enriquecedor que foi. Trabalhar com áreas distintas, tentando uma integração que valorize o melhor de cada área, é difícil, acabamos deixando de lado as

especificidades de cada uma, e no meu caso, especialmente de minha área de origem, a Educação Física, mas também é muito prazeroso, ver cada parte se encaixando, uma área servindo a outra e construindo então um processo integral.

Com o auxílio dos amigos críticos, eu pude espantar a solidão docente, e aprendi que o que eu pensava que era só Educação Física, pode ser algo macro, um projeto de todos, trazendo uma integração curricular, onde é possível perceber o papel da Educação Física enquanto área de linguagem e não como uma disciplina com conteúdos fragmentados. Foi possível perceber que faltou um objetivo geral que pudesse trazer essa interdisciplinaridade e que se desejo transpor as fronteiras disciplinares, devo entender minha função e especificidade enquanto professora de Educação Física, mas que o uso dos elementos do Teatro do Oprimido, podem ser trabalhados de forma agregada e assim, é possível superar os limites do currículo, romper as barreiras, e que está tudo bem, isso também é um fazer crítico da Educação Física.

Com este estudo também foi possível entender que o uso das artes na Educação Física é possível e de grande representatividade, buscamos trazer os estudos de Freire e Boal, para corroborar e servirem como entendimento e estratégia para as práticas pertinentes à Educação Física Crítica, e, portanto, para a reflexão e ação diante de toda e qualquer situação que deseje mudar através de uma tomada de consciência. Assim, percebemos que na busca de alunos críticos e ativos, que possam se tornar cidadãos com a mesma atividade, precisamos ser professores conscientes das necessidades destes processos, precisamos ser também movimento de mudança, e espelhar em nossos alunos a revolução que é o pensar, e o lutar pelo que se acredita, somente assim, podemos construir uma sociedade digna, feliz, igualitária, de valorização do ser, e tão idealizada pelos grandes pensadores, aqui descritos. Assim, esperamos ter contribuído para o pensar a parceria Educação Física e Arte, e que este movimento possa suscitar em mais pesquisadores o desejo pelo estudo dessa junção, já que entendemos que todo ser carrega em si uma influência gerada pela arte, seja ela qual for, e na medida em que for, e que sendo seres corporais, temos na Educação Física, como cultura corporal de movimento a representação de quem nos constituímos, ambos estão, portanto, em nossas vidas essencialmente.

Trago aqui outra percepção diante de minhas dificuldades durante o processo de idealização e construção desta pesquisa, e sinto necessidade de evidenciar este meu descontentamento com a academia! Acredito que parte da minha dificuldade, e

da dificuldade de tantos outros em criar relações e espaços de criticidade, vem de uma falha na formação de professores e pesquisadores. Sim, este é um problema que vem batendo na porta dos cursos de pós-graduação, o esvaziamento acadêmico de uma visão mais profunda da epistemologia freireana, a epistemologia da práxis, que tanto tem sido pensada e falada, como nos mostra o Amigo Crítico 1, mas que não acontece, não temos um espaço para ter a Educação Física pensando Paulo Freire. Assim, é preciso pensar na atual política de formação de professores, que impossibilita o pensar e o agir docente da Educação Física Crítica na escola, repensando então, qual olhar estamos dando a essa formação docente, ou qual olhar estamos negligenciando em nossos cursos de graduação e especialmente pós-graduação.

As questões do opressor e do oprimido acontecem a todo momento, em todas as situações e não conseguiremos solucionar tudo, todos os problemas de opressão com projetos sobre isso, mas a experiência do Teatro do Oprimido nem se propõe a isso, se contenta, inicialmente em trazer aos espectadores e atores a reflexão sobre situações tantas vezes invisíveis que precisam ser visualizadas, e transformadas, como pede que aconteça a Pedagogia do Oprimido.

> Eu fico muito contente com isso porque cada vez mais eu vejo que o Teatro do Oprimido, ele penetra diversas áreas do conhecimento né. E acho que você traz uma ideia muito rica, muito significativa, eu gostei muito. É muito belo ver sua vontade de juntar essas duas áreas, de entender o Teatro do Oprimido como um agente de educação e transformação dentro de outra área, é muito incrível isso! (...) e você está me trazendo uma coisa que olha, guarde isso aí, guarda isso aí, que é muito bonito ver essa possibilidade, que uma metodologia artística pode ser inserida dentro de uma ciência que é a Educação Física. (AMIGO 2)

Posso afirmar que na realização deste projeto, desde sua concepção, todo programa de mestrado, cada disciplina e a contribuição de cada professor, bem como as reconstruções presentes em toda escrita, tive que me desfazer para poder me reerguer a cada nova decisão, e é isso que vejo de mais belo nesta minha junção, na tríade que aqui proponho, entre Educação Física, Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido, que é o poder de reflexão e ação, de entender-se como ser incompleto e valorizar essa incompletude na busca eterna por mais conhecimentos e assim, por mais mudanças.

> (...) é uma tendência grande que a gente veja a opressão do outro, e não que a gente perceba que nós somos oprimidos muitas vezes né, as pessoas fogem de olhar para sua realidade, e isso é uma parte muito difícil do seu trabalho. Porque você vai colocar essas crianças, esses jovens, numa sensação, numa percepção que é dura né, é dura para a gente, mais velhos

> né, tem hora que você fala, que você olha para esse país, e você pensa o que é que eu tô fazendo aqui, não de sair do país né, mas o que eu tô fazendo nesse mundo, porque isso daqui não tem solução. Né, tem horas que a gente enfrenta isso, nós que somos maduras, imagina para os jovens de 9º ano então, por isso tem que tomar muito cuidado. “A senhora professora que é a sonhadora de achar que não, que isso tem mudança, é cada um por si”. (AMIGA 3)

Sim, sou uma sonhadora, e desejo que assim eu continue sempre, uma professora de Educação Física Crítica, uma artista que acredita, assim como Boal, que o Teatro do Oprimido é um fazer artístico coletivo, onde as criações cênicas ressignificam as situações vivenciadas no dia a dia de nossas relações sociais, psicológicas ou físicas, e que dessa forma, todos nós somos potencialmente artistas, e uma professora que amparada pelos conceitos de Paulo Freire e de suas formas de ver a educação consiga suscitar em meus alunos o pensar reflexivo e ativo, sendo braço forte para sustento quando eles entenderem que fazem parte do processo de opressão e para ser bálsamo ao tentar com as noções e práticas da cultura corporal de movimento proporcionar momentos de alívio da culpa de se entender opressor e de ressignificação sincera desta posição. Busco aqui validar uma ação na escola, no meu ambiente de atividade, não desejando validar o uso do Teatro do Oprimido na Educação Física, mas apresentando apenas uma estratégia, oriunda de um desespero em chegar à criticidade da Educação e da sociedade com os discentes.

Iniciei este documento me apresentando como docente e artista, mas ao final do processo de mestrado, dos 24 meses de ação, fora o período anterior de planejamento e construção do projeto para submissão no programa de mestrado, e o período pós banca de defesa da dissertação, onde tive um pequeno período para ouvir atentamente e com carinho a colocação dos membros da banca e de minha orientadora até o produto final que aqui se encontra, mudo minha forma de apresentação, entendo-me como **Militante,** uma artista que envolvida pelo poder do aprender e do ensinar se tornou professora, que sentiu então, a necessidade de ser pesquisadora, e que precisa se assumir de forma radical como **Ativista,** como aquela profissional que acredita em uma Educação Física diferente, para a vida, que não pode ficar restrita à quadra de uma escola, nem tão pouco a sala de aula, que necessita extrapolar os muros da escola, da casa, da sociedade. Assim, quero, e faço o espaço da minha aula como um momento de ativismo, onde busco ir contra toda forma *cabresto,* todo ciclo de opressão e repressão, toda forma de aniquilação do ser pensante, crítico e ativo.

A escola de hoje, ainda hoje, não está pronta para aceitar de bom grado quem tenha uma perspectiva mais abrangente, ainda não é um cenário que entenda e respeite essa forma freireana de pensar o coletivo e ir contra qualquer forma de superioridade. Mas isso não pode me calar, não pode nos calar, e falo agora diretamente àqueles que pensam a educação como eu penso, como uma porta para novos caminhos, caminhos a serem escolhidos de forma consciente pelo aluno bem resolvido com sua identidade cultural e social, que acredita que a educação não pode jamais restringir, mas que precisa encorajar pássaros a alcançar altos voos, em busca no nosso maior destino: **Onde desejarmos ir!** Tentando ser progressista, precisamos ser ativos, e não tenho problema algum em entender isso e gritar aos quatro cantos. Na história, a arte sempre foi vista como algo perigoso, pensar é perigoso, fazer pensar é inadmissível, e assim, nós artistas, e coloco aqui o docente como um grande artista, precisamos vestir a couraça do ativismo real, diante de uma concepção de pensar e fazer da prática docente que ainda não é bem quista na escola, mas que não nos deterá, que nos encaixotam, que nos escondem, mas que não são capazes de nos tirar nossos sonhos e tudo aquilo que acreditamos, especialmente quando unidos, nos tornamos fortes contra o opressor. Pois como diz o sábio: “Você pode me acorrentar, você pode me torturar, pode até destruir o meu corpo, mas você nunca vai aprisionar a minha mente”. (Mahatma Gandhi)

Assim, lutando sempre contra a opressão, consigo me considerar uma **Professora de Educação Física Crítica – Ativista – Militante - Artística – Teatral - Freireana!**

A democracia alienada e a ditadura disfarçada)
(Basta de hipocrisia)
Sou eu
(Sou eu) um filho dessa pátria-mãe hostil
Herdeiro da senzala Brasil
Refém da maculada inquisição

Axé, meu irmão
O pai de mais um João e de mais um Miguel
Na mira da cega justiça
Que enxerga o negro como réu

Sou eu o clamor da favela
O canto da aldeia, a fome do gueto

Meu punho é luz de Mandela
No samba, o levante do novo Soweto
Cacique Raoni da minha gente
Guerreiro gavião, presente

Essa terra é de quem tem mais
Conquistada através da dor
As migalhas que você me oferece
Só aumentam minha força pra mostrar o meu valor

Meu lugar de fala, a voz destemida
Cabeça erguida por nossos direitos
Quando o fascismo do asfalto
É opressor à militância por respeito

O ventre das mazelas sociais
Ante ao preconceito vai se libertar
Vidas negras nos importam
O grito da mulher não vão calar

Meu gavião, chegou o dia da revolução
Onde a democracia desse meu Brasil
Faça o amor cantar mais alto que o fuzil

Escute o meu clamor, ó pátria amada
É hora da luta sair do papel
Basta é o grito que embala o povo
Eu sou Gaviões, sou a voz da Fiel

(SAMBA ENREDO – G.R.E.S. GAVIÕES DA FIEL, 2022)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Alessandra Aparecida Dias. Círculo de Cultura: intervenção pedagógica na Educação Física. In: **Círculo de Cultura Paulo Freire: arte, mídia e educação.** Org. Gomez, Margarita; Franco, Marília. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015.

ALMEIDA, Andréa B. et al. Percepção discente sobre a Educação Física Escolar e motivos que levam à sua prática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** V. 10, n. 2, 2011. Disponível em: < file:///D:/MESTRADO/PERCEPÇÃO%20DISCENTE%20SOBRE%20A%20EDUCAÇÃO%20FÍSICA%20ESCOLAR%20E%20MOTIVOS%20QUE%20LEVAM%20A%20SUA%20PRATICA.pdf>. Acesso em: 05 de jun de 2020.

ANISZEWSKI, Ellen. **O desinteresse discente pelas aulas de Educação Física no ensino fundamental: análise sob a perspectiva das necessidades psicológicas básicas.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, 2018. Disponível em: <file:///D:/MESTRADO/O%20DESINTERESSE%20DISCENTE%20PELAS%20AULAS%20DE%20EDUCAÇÃO%20FISICA%20NO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf > Acesso em: 28 de jul de 2020.

ANTUNES, Angela Biz; GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto. Três categorias que marcaram a pedagogia do oprimido. **Educação em perspectiva.** v. 9, n. 3, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7152/2882. Acesso em: 28 jan de 2022.

BARBOSA, Inês Beatriz. **Jovens e Teatro do Oprimido: (re)criando a cidadania, (re)construindo o futuro.** Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança – Universidade do Minho, 2011. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18750/1/In%c3%aas%20Beatriz%20Barbosa.pdf. Acesso em: 22 de jul. de 2022.

BERRY, A. Making the private public: using the www as a window into one teacher educators' thinking abouTher practice. **International Study Association on Teachers and Teaching**, Faro, Portugal, 2001.

BETTI, Irene Conceição Rangel. **O prazer em aulas de educação física escolar: a perspectiva discente.** 1992. [99]f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274846>. Acesso em: 18 jul. de 2020.

_____. O que ensinar: a perspectiva discente. **Revista Paulista de Educação Física,** p. 27-30, 1995. Disponível em <file:///D:/Users/acacio/Downloads/139398-Texto%20do%20artigo-270530-1-10-20171005%20(2).pdf> Acesso em: 22 de julho de 2020.

BETTI, Mauro; LIZ, Marlene T. Facco. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz,** v. 9, n. 3, p. 135-142, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mauro_Betti/publication/277759553_Educacao_fisica_escolar_a_perspectiva_de_alunas_do_ensino_fundamental/links/55c20a1708aebc967defce72.pdf> Acesso em: 22 de julho de 2020.

BETTI, Mauro; LUZIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/POIE/Downloads/1363-Texto%20do%20artigo-3914-1-10-20090811%20(1).pdf> Acesso em: 22 de setembro de 2020.

BETTI, Mauro et al. Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do ensino fundamental: O que aprendem e o que gostariam de aprender. **Rebescolar**, ago 2015. Disponível em: < file:///D:/MESTRADO/OS%20SABERES%20DA%20ED%20FISICA%20NA%20PERSPECTIVA%20DE%20ALUNOS%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20O%20QUE%20APRENDEM%20E%20O%20QUE%20GOSTARIAM%20DE%20APRENDER.pdf> Acesso em: 22 de agosto de 2020.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

____. **Jogos para atores e não atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

____. **O arco-íris do desejo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

____. **200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

BOEIRA, Wendy N. da Silva et al. **A visão das aulas de Educação Física: Relação professor e aluno.** 8º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. 2017. Disponível em: < file:///D:/MESTRADO/A%20VISÃO%20DAS%20AULAS%20DE%20EDUCAÇÃO%20FÍSICA,%20RELAÇÃO%20PROFESSOR%20ALUNO.pdf> Acesso em: 06 de jul de 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação**. Lei n. 9.394/96 – Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Apresentação Carlos Roberto Jamil Cury. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas.** 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

CANDA, Cilene Nascimento. Teatro-fórum: propósitos e procedimento. **Urdimento,** 2012. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101182012119/2349. Acesso em: 28 de jul. de 2022.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: Moreira, Antonio F. B.; Candau, Vera M. (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Ed. Vozes, p. 13-37, 2008.

CARVALHO, Margly Octavia Genofre de. **Escuta sensível: Protagonismo na Educação.** Tese de doutorado apresentada a Universidade de Sorocaba em 2017. Disponível em <http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2017/margly-genofre.pdf> Acesso em: 28 de set de 2020.

CONCEIÇÃO, Joecléa Silva et al. **A importância do planejamento no contexto escolar.** 2019. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/A-IMPORTANCIA-DO-PLANEJAMENTO.pdf. Acesso em: 10 de ago. de 2022.

CUNHA, M. **O bom professor e sua prática**. 24. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DUARTE, Talita Gonçalves. **Educação Física Escolar e Artes Cênicas: Uma Alavanca para o desenvolvimento social e afetivo?** Trabalho de Graduação Interdisciplinar da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Barueri, 2009.

DUARTE, Talita Gonçalves; Filgueiras, Isabel Porto. Perspectiva discente nas aulas de Educação Física Escolar: uma arqueologia bibliográfica. In: **XVI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: As contribuições e desafios da Universidade para o desenvolvimento da Educação Física Escolar**, 2021, São Paulo. Anais, São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2021, p. 90. Disponível em: https://pt.slideshare.net/RBEFE/anais-do-xvi-seminrio-de-educao-fsica-escolar-2021-250765454. Acesso em: 28 fev. de 2022.

E SOUZA, Clara de Andrade. Exílio: Memória ou Esquecimento? Um olhar sobre Augusto Boal. **Palimpsesto.** v. 9, n. 10, 2010. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35172/24873. Acesso em: 12 jun. de 2022.

FERREIRA, Maicon Soares; TEIXEIRA, Juliana Cotting. Educação Física Escolar e Saúde: entendimentos e abordagens a partir da perspectiva discente. **Momento Diálogos em Educação.** v. 29, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/12319/version/9987/8714> Acesso em: 29 jan de 2022.

FILGUEIRAS, Isabel Porto et al. Concepções e preferências sobre as aulas de educação física escolar: uma análise da perspectiva discente. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, 2007. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1219> Acesso em: 26 de julho de 2020.

FILIPPO, D., Pimentel, M.; Wainer, J. (2011). Metodologia de pesquisa científica em sistemas colaborativos. In M. Pimentel & H. Fuks (Eds.) **Sistemas Colaborativos**. Rio de Janeiro: SBC/Elsevier. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/321711865_Metodologia_de_pesquisa_cientifica_em_sistemas_colaborativos>. Aceso em: 02 de mar de 2022.

FREIRE, Elisabete dos Santos, et al. Perspectiva docente e discente sobre as atitudes nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/9939> Acesso em: 26 de jul de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 75. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2015.

____. **Educação e mudança.** 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

____. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

____. **Conscientização. Teoria e prática da libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, Josiane Filus et al. A identidade da Educação Física Escolar sob o olhar dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I. **Pensar a Prática**, V. 19, n.2. Goiânia, abr/jun de 2016. Disponível em: < file:///D:/MESTRADO/A%20IDENTIDADE%20DA%20EDUCAÇÃO%20FÍSICA%20ESCOLAR%20SOB%20O%20OLHAR%20DOS%20ALUNOS%20DO%205º%20ANO

%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20I.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2020.

GAVA, Fabiana Gouveia; DA ROCHA, Milena Trude L. Giacomel; GARCIA, Vanessa Ferreira. Pesquisa Colaborativa em Educação. **Ensaios Pedagógicos.** v. 2, n. 1, 2018. Acesso em: 11 de fev. de 2022. Disponível em: https://docplayer.com.br/129499537-Pesquisa-colaborativa-em-educacao-collaborative-research-in-education.html.

HAMILTON, Mary L & PINNEGAR, **Authors. Self-Study of Practice as a Genre of Qualitative Research: Theory, Methodology, and Prace**. Springer, 1998.

JAVIER, Ocampo López. PAULO FREIRE Y LA PEDAGOGÕA DEL OPRIMIDO. **Revista historia de la educación latinoamericana.** v. 10, 2008. Disponível em: http://biblat.unam.mx/hevila/Revistahistoriadelaeducacionlatinoamericana/2008/vol10/4.pdf. Acesso em 06 mai. De 2022.

KUNZ, Elenor (org.). **Brincar e Se-Movimentar: tempos e espaços de vida da criança.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

LEITE, Carlinda; MARINHO, Paulo. A figura do “amigo crítico” no desenvolvimento de cultas de autoavaliação e melhoria de escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação.** 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/srDwK7fnpx8YzPMtCcfdFbT/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 de ago. 2022.

LIMA, Elisiane P.; TENÓRIO, Thiago R dos Santos. Percepção dos alunos do ensino médio sobre as aulas de educação física. **Revista Seminário de Visu, Pernambuco,** 2016. Disponível em: < file:///D:/MESTRADO/Percepção%20dos%20alunos%20do%20ensino%20médio%20sobre%20as%20aulas%20de%20educação%20física.pdf> Acesso em: 11 de julho de 2020.

LOUGHRAN, J. John. **A History and contexto of self-study of teaching and teacher Education.** University Monash. 2004. Disponível em: < https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4020-6545-3_1 > Acesso em: 23 de set de 2020.

MANNING, Mariana Souto. Circles of culture: Literacy as a process for social inclusion. **Colombian Applied Linguistics Journal**. n. 6, 2004. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-46412004000100002. Acesso em: 05 de jun. De 2022.

MENDES, Thamiris C. & Baccon, Ana Lúcia P. **Profissão Docente: O que é ser professor?** XII Congresso Nacional de Educação, 2015. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17709_7650.pdf> Acesso em: 27 de set de 2020.

MONTEIRO, Estela M. L. Meirelles et al. Culture Circles in adolescente empowerment for the preventio of violence. **International Journal of Adolescence and Youth.** v. 20, n. 2, 2015. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02673843.2014.992028?needAccess=true. Acesso em: 03 jul de 2022.

NASÁRIO, Sônia Teresinha. **Concepção da prática pedagógica do professor de Educação Física: Importância e influência no aluno**. Dissertação de Mestrado do

curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Março de 1999. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30362025.pdf> Acesso em 06 de julho de 2020.

NASCIMENTO, Marcele da Silva do. **Educação Física Escolar e o Teatro Educação: Possibilidade de um diálogo sensível para a Educação Básica.** Oficina de produção de textos, texto nº4. Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Universidade Federal de Santa Maria, 2012. Disponível em: https://gepefufsm.blogspot.com/2012/04/educacao-fisica-escolar-e-o-teatro.html. Acesso em: 04 fev 2021.

NEIRA, Marcos Garcia. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. **Dialogia.** São Paulo, n. 14, 2011. Disponível em: < https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/3112/2215>. Acesso em: 28 fev de 2022.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa, et al. Círculo de cultura como componente qualitativo da pesquisa em Educação Física: Reflexões teórico-metodológicas. **Pensar a prática.** v. 22, Goiânia, 2019. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55524/33981. Acesso em: 10 mar de 2022.

OLIVEIRA, Rafael Silva. A dimensão estética em Herbert Marcuse. **ANPOF.** 2018. Disponível em: http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/agenda-encontro-2018/item/559-categoriaagenda2018/17922-a-dimensao-estetica-em-herbert-marcuse. Acesso em: 23 fev. de 2022.

PEREIRA, Luiz Antonio; FERREIRA, Lílian Aparecida; RAMOS, Glauco Nunes Souto. Percepções e reflexões de estudantes sobre indisciplina em aulas de educação física. **Revista Motricidades.** V.5, n.1, 2021. Disponível em: <

https://motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p123-133/283> Acesso em 07 mar de 2022.

PEREIRA, Paulo, et al. **As atitudes dos alunos face à disciplina de Educação Física: Um estudo plurimetodológico**. Boletim SPEF, n. 34. Julho de 2009. Disponível em: <file:///D:/MESTRADO/AS%20ATITUDES%20DOS%20ALUNOS%20FACE%20A%20DISCIPLINA%20DE%20EDUCAÇÃO%20FISICA%20UM%20ESTUDO%20PLURIMETODOLOGICO.pdf> Acesso em 17 de setembro de 2020.

QUERETTE, Suzana C. Moraes. **Diálogo e Educação: Estudo comparativo sobre o conceito de diálogo no pensamento filosófico e pedagógico de Paulo Freire e de Martin Buber.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007. Disponível em: < https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4568/1/arquivo5509_1.pdf> Acesso em: 03 de out de 2020.

RANGEL, Irene Conceição Andrade et al. Educação Física e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz.** Rio Claro, v. 14, n. 2. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62290/1/2008_art_icarangel.pdf.> Acesso em 12 mar de 2022.

SANTOS, Verônica F. et al. Educação Física e o processo de escolarização: Uma análise sob a perspectiva do aluno. **Revista de Educação Física – UEM.** Vol 25, n. 4. 2014. Disponível em: < file:///D:/MESTRADO/Educação%20física%20e%20o%20processo%20de%20escolarização%20uma%20análise%20sob%20a%20perspectiva%20do%20aluno.pdf> Acesso em: 10 de agosto de 2020.

SARAIVA, Maria C. Gomes. O papel do amigo crítico/colaborativo no plano de desenvolvimento do docente/educador de infância. **(Dissertação de Mestrado),** Universidade Portucalense, Portugal. Disponível em: http://hdl.handle.net/11328/609. Acesso em 18 jul. de 2022.

SILVA, Cátia Candido da; BORGES, Fabrícia Teixeira. Análise Temática Dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas. **Linhas Críticas**. v. 23, n. 51, 2017. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1935/193554180002.pdf. Acesso em: 28 jul. de 2022.

SILVA, Claudiane Dias. **Diálogo entre o teatro do oprimido e educação no município de Ipatinga.** 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

SILVA, Flávio José Rocha da. Uma história do Teatro do Oprimido. **Aurora: Revista de arte, mídia e política.** v. 7, n. 19, São Paulo: 2014. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/17313/14298. Acesso em: 18 mai. de 2022.

SILVA, Raquel; MARTINS, Filomena. Investigar a nossa própria prática: uma experiência de auto-supervisão. **Indagatio Didactica.** v. 12, 2020.

SO, Marcos Roberto et al. Gosto, importância e participação de meninas e meninos da educação física no ensino fundamental. **Revista De La Fahce** v.23, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4399/439966635010/439966635010.pdf> Acesso em: 19 fev de 2022.

SOUZA, Cláudio Aparecido de. Círculo de cultura e Educação Física escolar: inspirações decoloniais em Paulo Freire. **Revista Educação Popular.** ed. Especial. 2021. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/62510/32612. Acesso em: 14 de jul. de 2022.

SOUZA, Maria I. G. Flores Marcondes; FERNANDES, Maria Assunção. O autoestudo e as abordagens narrativo-biográficas na formação de professores. **Educação.** Porto Alegre, v. 37, n. 2, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/16372397/O_autoestudo_e_as_abordagens_narrativo_biogr%C3%A1ficas_na_forma%C3%A7%C3%A3o_de_professores. Acesso em: 09 jan. de 2022.

SOUZA, Jaqueline A.; PAIXÃO, Jairo A. A prática do bom professor de Educação Física na perspectiva dos alunos do ensino médio**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Vol 96, n.243, Brasília 2015. Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000200399&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 05 de jun de 2020.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e Aprendizagem: A relação Professor-Aluno**. Psicologia, análise e crítica da prática educacional, 2000.

_____. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** Psicologia e formação docente: desafios e conversas, 2002.

_____. **Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar.** Comunicações, 2011.

_____. **As práticas pedagógicas e a relação afeto-cognição: um estudo para a formação de professores**. 34ª Reunião Anual da ANPED, Relatório de Pesquisa, 2012.

_____. **A afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental.** 174. ed. Cadernos de Pesquisa, 2019.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. **Dimensões sócio-educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal**. Universidad Autônoma de Barcelona. Barcelona: 2007. Tese de doutorado em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social. Disponível em: https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4657/tmbt1de1.pdf. Acesso em: 12 jul de 2022.

VILLALOBOS, M. H. The role of the critical friend in leadership and school improvement. Dissertation **(Master of Educational Management)** – Melbourne Graduate School of Education, The University of Melbourne, Melbourne, 2014. Disponível em: https://minerva-access.unimelb.edu.au/items/7326795e-6356-5429-b4d7-bfa2aa5eb159. Acesso em: 21 jul de 2022.

WUTZKI, Nathalie Cristina. A educação como caminho: pergunta, movimento sonho, criação, transformação... In: **Oprimido(s) da Pedagogia ao Teatro: Paulo Freire e Augusto Boal**. Nina Spigolon; Adriano Nogueira (org). 1 ed. São Paulo: Cartago Editorial, 2018.

ANEXO I

- QUESTIONÁRIO INICIAL:

1. VOCÊ GOSTA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

( ) SIM

( ) NÃO

2. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

3. O QUE VOCÊ MENOS GOSTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

4. QUAIS CONTEÚDOS VOCÊ GERALMENTE APRENDE EM EDUCAÇÃO FÍSICA?

( ) JOGOS E BRINCADEIRAS

( ) ESPORTES

( ) DANÇAS

( ) LUTAS

( ) ESPORTES RADICAIS / AVENTURA

5. ALGUM DESTES CONTEÚDOS VOCÊ NUNCA APRENDEU NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

6. DESTES, QUAL OU QUAIS CONTEÚDOS VOCÊ INCLUIRIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM MAIS FREQUÊNCIA?

7. VOCÊ ACREDITA QUE OS PROFESSORES ACEITARIAM SUGESTÕES DE TEMÁTICAS E CONTEÚDOS PARA SEREM TRATADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

8. VOCÊ ACHA QUE OS TEMAS TRANSVERSAIS (ÉTICA, SAÚDE, MEIO AMBIENTE, ORIENTAÇÃO SEXUAL, TRABALHO, CONSUMO, PLURALIDADE E CULTURA) PODEM SER TRATADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA? DE QUE FORMA?

9. VOCÊ ACHA QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA É UMA DISCIPLINA IMPORTANTE PARA SUA FORMAÇÃO?

10. VOCÊ ACREDITA QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA PODE SER INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?

ANEXO II

- QUESTIONÁRIO ONLINE CONFESSIONÁRIO (INTERVENÇÃO AULA 6)

1. COMO VOCÊ SE SENTIU AO DESEMPENHAR O PAPEL DE VÍTIMA?
2. COMO VOCÊ SE SENTIU AO DESEMPENHAR O PAPEL DE AGRESSOR?
3. FALE SOBRE QUALQUER SENSAÇÃO QUE TENHA SENTIDO DURANTE A AULA, SEJA ELA BOA, OU RUIM.
4. TEM ALGO A ACRESCENTAR SOBRE A AULA DE HOJE?

ANEXO III

- QUESTIONÁRIO AO PÚBLICO (INTERVENÇÃO AULA 7)

1. EM ALGUM MOMENTO VOCÊ SUSPEITOU DE QUE SE TRATAVA DE UMA APRESENTAÇÃO TEATRAL?

( ) SIM

( ) NÃO

2. DURANTE O ATO DE AGRESSÃO, COMO VOCÊ SE SENTIU?

( ) MUITO INCOMODADO
( ) INCOMODADO
( ) NORMAL
( ) NADA INCOMODADO

3. VOCÊ TEVE VONTADE DE INTERVIR, OU CHEGOU A INTERVIR DURANTE A APRESENTAÇÃO?

( ) INTERVI
( ) TIVE VONTADE DE INTERVIR
( ) NÃO TIVE VONTADE DE INTERVIR

4. SE HOUVESSE UMA AÇÃO NA ESCOLA, SOBRE SITUAÇÕES DE OPRESSÃO, FOSSEM ELAS PARA CONCIENTIZAR, TENTAR IMPEDIR OU ACABAR COM ESSAS SITUAÇÕES. VOCÊ GOSTARIA DE PARTICIPAR? (EXEMPLO: PALESTRAS, POD CAST, VÍDEOS, CAMPANHAS).

( ) SIM
( ) NÃO

5. SUA RESPOSTA A PERGUNTA ANTERIOR (SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO EM AÇÕES PARA ACABAR COM MOVIMENTOS DE OPRESSÃO), FOI INFLUENCIADA PELO QUE VIU E SENTIU NA APRESENTAÇÃO DO TEATRO?

( ) SIM
( ) NÃO

ANEXO IV

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS AMIGOS CRÍTICOS NA ÍNTEGRA

ENTREVISTA COM AMIGO CRÍTICO 1

TALITA: Então professor, primeiramente obrigada por poder participar, e eu queria saber assim, no geral, o senhor lendo o projeto, as aulas assim, simples e cruamente, o que que o senhor achou dela no geral?

AMIGO 1: Tá, então primeiro você pode me explicar qual o objetivo da pesquisa, só pra eu saber?

TALITA: Claro, claro. Na verdade assim eu quero entender através da perspectiva discente, eu quero ouvir a perspectiva discente, ouvir os meus alunos usando métodos, usando estratégias do teatro do oprimido, e fazendo um link aí, do teatro do oprimido com a pedagogia do oprimido de Paulo Freire.

AMIGO 1: Tá, bom, então eu tenho várias coisas a dizer sobre o que eu li, primeiro lugar Talita, é minha impressão, é minha leitura, minha opinião, não significa que tá certa e que você precisa aceitá-la né, você usa como você achar melhor as minhas respostas.
Então, eu penso assim, eu tenho visto desde o ano passado, e até um pouquinho antes, mas principalmente no ano passado, por conta do centenário de nascimento do Paulo Freire, eu tenho visto assim, uma proliferação de trabalhos, de discussões, de homenagens, etc., mas de tudo que eu vi, inclusive na nossa unidade, a gente fez um ano inteirinho de atividades, de eventos, de comemorações, de atividades de vários tipos, são poucas aquelas que olham para a prática pedagógica, né, então há uma confusão na minha visão, na minha leitura, uma confusão muito grande na minha leitura do Paulo Freire filósofo, educador, vamos dizer assim, teórico, epistemólogo e do Paulo Freire, da apropriação que as pessoas fazem dessa ideia para a prática pedagógica propriamente dita, então pode olhar, mesmo no campo da Educação Física propriamente dita, são pouquíssimos os trabalhos que trabalharam com a Pedagogia Freiriana, com a Pedagogia Libertadora, com a Educação Problematizadora da prática, então o que que acontece, quando isso é dessa maneira, a gente sempre fica prejudicado né, porque a gente sempre fica tentando criar alguma

coisa, inventar alguma coisa... Poxa, depois de tantos anos da obra de Paulo Freire a gente tem pouca coisa sobre a prática e principalmente sobre a prática na área da Educação Física, então, claro que você está nesse movimento também tá.
Então em primeiro lugar eu tive muita dificuldade para entender que aquilo era um trabalho de Educação Física, então eu vou dizer que olha, o material que você encaminhou, que descreve uma série de... Só para retomar né, é uma série de 8 aulas, ai tem o tema, os objetivos, os conteúdos, avaliação, etc., eu entendi que é muito mais um trabalho de Arte que um trabalho de Educação Física. Trabalha muito mais com a linguagem teatral, com a dramaticidade, etc., do que com a Educação Física, e porque que eu vou dizer isso, porque a Educação Física ela tematiza as práticas corporais, e ali, mesmo quando você vai olhar para o esporte, ou para as aulas de Educação Física, né, você olha através do teatro, e não tornando as aulas de Educação Física ou o Esporte o centro do processo.
Então eu começo dizendo isso né, então para mim está muito mais ligado a um trabalho com aquelas preocupações da arte e menos com as preocupações da Educação Física.

TALITA: Eu já tive... Já senti essa dificuldade, porque eu sou atriz, e eu queria transitar entre os dois, mas é claro, sem perder a minha essência, a minha especificidade que é a Educação Física, e assim, ouvir isso é realmente muito importante. Então, na sua opinião professor, o objetivo que eu tracei, que foi traçado para essa pesquisa, eu não conseguiria alcançar com esse projeto?

AMIGO 1: Bom, não sei né, você precisa fazer a pesquisa e ouvir as crianças, ouvir os discentes né... O que eu percebi, ainda mais agora sabendo que você é atriz, é que você... Quando eles olham para o esporte, através, ou seja, eles já olham com um convite que não partiu deles: “Vamos identificar como se dão as relações de opressão no Esporte”, ou seja, a relação de opressão é o tema principal e não o esporte. Hoje quando a gente está dizendo, a educação problematizadora de Paulo Freire é, afinal de contas, aquilo que aconteceu durante o esporte que a gente vai problematizar, e não induzir os alunos a identificarem, e mesmo quando você trabalha com imagens, etc., já são materiais que induzem a uma certa... Porque o que que o método Paulo Freire colocava, olha vamos partir aqui da realidade das pessoas, como é que acontece a vida das pessoas, e agora vamos problematizar a maneira como as pessoas produzem a sua realidade, então vamos pensar jogando isso na Educação

Física, por isso eu fiz toda aquela fala das dificuldades de entendimento. Como é que acontece o futebol na sociedade, e aí pode ser como acontece no intervalo na escola, como acontece o futebol na sociedade, bom agora vamos ver, vamos discutir o que está acontecendo, porque a não ser que no final de semana passado, um jogador argentino tenha se referido a um jogador brasileiro, porque aconteceu na semana passada né, de maneira racista, preconceituosa, etc., você forçar essa situação que eles não estão vivenciando, que está longe da realidade deles é, no meu entender, bem problemática né. Então por exemplo, o trabalho lá com a marionete, que eu achei interessante, achei interessante, vamos separar uma coisa da outra né Talita, que eu acho legal as coisas, e que eu ache que seria interessante que acontecesse, mas não na aula de Educação Física, porque a Educação Física não trabalha com essa linguagem, a Educação Física trabalha com outra linguagem, né então a Educação Física tem que tematizar brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, então acho que esse trabalho cairia muito bem em outro espaço.

Sem contar que você também se entrega muito né, Talita, no material, qual você vai falar da avaliação. Então, em todos os planinhos lá, quando você coloca avaliação, aí você pede para as crianças dizerem como eles se sentiram, o que elas viram, etc., ou seja, essa é uma avaliação do que aquela atividade suscitou nelas, e não uma avaliação que permite você enxergar como elas se apropriaram do conhecimento, do que o conhecimento significou para elas né, ou do ponto de vista do Paulo Freire, como que aquela experiência muda a intervenção dela na realidade, né... Porque vamos lembrar que a grande preocupação de Paulo Freire é mudar as relações na realidade, e não o que eu penso sobre aquela situação em si.

Tem uma coisa, que logo depois que eu li, eu fiquei com vontade de te falar, que o primeiro livro do Paulo Freire que eu li foi Educação como Prática de Liberdade, eu lembro direitinho, eu era funcionário da Rede Municipal, a gestão era do Paulo Freire, eu li aquele livro pra tentar entender aquilo que se dizia na rede, e eu pensei que eu tivesse que parar as minhas aulas, depois que eu li aquele livro, eu pensei, nossa eu tenho que para as minhas aulas e discutir reforma agrária, né, e olhando o que você descreveu, eu disse, nossa, ela vai parar as aulas e vai discutir a questão do preconceito, e aí, nós que temos essa visão mais progressista da Educação Física, eu estou me colocando também, a gente acaba sendo, às vezes, é... acusado de colocar a Educação Física a serviço de outra coisa. Então eu acho que você tem que tematizar as práticas corporais, e na medida que as questões de preconceito aparecem, aí elas precisam ser problematizadas, então, de gênero, de etnia, de raça,

né, de religião, e aí, quando você leva imagens para eles, para induzir essa questão, a imagem lá daquele jogador sendo assim, bastante violento com a árbitra né, aí você está fugindo daquelas questões que são as práticas corporais, e o professora de Geografia poderia fazer isso, o professor de História poderia fazer isso, não deveria né, mas poderia fazer isso, e o professor de Sociologia poderia fazer isso, usando até a mesma imagem. Então... Percebeu, você entendeu o que eu tô colocando né.

TALITA: Sim, ouvindo o senhor professor, ficou bastante... agora, assim... me deixou uma questão... Desculpe mesmo minha ingenuidade assim, mas no seu ponto de vista, como eu conseguiria fazer uma pesquisa diante disso, diante dessa realidade, ali do meu aluno, no caso diante de algum acontecimento, algum fato e tal... Porque assim, não tem como eu prever, vai acontecer algo e tal, que eu vá conseguir problematizar e trazer?

AMIGO 1: Então, porque na verdade, a questão do opressor e do oprimido, essa relação, ela acontece a todo momento, em todas as situações.

TALITA: É... Essa primeira aula eu tentei fazer com eles, eu levei essas imagens, eu tentei trazer para isso.

AMIGO 1: Certo, então, se eu fosse você, o que eu faria, se essa é a sua questão né... Eu trabalharia... Eu desenvolveria meu trabalho nas aulas de Educação Física, mas claro né, aulas de Educação Física inseridas nas áreas das linguagens, aulas de Educação Física progressistas, e aí, na medida em que essas coisas fossem aparecendo, aí você problematiza essas questões, ou seja, com elementos concretos, porque eu acabei de orientar, minha orientanda acabou de defender uma dissertação de mestrado, discutindo essas relações de gênero né, a partir de estudos feministas, da teoria *Queer,* e ela, na escola ela tematizou basquete, e aí foi todo um processo de problematização de como as meninas se viam no basquete, de como os meninos viam as meninas no basquete, como os meninos se viam no basquete, mas foi um trabalho bem longo, e outra, não tem uma solução fácil, do tipo, olha agora todo mundo joga entendendo que todo mundo é igual, não porque as relações sociais são mais complexas do que simplesmente quadra de basquete, mas pelo menos agora, as meninas e os meninos, eles percebem como essas coisas operam nas aulas. Então, as questões de opressão, você não precisa simular as questões de opressão, com

imagens, ou com situações problema, você pode trabalhar com aquilo que acontece durante as aulas mesmo. É, eu acho que seria um trabalho bem interessante, bem importante, e aí sim você colocaria na prática essa proposta da Pedagogia do Oprimido né.

TALITA: Tá, legal. E aí o senhor acha que não teria problema, por exemplo, tendo acontecido isso, dentro da minha aula, eu acabar problematizando, e tentar discutir isso através de uma prática do teatro do oprimido?

AMIGO 1: Não, não teria problema, você poderia pegar alguns pressupostos do Teatro do Oprimido, mas pensar nas aulas de Educação Física, ou seja, o teu objeto Talita, é brincadeira, dança, lutas, jogos, esportes e ginásticas, e todas as relações que acontecem nisso, então, crianças brincando de boneca, crianças brincando de vídeo-game, jovens brincando de vídeo-game, ou seja, essas relações estão postas, que é a vida em sociedade que a gente transplanta para essas questões.
Então, quando você vê alguns garotos excluídos, né, você colocou lá uma série de garotos americanos, subindo na corda lá, né, ou seja, quantas vezes a gente não vê situações de exclusão nas aulas de Educação Física, eu acho que aquilo pode ser objeto de discussão, e de ressignificação por parte das crianças. O que não significa solucionar tudo né, porque na verdade, a experiência do Teatro do Oprimido é que as pessoas de fora ficassem pensando, que elas pensassem aquilo que estava acontecendo com elas né, então, acho que se a gente fizer as crianças pensarem como elas são agentes da opressão, e como elas são oprimidas, nas relações entre elas mesmas... Nossa, já é...

TALITA: É, acho que de alguma forma além de deixar um pouco de lado a Educação Física em si, assumo completamente, acho que de alguma forma eu tentei, não digo manipular, mas já manipulando, para obter de alguma forma as respostas que eu gostaria né.

AMIGO 1: Sim, porque é claro né Talita, quando você vai lá e coloca o “Mario o marionete” né, aí depois você coloca para as crianças, descreva situações de vida em que nós somos marionetes, nossa né...

TALITA: Tá, acho que já consegui assimilar bastante coisa assim...

AMIGO 1: Quem está te orientando Talita?

TALITA: A professora Isabel Porto Filgueiras.

AMIGO 1: Ah verdade, você falou...

TALITA: Pois é, ela mesma falou que é muito pouco... Na verdade assim professor, meu trabalho começou, eu queria entender a perspectiva discente, porque eu acho que falta muito isso, até assim, eu apresentei um trabalho aí no último seminário da instituição, e o trabalho foi premiado, o professor falou muito bem, falou sobre essa necessidade que a gente tem ainda de ouvir essa perspectiva discente, e aí eu me encantei pelo tema. E aí acho que eu tentei juntar muita coisa, as coisas que me agradam, que eu gostaria né, de alguma forma não sei se eu consegui lidar bem com fazer a pesquisa e ao mesmo tempo ouvi-los.

AMIGO 1: É.

TALITA: Acho que esse foi o meu maior... Ouvindo o senhor agora, assim...

AMIGO 1: Então, mas o grande desafio de investigar a própria prática é esse né, além do que a condição de professora e de pesquisadora, está lá tudo ao mesmo tempo né, e os estudantes, além de serem seus alunos, são sujeitos da sua pesquisa, então, não é fácil, é possível, dá pra fazer, muita gente faz, no meu mestrado e doutorado eu fiz isso, porque eu estava na escola fazendo isso, mas eu acho que por isso que você tem que localizar bem, tem que localizar bem. Porque eu penso... Imagina se você for interromper o trabalho que você está fazendo agora, para desenvolver essas 8 aulas, gente.... já vai ficar muito artificial né, porque aí fica muito artificial mesmo né, é como se eu pedir teus alunos emprestados para fazer um experimento, já muda totalmente a situação né.

TALITA: É, de novo pedindo uma dica né, como eu posso garantir que eu conseguiria fazer essa escuta? Então, pensando de fazer essa sequência, concordo muito com o que o senhor me trouxe, me elucidou bastante né, de como eu conseguiria fazer isso e utilizar, se não de fato, essa parte de perguntar, como eles se sentiram, e tal.

AMIGO 1: Então, hoje como a gente tem outros recursos né, quase todas as escolas, as crianças podem ter, acho que é legal que quando você reunir em grupos e tal, para discutir... porque problematizar é problematizar a vivência também né, ou seja, aí acontece alguma coisa, ou você percebe alguma movimentação, percebe a exclusão, percebe o time só de meninos, ou você percebe que a voz das meninas, ou de alguém, não das meninas apenas, nunca é ouvida, nunca é sugerida, ou seja, e aí que você distribua em grupos e eles vão discutir isso, eles vão colocar isso, ou mesmo você em uma roda, discutindo, você grava a fala deles no celular, e eles também, eles podem gravar no celular...

TALITA: Roda de cultura?

AMIGO 1: É, isso, círculo de cultura, e passar para você, ou seja, existem outros recursos porque hoje quase todas crianças, tem celular né, ou você pede para elas mandarem uma mensagem para você sabe, sobre o que que elas estão pensando, você também pode pensar outras maneiras de captar o momento né, você também pode filmar... ou seja, agora, pedir para eles escreverem, quando a criança, criança ou nós mesmos né, quando a gente vai escrever, a gente já escolhe as palavras né, a gente já faz de um outro jeito.
Na verdade, olha... “Elabore uma ilustração sobre como se sentem, sendo, ou não, marionetes da sociedade”, então a tendência do pessoal caminhar para uma representação que é mais aceita, coletiva, é grande né.

TALITA: Tá, e aí por exemplo, fazer esse círculo de cultura, e pensar em por exemplo, uma prática de indicar que eles representem isso, através de uma pequena *squet* de teatro...

AMIGO 1: Mas aí foge do que você está trabalhando né... Se você está trabalhando uma brincadeira, se você está trabalhando um esporte, uma ginástica, aí de repente vocês vão fazer um teatro. Porque alguns autores, quando eu comecei a ver aqui, alguns autores defendem que inclusive, que a aula de Educação Física, ela é uma encenação em si né, porque aquilo que a gente está fazendo, é uma representação da brincadeira, é uma representação da dança, uma representação da luta né... Então

se você está trabalhando luta com eles, não é a luta que faz na academia e nem a luta que es faz no ringue né, é a luta que é possível fazer na escola.

TALITA: É, eu não tinha pensado por isso... Assim professor, eu acho que já me elucidou muito.

AMIGO 1: Mas assim, se você pensar na organização de um campeonato, ou de um festival de dança, ou alguma coisa assim que envolva muitas pessoas né, com muitas funções diferentes, você já vai ter uma boa situação, uma boa encenação né, em quem vai ser o técnico, em quem vai ser o juiz, quem vai ser o que vai registrar as coisas, quem vai ser o que vai cuidar da... quem vai noticiar os acontecimentos. Ou seja, você já tem uma encenação, que eles não precisam saber o que você está fazendo né, que é importante que eles representem aqueles papéis da melhor maneira possível.

TALITA: E aí né, dentro disso, eu consigo, diversas atitudes, diversas pessoas, aí provavelmente, eu consiga também... eu encontre aí diversas situações problemas para trabalhar né?

AMIGO 1: Exato! É possível né, mas tem que ter relação direta com o que você vêm fazendo durante o semestre né, porque se você faz isso só para pegar os dados, aí artificializa demais né. Pensa no assunto Talita.

TALITA: Já comecei a pensar já, é muito bom ouvir alguém de fora, desculpe lhe encher.

AMIGO 1: Imagina!

TALITA: Eu admiro demais o senhor, já fiz cursos, já estive em aula com o senhor, então assim, eu falei, acho que é alguém que vai me ajudar muito, e não estava errada, sem dúvida. Posso refazer aqui minhas questões e lhe enviar novamente?

AMIGO 1: Claro, claro, eu estou aí para ajudar mesmo.

TALITA: Muito obrigada então, porque acho que agora com toda essa visão, fica muito mais fácil.

AMIGO 1: Tá bom, perfeito, como você quiser.

ENTREVISTA COM AMIGO CRÍTICO 2

TALITA: Então professor, boa tarde. Eu sou atriz e professora de Educação Física, então eu acabei tentando juntar essas duas paixões aí. E aí eu pensei... Eu fiz aquele projetinho, meio aula por aula, e busquei a ajuda dos amigos críticos para falar sobre. Uma amiga falará sobre Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido, outro sobre Educação Física e teorias críticas, e gostaria de alguém para fazer do Teatro do Oprimido, então me lembrei de ti, que acredito que possa contribuir muito para meu trabalho.

AMIGO 2: Tá, então vamos lá.

TALITA: Então a minha primeira pergunta, especificamente é sobre o que o senhor achou do trabalho em si, do projetinho né.

AMIGO 2: Eu achei... Eu gostei muito, acho que traz uma reflexão, como eu diria... Aplicada né, para abarcar o Teatro do Oprimido, nesta ideia com uma atividade na sua área que é a Educação Física. É... Eu fico muito contente com isso porque cada vez mais eu vejo que o Teatro do Oprimido, ele penetra diversas áreas do conhecimento né. E acho que você traz uma ideia muito rica, muito significativa, eu gostei muito. É muito belo ver sua vontade de juntar essas duas áreas, de entender o Teatro do Oprimido como um agente de educação e transformação dentro de outra área, é muito incrível isso! Seus objetivos, sua colocação, eu gostei bastante.

TALITA: E então professor, diante dos objetivos, o senhor acha que eu consigo alcançar, com esse projeto?

AMIGO 2: Você está com seu texto aberto?

TALITA: Tô!

AMIGO 2: Vamos dar uma lida nele que eu acho que é bom.

TALITA: Tá ótimo. O senhor fala dos objetivos?

AMIGO 2: Isso.

TALITA: Então professor, objetivos... Como objetivos eu coloquei: Construir de forma colaborativa por meios de elementos do Teatro do Oprimido, uma proposta para o ensino da Educação Física que seja mobilizadora do diálogo e da escuta, e analisar as significações produzidas pelos alunos, sobre o processo educacional ocorrido durante essa pesquisa.

AMIGO 2: Perfeito, eu acho que está muito claro. Muito claro... O objetivo está factível, porque quando você vai fazer uma pesquisa, tem que ser algo factível. E eu acho que... Eu acho o objetivo coerente. É possível e significativo. Essa é minha opinião né.

TALITA: Já, é a professora doutora Isabel Porto Filgueiras, eu já estou no finalzinho aí, né... É que assim... A minha intensão inicial seria aplicar esse projeto, só que eu tive uma grande dificuldade por conta de burocracia e tudo mais, por parte da própria instituição e tal, e aí conversando com ela, a gente pensou nessa ideia, de procurar especialistas, que pudessem... Já que eu não conseguiria, a princípio, neste primeiro momento, aplicar a pesquisa, mas que pudessem me nortear aí, enquanto a ela.

AMIGO 2: Tá, entendi, ou seja, pode ser que você realize ou não a ação, é isso?

TALITA: É, na verdade, eu pretendo, nem que não seja para o mestrado, que seja depois, para uma publicação, né, eu quero aplicar.

AMIGO 2: Perfeito... Perfeito. Muito bem, essa sua fala, ela norteia também a minha resposta.

TALITA: Ah que bom, legal. E professor, de alguma forma, o senhor não acha que eu possa estar trazendo... Quando eu trago já mensagens... Algo assim, fechadinho, esse projeto já assim fechadinho, que eu não estaria induzindo os alunos a pensar de determinada forma, enfim...

AMIGO 2: Boa pergunta! Boa pergunta e que também tem a ver com o objetivo. É, você já está no fim do mestrado, já deve ter lido muita coisa, talvez visto, praticado, enfim, do ponto de vista metodológico, e ético, né... É importante, quase fundamental, que a ação, que vai tocar em algum problema, que ela não seja de fato, é... Levada pelo pesquisador, pelo multiplicador. Quer dizer, o pesquisador tem sua motivação, né, o multiplicador, no seu caso. E essa motivação, que é uma motivação crítica transformadora, que quer tocar nas questões sociais e de opressões contemporâneas aí, tá certo, isso é um aspecto importante, você não é neutra, você tem a sua intenção, tanto é que você está terminando um mestrado, mas essa ação, junto com um grupo de alunos, de educandos, ela tem que ser feita por meio de uma postura dialógica, né... Ou seja, ela tem que nascer daquela comunidade. Você tem sua proposta de trabalhar questões da Educação Física, trazendo aí do Teatro do Oprimido, mas quando você toca em um problema, esse problema, ele tem que ser levantado junto com seus pares. Nesse caso, mesmo que você seja um sujeito interno, ou externo dessa comunidade, não é nenhum problema, mas ao abordar o problema, é importante que não influencie, mas a base que dá origem para esse trabalho teatral, nasça de uma relação com o sujeito daquele lugar. E isso pode ser feito, você sabe muito bem, escutando. Portanto, fazendo uma... uma... Um círculo de cultura, que seja, uma roda de conversa, uma roda de prosa, e tentar levantar desses sujeitos quais são os problemas. E aí tem outra coisa importante, que sejam problemas, que sejam problemas que devem surgir para serem transformadas naquele lugar. Né, você leva sua vontade, no entanto, ao escutar, é importante que essa pergunta seja uma pergunta que provoque, ou pelo menos que anime aquela comunidade a falar daquilo que ela quer transformar. Essa é a base. Nesse sentido nós podemos depois ter então a Educação Física, a Filosofia, a Astronomia, todo e qualquer saber, mas quando vai trabalhar com o teatro do oprimido, esse ato de escuta, para levantar um tema, aí sim ele se faz fundamental. Caso contrário, se você leva ao que é da sua vontade, não é... A palavra induzir não é uma boa palavra, mas é algo que está distanciado do que é de fato, o desejo daquele lugar. Né.... O Teatro do Oprimido não lida com uma dramaturgia pronta. Eu lembro muito bem quando... Eu também sou ator de formação,

eu fiz o... Eu sou licenciado em teatro, mas antes eu ainda fiz a escola de teatro, de formação de atores, o curso técnico de formação de atores, era uma escola muito importante, mas a coisa que mais me angustiava, que me causava uma série de perguntas, era quando a gente tinha vontade de montar um espetáculo, montagem feita pelos atores, essencialmente, aí, naquela época eu fiz escola de atores, nos anos 90 ainda, eu ficava pensando assim, puxa vida, o que é que nós vamos montar? Ai, qual era o mecanismo para montar? Os anos 90 não estava tão longe assim... O processo era qual? A gente ia para a biblioteca do teatro universitário, ou íamos para onde tinha texto, vamos para a biblioteca procurar autores. E eu pensava, puxa vida, será que preciso esperar um milagre bíblico, para encontrar um texto que se adeque, e essa coisa sempre me intrigou. A gente vivia escravo de uma dramaturgia, de um dramaturgo, essa dramaturgia de referencial, vamos para Brecht, vamos tentar Nelson Rodrigues... ah não, tem uns autores ingleses, americanos, mas, desculpa, o teatro ele é feito por mim também, e o Teatro do Oprimido, está anos luz a frente, a montagem nasce de nós, e aí quando nasce da gente, não tem o risco de uma indução. Porque induzir, neste caso, um tema, um desejo, é como ir contra o desejo transformador, pelo qual o Teatro do Oprimido se presta.

TALITA: Legal... Ótimo. Então professor, o senhor acha que, por exemplo, as estratégias utilizadas, que os jogos teatrais utilizados, eles são interessantes, que são legais de serem aplicados, que eu conseguiria esses objetivos, desde que eu não trabalhasse esse movimento de levar o que é meu de interesse?

AMIGO 2: Exatamente! É... Acho que é tão rica essa sua proposta, porque, primeiro, você trabalha com Educação Física né, e quando você fala dos jogos, os jogos têm todas essas dimensões que você está falando aí, a perspectiva de trabalhar o corpo, inclusive numa perspectiva de educação corporal, porque aqueles 400 jogos têm tudo isso, mas eles também são preparatórios para o trabalho teatral. Então você tem aí, para sua postura crítica, por exemplo, de criticidade, você tem esses instrumentos, vamos chamar os jogos de meios pedagógicos, meios teatrais, eu acho que eles são sim, muito ricos. Do ponto de vista da Educação Física, eu acho que ele pode ser tão explorado, tanta coisa que é mesmo para o corpo, enquanto arte, enquanto preparação atoral, ou de atriz, e ao mesmo tempo é um exercício que coloca o corpo em uma dimensão de alta percepção, para se expressar, para se colocar em

movimento. Então eu acho que sim, que é um mecanismo importante, os jogos e depois uma sequência que você preconiza em seu projeto.

TALITA: E, assim, o senhor acha que para ele ter mesmo essa característica de Teatro do Oprimido, de alcançar essa reflexão aí, para transformação. O senhor acha que falta alguma coisa? O senhor me indicaria a colocar alguma coisa?

AMIGO 2: Eu não acho que falta alguma coisa não, sabe Talita, eu acho que precisa é coordenar suas ações, né... Por exemplo, eu vou te fazer umas perguntas, olha, você está me entrevistando, e agora que faço perguntas, é que nós vamos tendo um diálogo...

TALITA: Sim!

AMIGO 2: A primeira coisa, então vamos rever lá no seu projeto, qual o número de pessoas que você pretende trabalhar?

TALITA: Em média 30, que é uma sala de 9º ano.

AMIGO 2: É uma classe inteira né, de 9º ano. Ou seja, eles são do 9º ano, é Ensino Fundamental, eles são bastante adolescentes já, quantos anos?

TALITA: Eles têm 13, 14.

AMIGO 2: Essa sua ação é dentro da Educação Física?

TALITA: Sim, dentro da minha disciplina. Porque a princípio ela nasceu da necessidade de escuta dos discentes, na minha disciplina. Então foi pro meio do auto-estudo tal, até onde eu cheguei nessa pesquisa-ação aí.

AMIGO 2: Muito bem, então já é uma comunidade né, que se encontra diariamente, que faz parte de uma classe, já está muito adequado, de uma escola né, você já tem aí um método, e dentro da sua ação, você deseja afrontar temas, você coloca temas muito contemporâneos, quais são os temas?

TALITA: É, eu trabalho no Esporte, com o racismo, a questão da mulher, o preconceito contra a mulher no esporte, é contra os biótipos né, então a questão da gordofobia, por exemplo, de raça também, classe social, e assim, o posicionamento de ser marionete, de ser marionete da situação atual, do governo, da sociedade, enfim...

AMIGO 2: Então, é totalmente bacana, nossa eu tô adorando esse negócio. Você pretende fazer o que com essas turmas? E você pretende fazer teatro fórum?

TALITA: É, eu pensei no teatro fórum sim.

AMIGO 2: Então, eu acho extremamente adequando, quando eu te disse agora pouco, eu acho que você precisa agora coordenar, coordenar a ação metodológica do Teatro do Oprimido, então você já tem elementos suficientes aí para a sua... para ainda, arredondar o seu projeto, que é isso, é o processo de escuta né. O processo de escuta com eles, o levantamento dos temas que são ligados, que já são ligados à Educação Física, né, ou seja, com essa turma de 30, com certeza você vai afrontar vários temas, não um apenas né, são vários temas, isso em tese estamos fazendo um pensamento em tese, e seriam então, várias cenas de teatro fórum.

TALITA: Sim.

AMIGO 2: É a técnica extraordinária para você. Perfeito. Outra coisa que tô vendo de importante aqui, é a escuta, divisão de grupo, o modo como serão divididos os temas, naturalmente né. Porque na verdade, quando você fala desses temas, os temas já são pré-existentes, por isso, não vejo como uma indução, eles não são uma indução, eles já são pré-existentes né. Olha, na Educação Física nós temos esses... Na Educação Física não, na vida, nós temos esses problemas, no caso, a Educação Física torna isso latente. Legitimar com o grupo os temas, legitimar assim, vocês acham que esse tema tem relação com à Educação Física, ouvir eles né, e depois fazer o procedimento metodológico do teatro fórum. Que é isso que você sabe muito bem, trabalhar com os jovens e fazer as técnicas de ensaio, e fazer a montagem da dramaturgia que nasce deles e ir para o fórum. Então quer dizer, é só questão de coordenação de ação, que você que, talvez revise o que você escreveu.

TALITA: Essa é a intenção, por isso ouvir quem entende do assunto, para me ajudar mesmo.

AMIGO 2: Uma coisa que eu táva pensando aqui Talita, é porque eu vejo, de proximidade mesmo com a Educação Física, é de deixar nítido, talvez, é que... como se fosse um recorte mesmo, preciso, trazer esses temas para a realidade da Educação Física. Por exemplo, os temas que você disse, violência contra a mulher, gordofobia, certo, são temas amplos, gerais, da sociedade. Se você fizer esse teatro fórum, pensando em uma discussão em termos de sociedade, de mundo, você está fazendo teatro fórum, aí você perderia a oportunidade de tocar em um objeto que é seu, que é a Educação Física. Porque gordofobia nas aulas de Educação Física, quanto não tem? Aí, acho que seu trabalho ganha originalidade, quando você traz para a Educação Física, para sua história, sublinhar a Educação Física, né, porque senão, se você abre, é perfeito, mas aí, você está só fazendo Teatro do Oprimido com uma turma de 9º ano.

TALITA: É, aí não tem especificidade.

AMIGO 2: Exato, é o que eu acho que o seu projeto me traz de frescor, é a vantagem dele, que é dentro da Educação Física, e uma outra coisa que eu acho que seu projeto traz, é como uma metodologia artística também pode servir a este saber que é a Educação Física, ou seja, é como se ela também virasse, é estar dentro de uma Educação Física, doutorado isso daí.

TALITA: Olha aí... É bem essa minha intenção.

AMIGO 2: Doutorado irmã! Puta merda, que maravilha! Vai ser demais! Já imaginou? Uma metodologia artística, que se presta à Educação Física... Mas isso é uma via já para o doutorado né... Eu acho que se você coordenar essa ações, eu vejo aí a riqueza de suas propostas. Trazer sempre esse discurso, essa importância aí, do aspecto pedagógico do Teatro do Oprimido, que nós temos essas três... nós temos essa tríade aí, que a área pedagógica, que é a área artística e terapêutica né, eu acho que estar sempre dialogando com o autor né.

TALITA: Ah professor, eu acho que era isso aí, saber o que o senhor achou, e saber o que o senhor acha que eu poderia estar melhorando, enfim. Eu gostaria de saber se posso fazer algumas alterações e te enviar novamente?

AMIGO 2: Pode, faça e pode me enviar que eu... Aí quando você me enviar, eu talvez escreva um pouco para você, eu dou uma atençãozinha na escrita, talvez não seja muita coisa, mas te mando por escrito se você quiser.

TALITA: Ah, por favor, seria ótimo.

AMIGO 2: Então tá bom, eu fico aguardando, e sucesso, eu adorei. Sabe o que me faz gostar muito dessas ideias? Eu estou escrevendo um artigo sobre o Teatro do Oprimido e a relação com outros saberes, e você vai encontrar aí o Teatro do Oprimido dialogando com Filosofia, com Sociologia, com outras áreas artísticas, e etc, e você está me trazendo uma coisa que olha, guarde isso aí, guarda isso aí, que é muito bonito ver essa possibilidade, que uma metodologia artística pode ser inserida dentro de uma ciência que é a Educação Física.

TALITA: Ai que bom, fico muito feliz, sem dúvida foi muito enriquecedor para mim, e vou tentar agora dar uma olhada para o meu projeto diante disso que nós conversamos, te envio e aguardo seu retorno.

AMIGO 2: Tá bom, sucesso em seu trabalho.

ENTREVISTA COM AMIGA CRÍTICA 3

TALITA: Primeiramente obrigada professora, por aceitar me ajudar, participar dessa loucura aí. Então professora, eu queria te perguntar, primeiramente, o que a senhora achou do projeto?

AMIGA 3: Então, em termos gerais, né Talita, pera aí que eu estou abrindo aqui, eu tenho meus comentários, e depois eu compartilho contigo tá. Então é assim... De forma geral, eu acho que é um projeto bem bonito. Essa discussão sobre os

marcadores sociais, sobre a desigualdade social, sobre a opressão. Eu acho que é muito importante, que a gente traga para a escola e para as aulas de Educação Física. Acho que você tem estratégias bem selecionadas, uma organização interessante. Eu fiquei pensando, depois eu coloquei uma pergunta lá, não sei se você quer responder ou não, o porque você não aplicou nas suas aulas e depois relatou, porque para isso, você não precisaria necessariamente, você precisaria da autorização da escola talvez, mas eu acho que nem isso você precisaria, porque é sua prática, se você não fosse falar dos alunos, se você não fosse se referir a escola, porque se você fosse contar a sua experiência, eu acho que não teria problema. Porque assim, eu imagino que isso daqui você já faça nas aulas, pelo menos algumas coisas.

TALITA: É, algumas coisas eu já faço.

AMIGA 3: É... Porque assim, ao olhar o seu relato, tem aula que eu consigo ver tudo o que vai acontecer, tem aula que não, que eu não consigo... Que eu fico pensando, nossa, pode acontecer tanta coisa nessa aula. Que então a aplicação, se você tivesse a opção de relatar as experiências, eu acho que ficaria bem enriquecedor. Mas se não fizer isso agora, nada impede também de fazer em outro momento.

TALITA: Ah sim!

AMIGA 3: Então, isso de forma geral. Tem aula, a primeira aula por exemplo, eu consigo entender bem o que você vai fazer, a segunda aula... Tem algumas outras que não. Mas eu posso te falar um pouco mais depois. Eu achei que os objetivos, você elabora objetivos de ensino, e não de aprendizagem tá. Então eu sei o que você pretende, mas eu notei, que em alguns momentos, eu não sei o que você deseja dos alunos, o que eles aprendam com isso. E aí, daqui a pouco eu te dou alguns exemplos. É... Também em algumas aulas eu consigo ver bem que isso dialoga com a Educação Física, em outras aulas eu fico pensando, onde entra a Educação Física aqui, porque poderia ser aplicada em uma aula de Artes, por exemplo, ou até em uma outra aula de algum outro professor, que tivesse a intenção de trabalhar, principalmente a opressão, de História, de Geografia, poderia trazer essa discussão também. E há aqui, essa questão do projeto mesmo, que era a terceira pergunta, que a impressão que eu tenho é que você algumas coisas você já fez, porque tem momentos que você fala, o verbo está diferente, enfim, não sei, mas as vezes dá a impressão de coisas que você

já fez, e outras não, por isso que eu perguntei, porque que você não faz, não fez esse relato né, dessa aplicação. Então esses são os comentários gerais, né Talita. Você quer que eu faça uma análise mais pontual em alguns momentos, porque assim, eu não estou detalhando muito, tem um ou outro momento que eu tenho algumas questões ou comentários tá. Ou você quer colocar outra pergunta? Então não sei o que você prefere.

TALITA: Mas assim, a princípio o que eu tenho de pergunta, era isso, a sua visão, e assim né, nessa minha tentativa de dialogar com os estudos de Paulo Freire, se a senhora acha que eu consigo fazer isso, que eu consigo atingir os meus objetivos. Essas são as duas perguntas mesmo que eu tenho, e o resto eu gostaria que a senhora falasse mesmo o que achou.

AMIGA 3: A ligação, a conexão entre com Paulo Freire é muito evidente. A conexão com a Educação Física, é que eu acho que você precisará trabalhar um pouco mais, minha concepção. Mas assim, fica muito evidente, que a ideia da pessoa tomar consciência dela, do mundo em que ela está né, como propõe Paulo Freire, essa conscientização, essa busca por essa conscientização, e aí essa conscientização exige, e você fala, você propõe isso na aula, que a pessoa analise que ela é oprimida, sim, mas que ela entenda que ela é também opressora né. É, que essa pessoa... Ah uma tendência, não sei se no 8º, no 9º ano também, isso acontece, mas acontece que é uma tendência grande que a gente veja a opressão do outro, e não que a gente perceba que nós somos oprimidos muitas vezes né, as pessoas fogem de olhar para sua realidade, e isso é uma parte muito difícil do seu trabalho. Porque você vai colocar essas crianças, esses jovens, numa sensação, numa percepção que é dura né, é dura para a gente, mais velhos né, tem hora que você fala, que você olha para esse país, e você pensa o que é que eu tô fazendo aqui, não de sair do país né, mas o que eu tô fazendo nesse mundo, porque isso daqui não tem solução. Né, tem horas que a gente enfrenta isso, nós que somos maduras, imagina para os jovens de 9º ano então, por isso tem que tomar muito cuidado. Por isso que seu relato, de como você fez é tão importante né. E aí eu insisto, não dá para fazer agora, mas que em outro, você traga essa discussão, porque eu acho que para outros professores, os outros professores de Educação Física perceberem dos desafios que são trazer essa temática para os jovens, das reações deles e delas, porque eu fico imaginando que você pode ter alguns, deve ter alguns e algumas alí, que vão passar por isso sem

refletir muito, sem dar muita atenção, ou como acontecia quando eu dava aula para vocês na faculdade, para alguns é assim mesmo, é um mundo de levar vantagem, é um mundo de eu oprimir. “A senhora professora que é a sonhadora de achar que não, que isso tem mudança, é cada um por si.” Então imagino que 9º ano, imagino que vai ter bastante disso aí, e tudo bem né, porque a gente não acha que em 8 aulas a gente vai transformar esses alunos, mas pelo menos jogar algumas sementes, provocar reflexões né, acho que isso é bem importante. Então quando você me pergunta, o quanto isso tem inspiração em Paulo Freire, é coerente com as ideias de Paulo Freire, pela proposta em si, eu vejo total coerência, pelas atividades que você propõe: dele olhar para si, dele olhar para outras pessoas e para um contexto social mais amplo. Eu acho que Paulo Freire ia propor exatamente isso, a ideia é a codificação, na percepção de sua realidade, e a decodificação, agora, a decodificação, eu não acho e nem imagino que Paulo Freire acharia que isso vai acontecer tão rapidamente, que o nosso papel é de ir provocando, e isso é processo né, é bastante importante, mas é processo. Ai eu vou falar das partes que eu marquei, depois se você quiser perguntar alguma coisa também, com algum detalhe maior, você me avisa. A aula 1, tem bastante informação, eu vejo todas as charges ou imagens que você vai usar, elas são em si provocadoras, depois pode surgir um debate sim, delas falando um pouquinho disso. Na aula 1, não é na aula 1, é em geral, eu fico pensando em qual será o papel da Talita, você já antevê qual será sua ação alí, quando eles não tiverem muito a dizer sobre a charge, como é que você vai reagir? Quando alguém disser que assim mesmo, que o mundo é assim, ou que o mundo é de quem tem mais vantagem, ou que a segregação das mulheres, há é assim mesmo, “Mas a mulher é mais frágil né professora”, como é que a Talita age nesse momento, se a Talita joga a bola, porque provavelmente as meninas vão discordar, ou outras pessoas vão discordar, como é que você faria essa mediação? Eu acho que para entender melhor a aula você poderia colocar um pouquinho do que você pretende de mediação, tá. Na aula 2, você coloca como objetivo: Proporcionar um movimento inicial de mudança do *status quo*, de determinada situação opressora. Veja porque que é de ensino, isso é o que você pretende, mas ao final da aula, o que você pretende que os alunos tenham feito? É o que eles farão que vai dar origem a esse movimento inicial que você está dizendo, não é?

TALITA: Sim!

AMIGA 3: Então, espero que eles percebam a relação das cenas com a realidade deles, ou que eles analisem a atitude de cada um na cena, que eles percebam a retirada, que você vai chegar a dizer lá embaixo né, que é a pessoa né, intervenção, aí você pede que eles repitam, e você vai tirar da cena algumas pessoas né, para que eles percebam que sem opressor, não haverá opressão e nem oprimido. Então, na verdade, eu acho que é isso que você que nessa aula para os alunos, que eles consigam perceber o papel de opressores e oprimidos e a relação entre eles. Então essa é um dos exemplos do que eu falo que seus objetivos precisam focar mais nos alunos e menos no professor. Nesta aula 2, eu fiquei na dúvida assim, se você olhar, não tem nenhum momento em que a Educação Física esteja presente sabe, e aí, não quer dizer que ela esteja ausente, mas ela não aparece explicitamente, mas eu pergunto à você: Quando eles elaborarem essas cenas, a ideia é que sejam cenas específicas do contexto da Educação Física, do Esporte, Jogo, ou não, você vai deixar livre? E a minha... Quando eu faço essa pergunta, não significa que eu ache que tudo que você for fazer tem que ser especificamente de Educação Física, não é isso, eu não tô achando que todas as atividades, as cenas precisam ser da Educação Física, mas eu acho que precisa ter, desde... indo do mais amplo, até chegar aonde a gente está discutindo, então indo de questões mais amplas, para chegar na Educação Física, né. Então, tem algumas aulas que eu sinto falta de saber qual, se você vai tratar ou não disso, da Educação Física. Na aula, no final da aula 3, da marionete também, como é que você vê essa relação com a Educação Física, porque tem algumas coisas que são corporais, de olhar para o outro, do outro olhar para mim, mas acho que você poderia deixar mais explicito se você quer, ou não, essa conexão com a Educação Física tá, pode ser que não. E aí, eu até esqueci uma coisa que era possível que eu fosse esquecer, aí Talita, eu fiquei pensando uma coisa que eu já reflito a algum tempo: o quanto a gente faz na escola, na Educação Física, atividades que deveriam ser projetos da escola, não exclusivos da Educação Física. Esse seu projeto aqui, ele ficaria muito mais eficiente, muito mais coerente, se fosse uma construção coletiva, e que alguns professores tratassem algumas coisas, Artes, por exemplo, tivesse junto com você, tratando de alguns aspectos, dialogando todos juntos né. É, se a gente não tem na escola, eu sei dessa realidade, é difícil o coletivo na escola, as vezes você consegue com dois, três professores, mas um coletivo, uma escola que você que você consiga trabalhar uma temática dessas, com todo mundo, é realmente muitíssimo raro. Então se a gente fizer com pelo menos três professores, com alguns componentes curriculares, fica legal, isso é mais fácil. Se eu trabalhar na

escola e não tiver nenhum professor, eu não desistir, vou trabalhar do mesmo jeito, vou trabalhar sozinha né, posso fazer isso, e vou mostrar para a escola inteira depois, vou colocar foto no espaço inteiro para depois todo mundo ver o que a gente está fazendo. Mas eu acho que assim, talvez no seu próprio trabalho, você comente isso, quando eu olho para a aula, não é um projeto só da Educação Física, ou não poderia ser, porque a gente vai ter um impacto, mas é um impacto muito pequeno né. Aí tem o rap, tem a avaliação, tem a aula 5, a escultura, então tem aqui alguns comentários. É... Quando você propõe, algumas dessas atividades, eu já estou vendo estudantes do 9º ano, e aqueles mais chatos que não querem fazer, tem uns que não querem fazer nada, e tem uns que só querem fazer futebol né, então eu fico pensando assim, como é que você vai agir, estimular, quando você propuser que eles contem uma história da própria vida, e que essa história inclua diferentes temas, objetos, coisas, e que o outro grupo se proponha a representar. Tô achando... Tô visualizando aqueles que eu dava aula, quando era 9º, que era 8º, na verdade, naquela época, quantos não fariam, principalmente os meninos né, que são mais... menos expressivos aí, e tem mais preconceitos com essa questão de gênero. E como é que você age com isso, por isso, que se você faz o relato, fica mais interessante, como é que você pretende lidar com isso, essa é uma outra pergunta, que eu coloquei aqui. E na avaliação desta aula 5, você diz que vai avaliar a interação e a participação durante a aula, e aqui nessa aula eu também fico pensando como é que você vai fazer a conexão com a Educação Física, com o contexto da Educação Física, a gente não pode perder, embora eu seja educadora antes de ser professora de Educação Física, eu sou professora, e eu não dou aula de um componente, eu educo o ser humano como um todo, mas eu também tenho uma conexão, uma responsabilidade com a Educação Física, e aí, eu preciso garantir a presença da minha área aqui. Não fica evidente, nessa aula especificamente, como é que você vai trazer a Educação Física para o diálogo. E tem mais um comentário, depois eu mando para você ver esses comentários, mas são coisas que eu já falei.

TALITA: Tá!

AMIGA 3: Na aula 8 eu fiquei um pouco sem entender, eu achei que precisava de mais detalhes aí, então você vai fazer essa escuta, esse diálogo, como é que vai acontecer a aula? Eu entendi o objetivo, porque aqui traz, aqui com certeza deve haver a conexão com a Educação Física, a preparação desse manifesto, mas como é essa

preparação, em grupos? Vai pedir para eles trabalharem em grupos, ou não? Quantos grupos? O tempo é da aula inteira? Quais são as etapas dessa preparação? Esse manifesto fica pronto nesta aula, ou se não fica. Então, eu fiquei na dúvida, nesta aula eu acho que ela pode ser mais detalhada. E pensando que esse seu projeto, é um projeto seu, é um projeto que você vai aplicar, mas que depois você pode compartilhar com outras pessoas, para que elas entendam um pouquinho da sua proposta, estimulem as pessoas a olharem, tanto para o Teatro do Oprimido, que poucas pessoas conhecem né, quando para essa discussão que é tão relevante, se você deixar mais detalhado para as pessoas entenderem, é melhor.

TALITA: É mais fácil né!

AMIGA 3: Que elas entendam onde você quer chegar. Então, a minha análise mais geral, eu já te falei, e a análise mais detalhada, foi essa. Acho que a proposta, há uma tremenda coerência, há uma participação dos alunos, há uma conexão com Paulo Freire, isso a gente também pode ver. Tem diálogo, tem o estímulo que eles e elas se manifestem, participem, olhem para sua vida, então tem muita coerência aí. Acho que só conectar um pouco mais com a Educação Física, acho que tem que falar, tem que trazer essas coisas, do geral, para o específico, e detalhar mais algumas coisas. E é isso.

TALITA: Legal, legal! Então a senhora acha que esse é um trabalho relevante?

AMIGA 3: Sim, com certeza, com certeza.

TALITA: Tá professora... Era isso mesmo que eu queria né... Muito enriquecedor, realmente me fez pensar algumas coisas. Ah professora, muito obrigada, foi de imensa ajuda, eu gostaria de saber se eu posso aí, refazer, pensando em tudo que a senhora me disse e lhe enviar novamente para que a senhora possa olhar.

AMIGA 3: Pode sim.

TALITA: O que eu queria inicialmente era esse momento, e aí é claro que não tem que ter só por ter né, eu preciso refletir e usar, então, eu queria que a senhora pudesse dar uma olhada aí, depois.